

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1969

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

COMISSÃO DE REDACÇÃO :

Doutor MANUEL LOPES DE ALMEIDA

Doutor MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDÃO

Doutor TORQUATO DE SOUZA SOARES

(Professores Catedráticos da Secção de História)

Licenciado JOÃO MANUEL BAIRRÃO OLEIRO

Licenciado JORGE DE ALARCÃO

Licenciado MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

(Secretários)

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para revisão,
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE — COIMBRA — PORTUGAL

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1969

(Página deixada propositadamente em branco)

ESCAVAÇÕES EM S. SEBASTIÃO DO FREIXO (CONCELHO DA BATALHA)

Plínio, em sua *Naturalis Historia*, iv, xxi, menciona Collippo entre as cidades da Lusitânia. Pela maneira como enumera os povos, os *oppida* e os rios da Lusitânia podemos concluir que Collippo ficava para sul de Aeminium e Conimbriga; o seu assento exacto continua, porém, incerto.

As hipóteses de localização de Collippo

1. *Em Leiria*

Parece-nos ter sido Pedro de Mariz o primeiro escritor a localizar a cidade romana de Collippo no sítio onde assenta a moderna Leiria. Com efeito, nos *Dialogos de Varia Historia* «diz que Leiria tomou o nome, de Laberia Galla, flaminia da Lusitania, e se chamou primeiro Leria. Conservou este nome até que os romanos a tomaram aos lusitanos, mudando-se então para Callippo» (1). Seja invenção de Mariz, seja tradição mais antiga recolhida pelo nosso escritor, nenhuma fonte literária ou epigráfica fundamenta esta hipótese de Collippo ser nome dado pelos romanos a uma povoação mais antiga primeiramente chamada Leria. Pelo contrário, tal história é inaceitável.

A inverosimilhança desta afirmação de Mariz não exclui a possibilidade de Collippo ter tido assento onde hoje fica Leiria. Não temos, porém, outro argumento a favor desta localização que não seja a exis-

(1) Transcrito por Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1874, IV, 70, vb. Leiria.

tência, no castelo de Leiria, usadas como silhares, de algumas inscrições (1) e pedras lavradas aparentemente romanas. Ora é perfeitamente admissível que elas tenham sido trazidas dos arredores de Leiria. Por outro lado, nunca, que se saiba, foram encontrados em Leiria outros materiais romanos, o que seria de estranhar se ali tivesse sido Collippo.

2. *Em Arnal*

Nos meados do século passado, o Dr. D. B. Russel, reitor do Seminário do Corpo Santo, descobriu perto de Arnal, aldeia distante uma légua de Leiria para noroeste, um pavimento de mosaico. Foi publicado por John Martin no *Archivo Pitoresco* (2). Este e outros mosaicos do mesmo local foram mais recentemente publicados por Maria Cristina Moreira de Sá Douguédroit (3). A. Gonçalves, em «Excavações nas ruínas de Conimbriga» (4) transcreve, sem indicar donde, um trecho de M. Assas no qual este autor diz, referindo-se a Arnal: «donde se supone haber-se asentado la antigua ciudade romana Callippo» (5).

Também em Martim Gil, a cerca de 1 quilómetro para NNO de Leiria, se acharam mosaicos e restos de habitações (6). Não cremos, porém, que alguém tenha levantado a hipótese de ter ficado ali Collippo.

(1) CIL, II, 341, 342, 345 e 5232. Vide também sobre estas inscrições J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira, «Varia Epigraphica», *Revista de Guimarães*, LXXVII (1967), p. 62 ss.

(2) Vol. I (1856), p. 125, em artigo que Leite de Vasconcelos imprimiu de novo n'0 *Archeólogo Português*, VII (1903), pp. 313-319 sob o título: «Mosaicos do Arnal e S. Sebastião».

(3) «Os mosaicos do Arneiro (Amal)», *O Archeólogo Português*, Nova Série, V (1964), pp. 459-468.

(4) *Por tug alia*, I, p. 364, n. a.

(5) Aarão de Lacerda, *História da Arte em Portugal*, I, Porto, 1942, p. 111 refere-se ao mosaico do Amal e menciona também o artigo de Assas, que foi publicado no *Semanario Pintoresco Español*, 1857.

(6) Cfr. A. I. Marques da Costa, «Mosaicos Romanos em Portugal. Dois mosaicos achados nas proximidades de Leiria», *O Archeólogo Português*, X (1905), pp. 49-50 e Irisalva Nóbrega Moita, «O mosaico de Martim Gil», *O Archeólogo Português*, Nova Série I (1951), pp. 131-141.

3. Em S. Sebastião do Freixo

Outros autores têm localizado Collippo no monte de S. Sebastião do lugar de Andreus, na freguesia de Azoia e concelho da Batalha. Sobe a este monte a estrada de Leiria a Alqueidão da Serra. Passado o lugar de Andreus, a meio do de Palheirinhos, do lado poente da estrada, há um caminho carreteiro que desce para Bico Sacho. Por este se toma para subir ao eucaliptal que cobre o cimo do monte de S. Sebastião. Aqui fica um marco geodésico a 243 m. de altitude.

Pinho Leal diz que «segundo alguns escriptores, os colimbrios fundaram pelos annos 300 ou 350, antes de Jesus Christo, junto à actual egreja de S. Sebastião do Freixo, freguesia de Azoia, uma cidade com o nome de Collippo ou Callippo (1).

Não há fonte que ateste a data da fundação ou a identidade dos fundadores; mas não faltam em S. Sebastião vestígios de ocupação romana.

Restos de edificios

«No tempo do nosso escriptor Gaspar Barreiros, ainda existiam, no sitio de S. Sebastião várias ruinas de edificios antigos, segundo elle assevéra» (2). No século passado ainda se viam algumas construções, pois Pinho Leal escreveu em 1874: «É certo que ainda aqui se vêem alguns alicerces de edificios e varias pedras com inscripções, mas já tão gastas, que se não podem ler» (3). Anos antes, o Dr. Russel atrás citado descobrira restos de um pavimento de mosaico a preto e branco com uma figura de centauro marinho, que foi publicado por J. Martin e reimpresso por Leite de Vasconcelos no artigo atrás referido.

Mais recentemente, o Sr. Bento Lopes, morador em Bico Sacho e proprietário de um olival na encosta do monte de S. Sebastião virada a norte, descobriu, em data da qual já se não recorda, ao cavar nessa sua propriedade, e muito fundas, paredes arruinadas rebocadas de estuque pintado de azul e o braço de mármore de uma estátua monumental.

(1) *Ob. cit.*, IV, 70 vb. Leiria.

(2) Cfr. Pinho Leal, *ob. e loc. cit.*

(3) *Ob. cit.*, I, p. 298, vb. Azoia.

Mais a nascente, num campo sobranceiro à estrada para Reguengo do Fetal, está ainda à vista o cunhal de um edifício que parece ter sido quase completamente destruído por trabalhos de lavoura.

Na vinha a norte da casa da Quinta de S. Sebastião também apareceram, segundo contam o Sr. Bento Lopes e outros homens de Andreus e Bico Sacho, alicerces de casas e «pedras com letras». Tudo foi destruído quando prepararam o terreno para plantar a vinha.

Inscrições

Em S. Sebastião encontraram-se várias inscrições. Algumas foram publicadas por Hubner: CIL, II, 338, 340, 347, 348, 5235. Outra foi publicada por Tavares de Proença (1). Mais duas são inéditas (2). Muito perto apareceram mais quatro inscrições, das quais duas são inéditas (3).

O nome de Collippo aparece na inscrição CIL, II, 340 e numa das recolhidas pelo pároco de Reguengo do Fetal, ambas encontradas em S. Sebastião.

Das outras inscrições que apresentam o nome de Collippo, uma encontra-se no castelo de Leiria (CIL, II, 5232), outra foi achada na igreja de S. Estevão na mesma cidade (CIL, II, 339), outra ainda foi descoberta no lugar das Debarbas, freguesia de Maceira (4), e a última (5) em Salir do Mato.

(1) F. Tavares de Proença Júnior, «Inscrições inéditas», *O Archeólogo Português*, XV (1910), p. 46.

(2) Encontram-se, uma em casa do reverendo prior do Reguengo do Fetal, a quem agradecemos ter-nos mostrado as antiguidades que tem recolhido na região, e outra no Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria. Não publicamos as inscrições inéditas, que serão objecto de um estudo que o Senhor Bispo-Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão, prepara sobre as inscrições da região de Leiria.

(3) As inscrições inéditas, recolhidas no lugar de Garruchas, estão guardadas na sacristia da igreja do Reguengo do Fetal. Das duas conhecidas, uma foi publicada por Hubner (CIL, II, 5236) e a outra por Tavares Proença no artigo já citado. Ambas foram recolhidas em Bico Sacho.

(4) José Callado, «Inscrição sepulcral romana», *O Archeólogo Português*, V (1900), 42-43.

(5) CIL, II, 353.

Da distribuição das inscrições com o nome de Collippo não se pode tirar outra prova decisiva que não seja a da localização da cidade no aro de Leiria; mas a frequência das inscrições em S. Sebastião ou em lugares muito próximos (doze das vinte e quatro cuja proveniência exacta se conhece) é argumento sério a favor da localização de Collippo em S. Sebastião.

Esculturas

Num terreno do Sr. Bento Lopes apareceu há anos e foi por ele recolhido um braço monumental de mármore, viril. No campo sobranceiro à estrada de Reguengo do Fetal, onde se nota ainda o cunhal de um edifício romano, foi achada, também há anos, uma mão que segura não sabemos que objecto. Ambas as peças, que são de mármore diferentes e portanto não pertencem à mesma escultura, foram adquiridas pela Comissão Regional de Turismo de Leiria para o Gabinete de Etnografia, onde hoje se encontram.

Também o Senhor Dr. Joaquim Padrão, residente na Batalha, adquiriu uma cabeça monumental de Diana ou Roma, achada em S. Sebastião, a qual conserva no quintal de sua casa.

O Pároco de Reguengo do Fetal possui também uma cabeça viril de mármore, infelizmente fracturada e incompleta, e uma mão, igualmente incompleta, que segura um objecto semelhante ao da mão atrás mencionada. Ambas as peças foram achadas em S. Sebastião.

Achados vários

1. Antigos

Disse F. Tavares de Proença Júnior em 1910(1):

«...ainda hoje, além de troços de columnas, tijolos e imbrices, ali apparecem moedas romanas do Império e da Republica, objectos de bronze e de ferro, taes como fibulas, alfinetes, anzoes, cerâmicas aretinas e outras, fragmentos de dolia, alguns dos quais podem ver-se no Museu Municipal de Castello Branco, aonde os depositei».

(1) «Inscrições inéditas», *O Archeologo Português*, XV (1910) pp. 46.

No mesmo artigo, fig. 2, o autor reproduziu um tijolo que adquiriu em S. Sebastião com inscrição em letra cursiva em duas linhas. Apresentou dela a seguinte transcrição, enigmática: NALTIVI.ADIT/DOVTIA LIIVLIV.

Nas *Novidades* de 17 de Novembro de 1898 publicou-se uma notícia que J. Leite de Vasconcelos transcreveu *rCO Archeólogo Português*, V (1900), 167:

«Numas ruínas, em uma quinta próxima de S. Sebastião, têm apparecido várias moedas romanas, tendo de um lado um carro puxado por quatro cavallos e diversos dizeres, e do outro um camello, estando ajoelhado a seus pés um vulto de homem e tendo por baixo REX.ARETIN.»

Leite de Vasconcelos comentou: «A inscrição deve ler-se, não *rex Aretin*, mas REX.ARETAS. A moeda pertence à época da republica romana (familia Aemilia) e foi cunhada no século i a.C.; *Aretas* era um rei da Arabia Petrea, cujos estados foram invadidos pelos Romanos». Acrescentemos que se trata de moeda cunhada por M. Aemilius Scaurus e P. Plautius Hypsaecus em 58 a.C. (1).

2. *Mais recentes*

Nos terrenos do Sr. Bento Lopes acharam-se ao acaso das lavras, e foram adquiridas para o Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria, as seguintes peças:

- 1 — Um *dupondius*, muito gasto, talvez de Domiciano.
- 2 — Um *as* de Merida, com o anverso absolutamente gasto; no reverso percebe-se ainda a porta da cidade e as letras RITA de Emmerita.
- 3 — Outro *as* de Merida. No anverso, busto muito gasto e irreconhecível de imperador e legenda retrógrada AVG No reverso, as portas da cidade e legenda AVG.
- 4 — Um arco de fibula de bronze.
- 5 — Sinete de bronze, constituído por uma argola da qual saem dois marcadores: um de tipo circular, decorado com seis raios incisos;

(1) Vid. E. A. Sydenham, *The Roman Republican Coinage*, Londres, 1952, p. 152, n.ºs 913-914.

outro em quadrado ressulcado de linhas que se cortam perpendicularmente. Comprimento: 41 mm. Diâmetro do topo circular: 10 mm. Lado do topo em quadrado: 11 mm. Embora nos pareça um sinete, ignoramos para que servia e não sabemos mesmo se será romano (Est. V).

6 — Mó dormente.

7 — Diversos tijolos, alguns em forma de sector circular, com orifícios.

Ainda em S. Sebastião, mas em terreno que não se pode precisar, apareceram dois grandes capiteis de mármore que foram adquiridos pelo Rev. P.^e José de Oliveira, pároco de Reguengo do Fetal, e que este guarda no seu quintal.

Prospecções e escavações

1 — Em Dezembro de 1963

A Comissão Regional de Turismo de Leiria, da presidência do Senhor Dr. Ruy Acácio da Silva Luz, resolveu, em 1963, realizar escavações em S. Sebastião do Freixo.

Tivesse sido ou não ali o assento de Collippo, os achados denunciavam uma estação romana que valia a pena sondar.

Em Dezembro de 1963 fizemos uma sondagem, mas sem qualquer resultado, nos terrenos do sr. Bento Lopes; ao mesmo tempo escavámos num campo mais a nascente, sobranceiro à estrada para o Reguengo do Fetal, a fim de pôr a descoberto um cunhal que mal se via, coberto de terra e de vegetação, e verificar se não haveria ali ainda ruínas importantes de qualquer edifício. Neste ponto recolhemos alguns fragmentos de cerâmica romana que ilustramos (Est. I) e descrevemos:

1 — Prato de fundo raso, paredes arqueadas e bordo canelado. Barro beije, ligeiramente micácio, com areia muito miuda.

2 — Frigideira de fundo raso, paredes ligeiramente arqueadas e estranguladas na parte superior, bordo descaído para o interior. Barro beije, ligeiramente micácio, com areia muito miuda, enegrecido pelo fumo.

3 — Frigideira de paredes muito arqueadas e bordo boleado. Barro avermelhado, com muita areia e calcite. Pasta e forma são muito comuns em Conimbriga.

5 — Pequeno pote de colo bem marcado, boca larga e bordo em forma de colarinho alto. Barro fino, embora bastante micácio, alaranjado.

6 — Cântaro de boca afunilada, com vestígios de uma asa. Barro beije, com areias muito miúdas, muito friável.

7 — Taça provavelmente hemisférica de paredes finas. Pasta amarelada e engobe castanho-alaranjado. Decoração de espinha, grande e irregular, feita com roleta. Época de Cláudio-Nero.

8 — Prato Drag. 18 ou 15/17 de sigillata sudgálica. Fabrico do reinado de Cláudio.

9 — Tinteiro de sigillata hispânica, provavelmente da época de Cláudio (cfr. Oswald, *The Terra Sigillata of Margidunum*, est. VI, 22 e 23).

10 — Prato Drag. 15/17 ou 18 de sigillata hispânica.

Recolhemos ainda um fragmento da parede de um prato de sigillata hispânica, de forma 15/17 ou 18 e outro da base de um prato de um ou outro destes tipos, de fabrico sudgálico.

Escavámos também um estreito poço de incerta data, a meio caminho entre os pontos A e B, e aí encontrámos um prato de barro vermelho, de paredes arqueadas, com um pequeno pé e um grafito no fundo externo: ...CY... (Est. I, 11) e uma panela do mesmo barro da frigideira 3 (Est. I, 4), além de um mascarão de sítula, em bronze (Est. V).

Estes materiais foram depositados no Gabinete de Etnografia da cidade de Leiria.

2 — *Prospecção com magnetómetro de protões em 1964*

De 29 de Setembro a 7 de Outubro de 1964, o Dr. M. J. Aitken, do Research Laboratory for Archaeology and the History of Art, de Oxford, realizou em Portugal demonstrações do uso do magnetómetro de protões e do resistivímetro na prospecção de vestígios arqueológicos. Foram aquelas promovidas pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, graças a um subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Resolvemos então ensaiar em S. Sebastião do Freixo o magnetómetro de protões. Assim, ocupámos a manhã de 3 de Outubro na prospecção magnética do olival pertencente ao Sr. Bento Lopes.

O Dr. M. J. Aitken localizou três anomalias magnéticas importantes, que ficaram assinaladas por estacas de madeira para ulteriormente se proceder a escavações nesses pontos.

<i>Anomalia</i>	<i>Perturbação magnética «em gamma»</i>	<i>Extensão da perturbação</i>	<i>Causa possível</i>
1	340	2,5 x 3 m	Forno
2	240	1 x 1 m	Forno
3	30	3 x 5,5 m	Fossa pouco funda (1)

3 — Escavações em Junho de 1965.

Só em Junho de 1965 tivemos possibilidade de realizar de novo escavações em S. Sebastião, subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, agora nos pontos assinalados pelo Dr. M. J. Aitken. Infelizmente o olival havia sido lavrado e semeado de tremço. Uma das estacas, afortunadamente a que marcava a maior anomalia, encontrava-se *in situ*; a segunda, encontrámo-la completamente debaixo da terra depois de muito procurarmos, e não temos a certeza de que não tenha sido deslocada; quanto à terceira, havia desaparecido e não pudemos voltar a determinar a sua posição.

A escavação no primeiro ponto pôs a descoberto um forno de cozer cerâmica bem conservado (Est. III).

O terreno saibroso forma ali um degrau alto, que certamente foi feito para se lhe encostar o forno. Este, feito de pequenos tijolos rectangulares, tem planta circular, com 2,38 m. de diâmetro e uma pequena boca de arco redondo. Três arcadas sustentam o lar perfurado de agulheiros redondos. As paredes do forno, mantêm-se direitas até uns 30 cms. acima do pavimento e começam então a encur-

tí) Vid. M. S. Tite e J. C. Alldred, «Aplicação de métodos científicos de prospecção em estações arqueológicas portuguesas», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (da Faculdade de Ciências do Porto), XX (1965-66), pp. 147-160.

var-se para o interior, formando uma cúpula que não era provavelmente fechada. Quando o descobrimos, porém, era grande a quantidade de barro amontoado sobre o pavimento e proveniente das paredes derrubadas. Estas deviam portanto erguer-se bastante mais do que actualmente.

Sob essa camada de barro que entulhava a câmara de cozimento não encontrámos, infelizmente, nada que indicasse a cronologia ou o tipo de cerâmica que ali se cozia. Também nas cinzas da fornalha não apareceu qualquer objecto. Havia porém cinzas igualmente no corredor, cavado no terreno saibroso, que dava acesso à boca da fornalha, e entre elas encontrámos um arco de fíbula de bronze manifestamente romana e alguns fragmentos de cerâmica insignificantes no que respeita a reconstituição de formas. À direita da boca havia um monte de barro de que os oleiros se serviriam talvez para cobrir o forno depois do enformamento das peças.

Nas terras que cobriam o forno, e em que não notámos qualquer estratigrafia, recolhemos alguns fragmentos de cerâmica romana que ilustramos (Est. II, 1-8).

1 — Talha de colo bem marcado e bordo revirado para fora. Pasta castanho-acinzentada, muito arenosa, embora de areia miuda, e micácia.

2 — Talha de bordo internamente facetado e boleado no remate. Barro castanho-alaranjado, bastante arenoso e micácio.

3 — Pote de boca larga, bordo a formar um gancho. Barro laranja-acastanhado, com mica e muitas areias miúdas; uma ou outra areia muito grossa.

4 — Pote de colo pouco apertado e bordo triangular. Barro alaranjado, muito arenoso e grosseiro, enegrecido pelo fumo.

5 — Pote de bordo arqueado e revirado para baixo. Barro alaranjado, com areia miuda.

6 — Pote de boca larga, muito revirada para fora e bordo em forma de martelo. Barro castanho alaranjado, muito arenoso e micácio.

7 — Quatro fragmentos de taça Ritterling 5 com o bordo moldurado interna e externamente e decorado à roleta. O fabrico é pobre, ainda que itálico, provavelmente aretino. O perfil corresponde aos dos melhores vasos produzidos nos reinados de Augusto e Tibério. (Cfr. Behrens, «Dritter Bericht fiber Funde aus dem Kastell Mainz»,

Mainzer Zeitschrift, VIII-IX (1913-14), pp. 72-73, fig. 8, 1 e 2; Goudineau, *Fouilles de VÉcole Française de Rome à Bolseria (Poggio Moscini)*, 1962-1967, IV—*La céramique arétine lisse*, École Française de Rome, *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire*, supp. 6, p. 298, tipo 27(A).

Apareceram ainda dois fragmentos da parede de uma taça do mesmo tipo. Da canelura que, nos exemplares mais antigos, costumava abrir-se na face interna, junto do fundo, apresenta apenas vestígios numa breve ranhura.

8 — Peso de tear (?) recortado de algum fragmento de talha. Barro alaranjado, micácio, muito arenoso.

4. Escavações em Agosto de 1966

Na campanha de 1966 alargámos a escavação à volta do forno na esperança de descobrir algum monte de cacos. Nada mais natural do que partirem-se algumas peças ao enforar ou desenforar, ou do que fiquem algumas defeituosas na cozedura. Essas seriam, com toda a verosimilhança, atiradas fora mas não para muito longe do forno. O facto de não termos descoberto em 1966 esse caqueiro que procurávamos não nos convence de que ele não existe e haveríamos de procurá-lo mais longe se ali fizéssemos outra campanha. Tal achado, permitindo a identificação do tipo de louça fabricado neste forno, seria de importância capital.

Perto do forno descobrimos o alicerce de um muro de pedra, orientado sensivelmente de noroeste para sudeste e destruído pela plantação de uma oliveira. O topo norte do muro está aparelhado de modo que pode bem ser a extremidade do alicerce. Duas pequenas valas que abrimos do outro lado da oliveira, por onde correria o muro se este se continuasse, não deram qualquer resultado. (Est. IV).

A cerca de 14 metros para sudoeste do forno, num ponto que nos foi indicado pelo Sr. Manuel Lopes, filho do proprietário, descobrimos o cunhal de um outro alicerce. Também aqui os muros se perdem e não lhes encontrámos continuação apesar de várias valas abertas na direcção que deviam seguir.

A cerca de 18 metros para norte deste cunhal apareceram restos de outro muro que, pela espessura (75 cms.) se devem atribuir a grande edifício. O muro desenha um L, cujas extremidades não pusemos a

descoberto. Do braço maior arrancam, para nascente, dois muretes mais estreitos; a metade poente do mesmo muro tem pedras trabalhadas em cunha, que parecem arranque de uma abóbada; esta, se existia, foi porém completamente destruída.

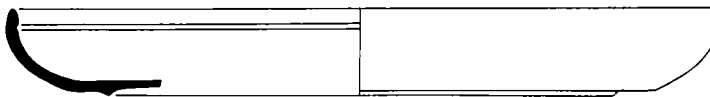
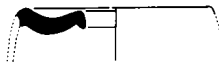
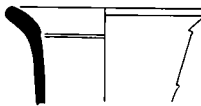
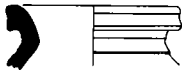
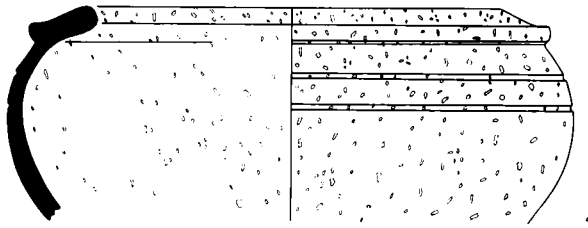
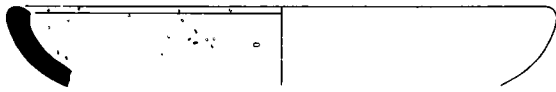
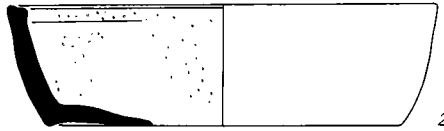
Junto deste muro apareceu, tombada de face para a terra, uma estátua monumental de mármore de cabeça amovível; a cabeça estava caída ao lado da estátua. Esta escultura representa um magistrado togado, tendo aos pés a caixa dos *volumina*. É obra do século i d.C., que a Senhora D. Margarida Sanches estuda em artigo publicado mais adiante, nesta revista.

Conclusão

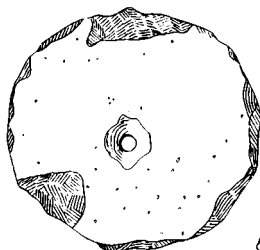
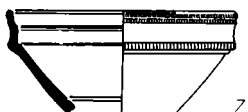
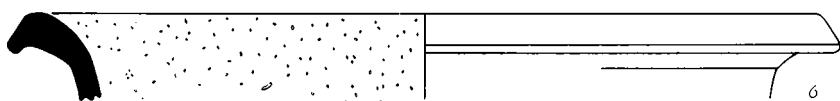
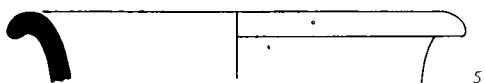
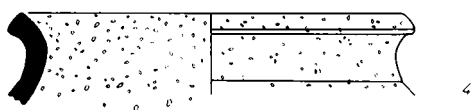
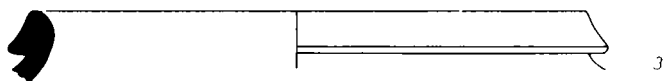
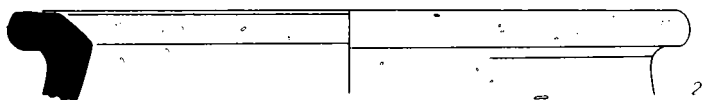
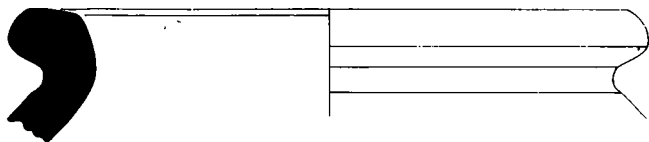
As escavações realizadas até agora não provaram que as ruínas romanas de S. Sebastião sejam as da cidade de Collippo. A estatuária encontrada, de boa qualidade e proporções monumentais; a grandeza dos muros postos a descoberto no lado inferior do olival do Sr. Bento Lopes; o forno escavado a meia encosta do mesmo olival — demonstram a existência de uma estação romana de muito interesse. Só uma escavação mais extensa poderá decidir se estamos em presença de Collippo ou de simples villa ou *fanum* romano. As inscrições ali achadas inclinam-nos, porém, para a primeira hipótese.

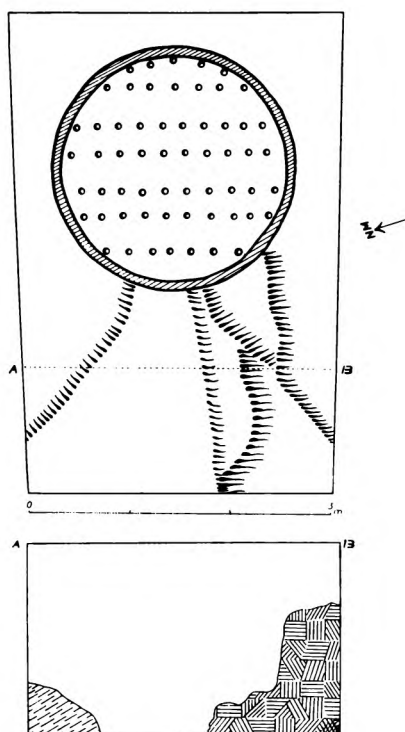
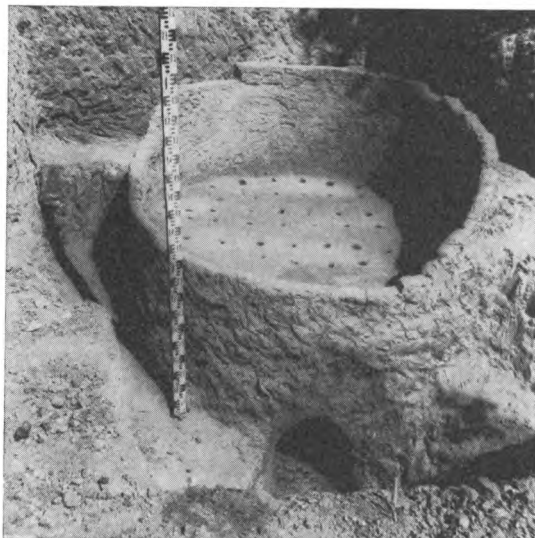
No Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria depositámos um relatório bastante ilustrado destes achados e trabalhos.

J. M. BAIRRÃO OLEIRO
JORGE DE ALARCÃO

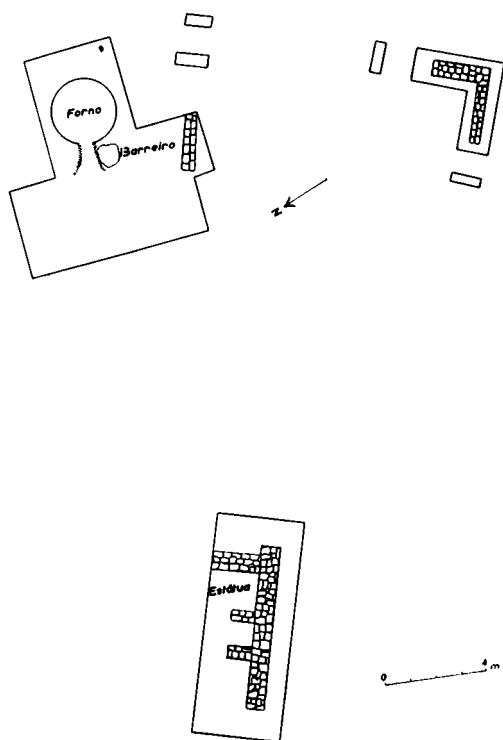


Est. II





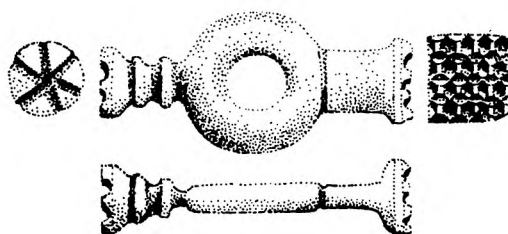
Est. IV



Planta das escavações de 1965-66



1. Mascarão de asa de situla



2. Sineta

(Página deixada propositadamente em branco)

STATUE ROMAINE TROUVÉE À S. SEBASTIÃO DO FREIXO (COMMUNE DE BATALHA)

Nous étudions ici les deux pièces (tête et corps) qui ont été trouvées en 1966 à S. Sebastião do Freixo, commune de Batalha, près de Leiria, à l'occasion des fouilles dont un sommaire rapport est présenté dans ce même volume de *Conimbriga* par MM. Bairrão Oleiro e J. Alarcão.

I — Portrait masculin. Provenant du mont de S. Sebastião, au lieu dit Andreus, commune de Batalha, distrito de Leiria, province de Estremadura, il a été trouvé pendant les fouilles de Août 1966. On peut le voir, maintenant, au «Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria», où il est conservé.

Le visage a une fente légère qui descend de la tempe gauche, un peu à droite de la pomette, passe sous le menton pour monter sur la joue droite, près de la bouche, allant jusqu'à la pomette droite tout près de l'œil.

La partie droite du visage a souffert, notamment la joue, le bourrelet sourcilier et la partie droite des lèvres et du menton. Manquent un morceau des deux oreilles et la moitié du nez. On remarque plusieurs égratignures sur la chevelure et le front.

Hauteur de la tête (cou compris) — 0,29 m.

Hauteur du visage — 0,16 m.

La tête est droite. La coiffure est composée en mèches longues et plâtes s'entourant autour d'un vertex. Les unes sont ramenées en avant et forment une frange couvrant le haut du front, et coupées par une raie médiane légèrement déplacée sur la droite. Sur les tempes

une mèche plus longue sort dessous la frange, plaquée en avant devant l'oreille. Les autres descendent sur la nuque en franges successives. Le bourrelet sourcilier est saillant et séparé des yeux, dont le point lacrymal est accentué. Les pommettes sont saillantes, les joues creuses et ridées. La bouche, aux lèvres fins, a les commissures accentuées. Le menton est saillant et orné d'une fossette. La musculature du cou est marquée.

Exécuté en marbre blanc en gros cristaux, peut-être d'origine locale, ce portrait porte, dans le travail des yeux et de la bouche des signes de trépan.

Les soins dont la chevelure a été traité sur le derrière du crâne nous suggèrent que ce portrait interchangeable devait appartenir à une statue municipale, mais on ne peut proposer aucune identification. Il représentait sûrement un personnage locale, de l'époque julio-claudienne. Outre que le type de coiffure en mèches superposées, formant une frange sur le devant et couvrant décidément la nuque, l'aplatissement de la bosse occipitale, le traitement à trépan des points lacrymaux et des commissures des lèvres, et la structure du visage nous en donnent aisément cette date.

D'après le style et les procédés techniques il se rapproche beaucoup des portraits en marbre des Pyrénées étudiés par F. Braemer l'année de 1962 (1). Mais il faut remarquer que, quoique étant peut-être, lui aussi, l'œuvre d'un artisan locale, il est d'une confection plus délicate et plus soignée.

II — Personnage en toge. Trouvé avec le précédant, il est aussi conservé au «Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria».

On déplore quelques épouffures sur les plis de la toge. Des avant-bras amovibles seul est conservé le droit qui ne possède que la première phalange de l'index.

Hauteur du corps socle compris— 1,87 m.

(1) F. Braemer, «Deux portraits du début de l'époque julio-claudienne en marbre des Pyrénées», *Hommages à Albert Grenier*, 1962, pp. 251-358.

Hauteur du corps — 1,80 m.

Hauteur du socle — 0,07 m.

Largeur actuelle de l'avant-bras — 0,495 m.

Appuyé sur la jambe gauche, il a le bras gauche tendu en avant; le droit était moins proéminent. Il est vêtu d'une tunique qui fait blouser la ceinture de la toge en partie couverte par le large umbo. Un des pans de la toge tombe jusqu'au sol entre les jambes du personnage. L'autre laissant à découvert l'épaule droite, tombe jusqu'aux genoux puis est ramené sur l'épaule et le bras gauche, pour retomber après sur la boîte à rouleaux.

Le travail est exécuté dans le même marbre blanc en gros cristaux utilisé pour le portrait précédant et datable du i siècle après J.C.

Le personnage portant une toge drapé selon le goût du siècle d'Auguste (le pan droit tombant jusqu'au genou, formant un demi cercle de plis composées avec art — le sinus — traversées plus haut par les plis obliques du balteus, sur lequel débordé, enfin, un dernier paquet de plis — le umbo) était très probablement, un magistrat ou un orateur. Son attitude, le bras droit levé, et l'existence de la boîte à rouleaux, par terre, sur le côté gauche, nous en indique bien. D'ailleurs ce type de personnage est assez connu et on peut trouver de nombreux exemples soit en Espagne, soit en France. C'est le cas des statues, étudiées par Garcia y Bellido, provenant de Mérida (1), ou de celles publiées par Émile Espérandieu dans son *Recueil Général des Bas-Reliefs de la Gaule Romaine* (2).

Il s'avère que cette statue pourrait aller ensemble avec la tête précédente. Cependant on doit rester à cet égard sur le domaine des hypothèses, du moins avant que l'étude des matériaux soit réalisé.

MARGARIDA SANCHES

(1) G. Bellido, *Esculturas Romanas de Espana y Portugal*.

(2) E. Espérandieu, *Recueil Général des Bas-Reliefs de la Gaule Romaine*, vol. II, n. 1084, 1085; vol. IV, n. 3230; vol. IX, n. 6907, 6759; vol. X et XI n. 7470.

(Página deixada propositadamente em branco)

Est. I



Est. II



ANÉIS, BRACELETES E BRINCOS DE CONIMBRIGA

Na sequência de um artigo sobre alfinetes de toucado de Conímbriga que publicámos no último volume desta revista, apresentamos agora outros objectos de adorno: anéis, braceletes e brincos. Todas as peças aqui publicadas são provenientes das escavações anteriores a 1962 e não têm qualquer indicação de estratigrafia. A cronologia que sugerimos para algumas delas baseia-se em paralelos datáveis de outras estações arqueológicas.

ANÉIS

INTRODUÇÃO

Tal como hoje, houve, na Antiguidade, um grande gosto pelos anéis, embora em maior proporção nos homens do que hoje. O anel constituiu quase o único ornamento masculino (1).

Foi usado desde épocas remotas pelos gregos que devem ter ido buscá-lo aos povos orientais. Estes utilizavam pedras gravadas, montadas em anéis, a servir de selo. Com efeito, o anel foi primeiramente usado como selo, e só depois como objecto de adorno.

Varia também com o tempo o material usado na sua confecção. Os anéis mais antigos eram inteiramente de metal, principalmente de

(1) O leitor que desejar elucidar-se melhor sobre este assunto poderá consultar Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris, 1920, tomo II, p. 400 e ss. e Saglio e Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *anulus*.

ferro, e sem pedra. No tempo de Plínio, porém, o anel de ferro, em Atenas, restringia-se aos pobres, pois os ricos possuíam anéis de metais preciosos, geralmente com pedras a ornamentá-los. Estas eram notáveis quer pelo seu brilho natural e raridade, quer pelas figuras nelas gravadas.

O formato dos anéis também evolucioneu muito, sendo os mais simples os anéis que revestiam a forma de uma fita ou serpente com uma ou várias voltas em espiral.

Primeiramente usava-se o anel somente no dedo anular; mais tarde, porém, por influência do Oriente, homens e mulheres começaram a cobrir os dedos com anéis.

A introdução dos anéis em Itália faz-se bastante cedo, quer através dos Sabinos, quer dos Etruscos.

O uso do anel sofreu também aqui uma evolução. Os romanos antigos só usavam o anel nupcial. Durante a República, todavia, surgiram dois tipos de anel: o de ferro e o de ouro. O primeiro era o anel do cidadão romano e o segundo, de uso restrito, era uma insígnia de nobreza, uma recompensa ou um privilégio inerente a certas funções. Este costume tiraram-no, os romanos, dos etruscos (1).

Depois das guerras civis, o anel de ouro deixou de ser um privilégio para se tornar de uso geral. Para esta difusão contribuiu imenso a atitude dos imperadores, que o foram dando por vezes como recompensa dos serviços prestados.

Assim, o anel de ouro passou finalmente a poder ser usado por todos os homens livres, que até então se serviam do anel de prata, enquanto aos escravos não era permitido senão o uso do anel de ferro.

A cultura helenística, por sua vez, propagou dentro do Império Romano o gosto pelas pedras preciosas e gravadas, bem como o costume oriental de usar num só dedo muitos anéis sem recear cobrir todos os dedos das duas mãos. Por superstição evitava-se todavia usar anéis no dedo médio.

As figuras gravadas nos anéis, além de os enriquecerem, serviam também de sinetes e amuletos, devido às virtudes mágicas atribuídas a certas pedras. Os motivos artísticos eram quase sempre gravados;

(1) Giovanni Becatti, *Oreficerie antiche dalle Minoiche alle barbariche*, Roma, 1955, pp. 113 a 118.

eram personagens da mitologia, animais, flores e plantas, e por vezes atributos simbólicos das divindades (1).

Havia também quem usasse nos anéis a efígie de um antepassado, de um amigo ou mesmo do imperador.

O luxo dos anéis tornou-se tão exagerado que o uso foi satirizado e grandemente combatido por vários moralistas, entre os quais Quintiliano. Marcial cita ironicamente Carino, que usava 6 anéis, noite e dia, e Juvenal satiriza a figura de Crispino, escravo alexandrino enriquecido, que usava um ligeiro anel estival porque não suportava o peso da gema do anel de inverno. Havia assim anéis de Inverno e anéis de Verão (2).

Sob o Império faziam-se anéis tão pesados, que somos levados a crer tratar-se de peças votivas, consagradas a alguma divindade. Todavia o imperador Maximiano, que era muito corpulento, usava o bracelete da esposa como anel.

Os anéis romanos têm formatos muito diversos e, alguns deles, curiosos.

Os anéis de ouro, largos e chatos, são raros. No séc. i d.C., porém, continuam a usar-se os anéis serpentiformes provenientes da época helenística, com duas cabeças afrontadas, ou por vezes com os bustos de Isis e Serápis como ornamento destas extremidades.

O anel-sinete de aro grosso aumentando progressivamente para a mesa é muito popular nos séculos i e n. No século m toma uma forma elíptica (tesouro de Tarsus).

Outra variedade do anel sinete, de aro recortado, por vezes com uma pedra engastada e outras vezes com uma moeda, surge nos finais do século ii e estende-se até ao século iv.

No tempo de Cláudio torna-se moda gravar o sinete, não numa pedra, mas num anel maciço de ouro.

Nos finais do século n surge o anel de aro boleado (secção em D) e com mesa. Esta, por vezes, tem uma pedra gravada e, outras vezes, uma moeda de ouro.

Os anéis de aro fino e mesa circular provêm da época helenística

(1) Mário Cardozo, «Pedras de anéis romanos encontrados em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXII (1962), pp. 155 e segs..

(2) Reynold Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, pp. 40 e segs..

e são comuns em Pompeia. Igualmente de sobrevivência helenística é o anel de aro espesso e mesa circular.

O anel-selo com mesa oval e um par de glóbulos em cada junção pertence aos séculos i e ii. Os anéis ornamentais, com uma ou mais pedras salientes, são extremamente populares no fim deste período. Não são anteriores ao século n.

O anel octogonal apresenta duas variantes notáveis: a primeira mostra o aro furado com desenhos abertos à mão e uma pedra engastada numa das faces, a segunda apresenta frequentemente inscrições. Quer uma, quer outra, são do século iv.

O anel com pedras colocadas ao redor do aro, notável pela sua policromia, é também dos séculos m e iv.

Ainda deste período são os anéis compostos de dois, três ou quatro aros sobrepostos. Estes anéis, ornamentados com pedras, uniam-se atrás num só círculo, ou reuniam-se numa pequena mesa com uma divindade egípcia gravada, o que nos leva a crer tratar-se de peças fabricadas no Egito romano.

Os anéis de noivado ou de amizade aproximavam dois rostos sobre o engaste ou compunham-se de dois anéis gémeos fundidos num só dedo.

Outro caso curioso é o anel em que o engaste é flanqueado por uma pequena chave, destinada a fechar o cofre das jóias.

Nos séculos iv e v encontramos novas formas, de procedência germânica (1). Os Godos, quando habitavam a parte meridional da Rússia, sofreram a influência da cultura sarmática e utilizaram muito os anéis, introduzindo novas formas que passaram logo a outros povos germânicos. Continuavam a usar os anéis de tipo romano, mas, por outro lado, notam-se tendências novas na decoração dos anéis de mesa, onde se podiam gravar figuras ou inscrições. São vários os símbolos cristãos utilizados: a palma, o cordeiro, a pomba, a águia, um barco, um ramo de palmeira, o alfa, o omega e o crismon. Há a considerar, ainda, as inscrições invocatorias como, por exemplo, *Vivas in Dei*, por vezes abreviada *V D*, ou súplicas à protecção divina. Na Península fabricaram-se anéis deste tipo.

(1) W. N. Reinhart, «Los anillos hispano-visigodos», *Archivo Español de Arqueologia*, 68 (1947), pp. 167-169.

Os anéis de Conímbriga são de bronze (1-66), latão (67), cobre (68-69) prata (70-72), ouro (73-76), osso (77) e vidro (78-83). Para os de bronze tentámos fazer uma classificação tipológica:

- I — Anéis com fecho por torção (1-4)
- II — Anéis com as extremidades sobrepostas (5 e 10)
- III — Anéis de extremidades abertas (6, 11 e 12)
- IV — Anéis com aro fitiforme (7-9)
- V — Anel circular de secção quadrada (13)
- VI — Anéis poligonais de secção rectangular (14-15)
- VII — Anéis de mesa (16-19)
- VIII — Anéis de mesa de aro fitiforme
 - a) Aro de extremidades sobrepostas (20-24)
 - b) Aro fechado (25-26)
- IX — Anéis com decoração incisa linear (27-38)
- X — Anéis com decoração pontilhada (39-41)
- XI — Anéis com decoração denticulada (43-47)
- XII — Anéis com decoração metopada (42 e 48)
- XIII — Anéis com decoração linear nas asas e mesa oval (49-50)
- XIV — Anéis de mesa com decoração linear (51 e 52)
- XV — Anéis de mesa com decoração figurativa esquemática (53-55)
- XVI — Anel de mesa decorada com SS (56)
- XVII — Anéis com inscrições (57-59)
- XVIII — Anéis de mesa com decoração cruciforme (60 e 61)
- XIX — Anéis com incrustações (62-64)
- XX — Anel com remate em forma de folha de hera (65)
- XXI — Anel com remate em forma de lira (66)

DESCRIÇÃO

Anéis de bronze

- 1 — Fio de bronze dobrado em círculo, fechando por torção das extremidades.
 - Esta torção ocupa, aproximadamente, 1/5 da superfície total do aro.
 - Dimensões: D. 13 mm; d. 12 mm; espessura 1,1 mm(l)
 - Secção circular.
 - Estado de conservação: completo.

(1) D. significa diâmetro maior e d. diâmetro menor.

- 2 — Anel de formato semelhante ao anterior, mas de menores dimensões. O fecho ocupa cerca de 1/3 da superfície total do aro.

Dimensões: D. 9 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas em decomposição.

Os braceletes 5 e 6 deste nosso artigo têm fechos semelhantes. Vários autores consideram estes braceletes comuns às épocas pré-romana e romana dos séculos n a iv d.C.. Temos, porém, também paralelos para estes anéis em necrópoles merovíngias e visigóticas (1).

- 3 — Anel de aro filiforme cujo fecho é constituído por dois filamentos enrolados em espiral e separados por uma porção de aro. Este fecho ocupa aproximadamente 1/4 da superfície daquele.

Dimensões: D. 17 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas em decomposição.

- 4 — Fio de bronze dobrado em círculo, fechando por torção e enganchamento das suas extremidades: a extremidade menor, dobrada em hélice, penetra na argola da maior.

Dimensões: D. 18 mm; d. 17 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo.

Este tipo de anel parece ter existido na primeira metade da época de la Tène(2).

- 5 — Anel de extremidades sobrepostas, menos espessas e mais estreitas que a restante porção do aro.

Dimensões: D. 20 mm; d. 18 mm; espessura 4,7 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas muito decomposto.

(1) Georges Goury, «Antiquités Historiques — III circonscription», *Gallia*, XV (1957), p. 172, fig. 2. Este achado faz parte duma necrópole merovíngia. Jacques Heurgon, «Informations — 1^e Circonscription», *Gallia*, VII (1949), p. 109, fig. 8. Pertence ao cemitério de Saint-Roch. Fernando Jiménez de Gregório, «Hallazgos en la Vega de Santa Maria, en le término de Mesegar», *Archivo Español de Arqueología*, XXXVIII (1965), fig. 17. É considerado como um anel visigótico.

(2) Marten Stenberger, «Eketorp's Borg, a fortified village on Oland, Sweden», *Acta Archaeologica*, XXXVII (1966), p. 211, fig. 5, apresenta um anel de fecho semelhante a este. Os objectos aqui encontrados estão datados da 1.^a metade da última Idade do Ferro.

Esta forma de anel mantém-se a mesma em várias épocas: Idade do Bronze, Idade do Ferro e época romana (1).

6 — Anel de extremidades abertas, mas achatadas e mais largas que o resto do aro.

Parecem ter tido a ornamentá-las dois sulcos, de cada lado, mas muito pouco perceptíveis.

Dimensões: D. 21 mm; d. 20 mm; altura 4 mm.

Estado de conservação: completo, mas de extremidades fracturadas. Secção circular.

Este tipo de anel parece pertencer à Idade do Ferro (2).

7 — Anel de aro fechado e boleado.

Dimensões: D. 20 mm; altura 2,3 mm; espessura 0,8 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo, mas amolgado.

Há mais 2 anéis deste tipo, porém com 5 mm e 3,5 mm de altura.

É de assinalar que este tipo de anel fitiforme se manteve durante várias épocas distintas: Idade do Ferro, época romana, visigótica e merovíngia (3).

(1) Pierre Abauzit, «Du Chalcolithique au premier Âge du Fer en Languedoc», *Revue Archéologique du Centre*, III (1964), p. 233, fig. 4. É considerado como sendo do Bonze Médio.

Hermanfrid Schubart, «Atalaia — uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, XXII (1965), p. 121, fig. 7.

Jonas Palm, «Véeian tomb groups in the Museo Preistorico, Rome», *Opuscula Archaeologica*, II (1952), est. XIII, n.º 11. Os túmulos de Vaccareccia, a que pertence, são datados das últimas décadas do século vn e começo do século vi a.C..

Juan Cabré Aguiló, «Museo Arqueológico de Sevilla», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, V (1949), est. XL. Parece ser datado da 2.ª época do ferro.

André Soutou, «La grotte — sanctuaire de Sargel», *Ogam*, XVIII (1966), p. 7, est. 3, fig. 5. Estes achados pertencem à época galo-romana.

(2) Odette e Jean Taffanel, «La necrópole hallstattienne de “Las Fados”», *Gallia*, VI (1958), p. 7, fig. 10, 34.

(3) Jerzy Potocki e Zenon Wozmik, «Les celtes en Pologne», *Ogam*, XIII (1961), est. XXVI, fig. 2, n.º 4. Os autores datam estes achados de 300 a.C. ou da 1.ª metade do século m a.C.. O aro deste anel é mais largo do que o de Conímbriga. G. Rancoule, «L'oppidum protohistorique de La Lagaste», *Cahiers ligures de Préhistoire et d'Archéologie*, 14 (1965), p. 62, fig. 8-A. Este oppidum situa-se

- 8 — Anel de aro fitiforme. Parece ter tido as extremidades sobrepostas e, depois, soldadas, dando origem, assim, a um aro fechado.

Dimensões: D. 17 mm; altura 2 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

Há mais dois anéis deste tipo, em Conímbriga, um deles completo, outro não, porém de dimensões diferentes.

- 9 — É idêntico ao anel anterior, apresentando, todavia, um aro mais alto.

Dimensões: D. 18 mm; altura 3,5 mm; espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

- 10 — Tal como o anel n.º 5, fecha por sobreposição das extremidades; o aro é todavia fitiforme.

Dimensões: D. 19 mm; d. 18 mm; altura 3,5 mm; espessura 0,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo mas torcido.

Encontram-se em Conímbriga mais 7 anéis deste tipo, cujas alturas variam entre 2,5 mm e 5,2 mm.

- 11 — Anel de aro fitiforme e extremidades abertas e assimétricas. A altura do aro vai diminuindo, progressivamente, da extremidade menor para a maior, que tem um formato quase triangular.

Dimensões: D. 17 mm; d. 16 mm; altura 6,5 mm a 3,5 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas torcido e em decomposição.

- 12 — Anel de extremidades abertas e mais planas e largas que o resto do aro.

Dimensões: D. 22 mm; d. 20 mm; altura e espessura 1,8 mm.

na 1.^a Idade do Ferro (séculos II e I a.C.). P.^e Francisco Manuel Alves, «O Castro de Sacoias», *O Archeologo Português*, XII (1907), p. 268, fig. 4.^a. Neste castro existe também cerâmica dos primeiros séculos da nossa era. Wemer Krámer, *Cambodunumforschungen* 1953 — I, 1957, est. 16, n.º 9. Esta estação arqueológica vai dos inícios do século I d.C. a meados do século m. Fernando Jiménez de Gregorio, «Hallazgos en la Vega de Santa Maria, en el término de Mezegar», *Archivo Español de Arqueologia*, XXXVIII, (1965), p. 214, fig. 25. Está incluído entre os objectos visigóticos e romanos de El Palomar. Michel Brézillon, «Cimetière mérovingien à Nitry (Yonne)», *Gallia*, XXII (1964), p. 258, fig. 4.

Secção quadrangular.

Estado de conservação: completo, mas de extremidades levemente fragmentadas.

13 — Anel de aro fechado e secção quadrangular.

Dimensões: D. 20 mm; altura e espessura 2 mm.

Estado de conservação: completo mas em decomposição.

Há mais um anel deste tipo.

Esta forma de anel existiu já na época de Hallstatt (1).

14 — Anel poligonal, de aro fechado e em forma de eneágono.

Dimensões: D. 22 mm; altura 1,8 mm; espessura (mínima) 2 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

15 — É também um anel poligonal de aro em forma de hexágono.

Dimensões: D. 15 mm; altura 1,6 mm; espessura (mínima) 0,6 mm.

Estado de conservação: completo, mas aberto numa das faces do hexágono.

Há mais um anel deste tipo, porém de 7 lados.

O anel poligonal parece ser típico da época romana imperial (2).

16 — Anel de mesa rectangular saliente e aro boleado, que vai estreitando progressivamente a partir da mesa para a parte posterior do anel.

(1) Odette et Jean Taffanel, «La nécropole hallstattienne de Las Fados», *Gallia*, VI (1948), p. 16, fig. 18, 106.

(2) J. L. de Vasconcellos, «Apêndice II — Sepultura de Santa Menina (Fundão)», *O Archeologo Português*, XXII (1917), p. 338, fig. 34. Este anel fechado, de aro poligonal, pertence à época romana. John Ward, *The Roman era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76, I. O autor não determina com precisão a datação deste achado, dando-o como pertença da época Imperial Romana. W. Whiting, W. Hawley e Thomas May, *Report on the excavation of the Roman cemetery at Ospringe, Kent*, Oxford, 1931. Este achado arqueológico não se encontra delimitado com precisão considerando-o o autor como pertencente à época imperial. J. P. Busche-Fox, *Second Report on the Excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, II, 1914, p. 15, fig. 8, n.º 27. Sabe-se que esta estação arqueológica se estende dos fins do século I e começos do século II aos fins do século IV d.C. J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard (Savoie)», *Gallia*, XIX (1961), p. 247, fig. 4. Pertence ao mobiliário funerário dum cemitério gallo-romano do século I e II d.C.

Dimensões: da mesa 10,5 mm x 9,5 mm; D. 20 mm; espessura 2 mm.
Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e muito decomposto.

- 17 — Anel de mesa rectangular saliente e aro de secção rectangular e estrutura uniforme.

Dimensões: da mesa 7 mm x 4,5 mm; D. 11 mm; d. 10 mm; altura 2 mm; espessura (máxima) 2 mm.

Estado de conservação: completo.

- 18 — Anel de mesa circular saliente, cujo aro, de rebordos finos, diminui para a parte posterior do mesmo.

Dimensões: D. 7 mm (mesa); D. 18 mm (aro); altura (máxima) 6 mm.
Secção em D.

Estado de conservação: incompleto, torcido e em decomposição.

- 19 — Anel de mesa elíptica, plana, ao nível do aro, que vai estreitando levemente para a sua parte posterior. Apresenta uma curvatura quase quadrangular.

Dimensões: altura da mesa 10 mm; D. 25 mm; altura (máxima) 8 mm; espessura 3 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo, porém em decomposição incipiente.

Este tipo pode datar-se da segunda metade do século II a fins do século IV d.C. (1).

- 20 — Anel de mesa circular de aro fitiforme de extremidades sobrepostas.

Dimensões: D. da mesa 8,5 mm; D. 22 mm; d. 19 mm; altura 5,5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas torcido.

- 21 — Anel de mesa elíptica e aro fino fitiforme de extremidade sobrepostas.

(1) Teria este anel possuído uma pedra colada na mesa? Com efeito, em *Antiquities of Roman Britain (British Museum)* vemos um anel deste tipo, porém de mesa losangonal e com uma pedra colada. Está incluído no grupo A da classificação de anéis aí contida e datado do século II d.C.. Igualmente, J. P. Bushe-Fox, *Third Report on the excavations on the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, Oxford, 1916, est. XVIII, n.ºs 28 e 29, cita dois anéis deste tipo, porém, um com uma ornamentação gravada, e o outro com uma pedra colada. O anel gravado está datado dos fins do século I e começos do século II e o anel de pedra proveio da zona VI, datada da 2.ª metade do século II a fins do século IV.

Dimensões: altura da mesa 6,5 mm; D. 17 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1,3 mm.

Estado de conservação: completo (1).

- 22 — Anel de mesa losangonal, pouco perceptível e ligeiramente mais espessa que o resto do aro, que apresenta as extremidades sobrepostas. Estas são arredondadas, achatadas e maior uma do que a outra. O aro é fitiforme.

Dimensões: altura da mesa 4,8 mm; D. 17 mm; d. 16 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Conhecemos um anel semelhante, mas de época merovíngia (2).

- 23 — Anel de mesa vagamente hexagonal, muito grande, e aro fitiforme e de extremidades sobrepostas e arredondadas. O aro vai estreitando para as extremidades.

Dimensões: altura da mesa 13 mm; D. 20 mm; espessura 0,6 mm.

Estado de conservação: incompleto e de mesa fracturada(3).

- 24 — Anel de mesa hexagonal irregular e aro fitiforme de extremidades sobrepostas.

Dá-nos a ideia de estar voltado do avesso.

Dimensões: altura da mesa 6 mm; espessura da mesa 1,5 mm; D. 20 mm; d. 18 mm; altura do aro 3 mm; espessura do aro 1 mm.

Estado de conservação: completo, torcido nas extremidades e em decomposição.

- 25 — Anel de mesa quadrangular imperfeita e aro fitiforme, levemente convexo, fechado.

Dimensões: altura da mesa 5,8 mm; espessura da mesa 0,2 mm; D. 20 mm; altura do aro 2,2 mm; espessura do aro 1 mm.

Estado de conservação: incompleto, partido em dois pedaços e em decomposição.

- 26 — Apresenta igualmente uma mesa quadrangular irregular, mesa essa, todavia, que é feita de uma peça solta que se enrolou em volta do aro e se uniu, depois, na base. O aro é fitiforme.

(1) René Louis, «Informations — XIX^e circonscription historique», *Gallia*, XIV (1956), p. 312, fig. 7. Este anel faz parte do mobiliário de uma sepultura merovíngia em Escolives (Yonne).

(2) Jacques Heurgon, «I.^e circonscription», *Gallia*, VII (1949), p. 109, fig. 8. É um achado de Valenciennes e pertence a um cemitério merovíngio.

(3) Reinhart, *art. cit.* p. 176, fig. 3, n.º 60. O anel aqui indicado embora apresente formato semelhante ao de Conímbriga tem, contudo, a mesa ornamentada por estrias. Pertence a uma necrópole visigótica.

Dimensões: altura da mesa 6 mm; altura do aro 3,2 mm; espessura 1 mm;
D. 20 mm; d. 17 mm.

Estado de conservação: completo, mas decomposto.

- 27 — Anel de aro fitiforme com decoração linear incisa: linhas verticais e oblíquas, dispostas irregularmente, e atingindo o aro nos seus dois bordos.

Dimensões: D. 20 mm; d. 15 mm; altura 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto.

- 28 — Anel de aro fitiforme com decoração linear incisa: linhas verticais e oblíquas, que ora atingem ora não, os bordos do aro.

Dimensões: D. 15 mm; altura 3 mm; espessura 0,7 mm.

Estado de conservação: incompleto.

- 29 — Anel de aro em forma de fita com decoração linear incisa em zigue-zague.

Dimensões: D. 17 mm; d. 16 mm; altura 4 mm; espessura 0,9 mm.

Estado de conservação: incompleto e decomposto.

- 30 — Anel de aro fitiforme de extremidades sobrepostas com uma decoração constituída por dois sulcos, um de cada lado, contornando o aro e, na parte média deste, uma linha em zigue-zague.

Dimensões: D. 19 mm; altura 3,5 mm; espessura 0,8 mm.

Estado de conservação: completo.

- 31 — Anel de aro fitiforme de extremidades sobrepostas, uma arredondada e outra recta com uma decoração linear incisa formando uma espécie de zigue-zague duplo.

Dimensões: D. 17 mm; d. 15 mm; altura 4 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas torcido.

Há mais quatro fragmentos de anéis deste tipo cujas alturas variam entre 3 e 4 mm.

Parece ser um anel visigótico (1).

- 32 — Anel de aro fitiforme, de extremidades levemente sobrepostas e cuja decoração é constituída por linhas verticais incisas.

Dimensões: D. 16 mm; altura 1,5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

- 33 — Anel de aro laminar com decoração linear incisa: um sulco profundo envolve o anel na sua parte média.

(1) W. M. Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 58.

Dimensões: D. 22 mm; d. 19 mm; altura 2 mm; espessura 0,9 mm.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois pedaços.

- 34 — Anel de aro em forma de fita, aberto, cuja decoração linear incisa é constituída por dois sulcos incisivos que contornam o aro, nos seus dois bordos. A parte média é levemente boleada.

Dimensões: D. 20 mm; altura 3,8 mm; espessura 0,5 mm.

Estado de conservação: completo.

Esta forma de anel parece ser bastante comum e estender-se do Bronze Final III à época romana imperial (1).

- 35 — Anel de mesa plana, possivelmente circular, o aro fitiforme com decoração idêntica à do anel anterior.

Dimensões: D. 22 mm; d. 20 mm; altura do aro 4,8 mm; espessura 0,8 mm.

Estado de conservação: incompleto, muito partido e decomposto.

Parece ser um anel visigótico (2).

- 36 — Anel de aro fitiforme e circular, fechado, cuja decoração incisa linear é constituída por uma série profusa de linhas verticais cortadas, na sua parte média, por um sulco longitudinal que contorna o aro.

Dimensões: D. 20 mm; altura 2 mm; espessura 0,8 mm.

Estado de conservação: completo, mas partido.

Há mais um anel deste tipo.

- 37 — A decoração deste aro em forma de fita é constituída por dois sulcos que envolvem a parte média do aro e por estrias oblíquas profundas, partindo daqueles para os bordos do aro.

Dimensões: D. 18 mm; d. 14 mm; altura 3 mm; espessura 1,8 mm.

Estado de conservação: incompleto, fragmentado e em decomposição.

(1) Pierre Abauzit, «Du chalcolithique au premier âge du Fer en Languedoc», *Revue Archéologique du Centre*, III (1964), p. 233, fig. 6. Este anel é considerado como sendo do Bronze Final III. Georges Fouet, «Puits funéraires d'Aquitaine», *Gallia*, XVI (1958), p. 142, fig. 21, n.º 303. O autor cita aqui um bracelete de ornamentação idêntica à deste anel e datado do século I a.C.

(2) W. M. Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 57. A mesa deste anel possui uma pedra.

- 38 — Este anel de espessura laminar apresenta uma decoração linear incisa constituída por uma série de estrias verticais, dispostas irregularmente, cortadas na sua parte média por dois sulcos longitudinais.

Dimensões: D. 20 mm; altura 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas partido em dois pedaços e torcido.

- 39 — Anel em forma de fita com decoração pontilhada em espirais e de extremidades abertas, sendo uma delas arredondada.

Dimensões: D. 20 mm; altura 6 mm; espessura 6,5 mm.

Estado de conservação: completo, mas com as extremidades fragmentadas.

- 40 — Anel fitiforme e de extremidades sobrepostas. Apresenta uma decoração pontilhada a contornar os dois bordos e um motivo oval repetido na parte média. As extremidades são mais largas do que o restante aro.

Dimensões: D. 18 mm; d. 15 mm; altura 5 e 6 mm; espessura 1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo, torcido e com uma extremidade fragmentada.

- 41 — Anel de aro fechado com mesa de decoração pontilhada, formando um rectângulo central e dois triângulos, enquadrados por duas linhas verticais também pontilhadas. O aro vai estreitando progressivamente para a parte posterior.

Dimensões: D. 18 mm; altura da mesa 5,5 mm; altura do aro 4,5 mm

(a mais estreita); espessura 0,9 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas muito torcido (1).

- 42 — Anel em forma de fita, com decoração metopada aberta a cinzel: rectângulos separados por dois sulcos verticais.

Dimensões: D. 16 mm; d. 15 mm; altura 2,8 mm; espessura 1,7 mm.

Estado de conservação: incompleto.

- 43 — Anel de aro fitiforme e com decoração denticulada imperfeita.

Dimensões: D. 16 mm; altura 2,2 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto e ligeiramente torcido.

Há outro anel deste tipo, mas de aro mais estreito.

- 44 — Anel de mesa losangonal cujo aro fechado apresenta decoração idêntica à do anel anterior.

(1) Gisela M. A. Richter, *Catalogue of engraved gems*, Roma, 1956, est. LXV, n.º 598. Este anel apresenta, todavia, uma inscrição pontilhada na mesa e está integrado nos anéis romanos com inscrição dos séculos I a.C. a IV d.C.

Dimensões: D. 18 mm; altura da mesa 3 mm; altura do aro 2 mm;
espessura 1,3 mm.

Estado de conservação: completo.

- 45 — Anel fitiforme, de aro fechado, cuja decoração denticulada se apresenta perfeita, formando figuras geométricas (losangos).

Dimensões: D. 17 mm; altura 2 mm (máxima); espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

- 46 — Anel de aro fechado em forma de fita e com ornamentação denticulada perfeita aberta a cinzel, formando diversos polígonos, hexágonos e paralelogramos.

Dimensões: D. 17 mm; d. 17 mm; altura 2 mm; espessura 1 mm a 0,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

- 47 — Fita enrolada em círculo com decoração denticulada aberta a cinzel.

Dimensões: D. 19 mm; altura 3 mm; espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

Há outro anel deste tipo.

- 48 — Anel fitiforme com decoração metopada: losangos separados por 3 sulcos verticais.

Dimensões: D. 20 mm; altura 2,8 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

- 49 — Anel de mesa oval e extremidades sobrepostas, com decoração linear nas asas — 3 estrias verticais, de cada lado da mesa, que se apresenta menos espessa que o aro.

Dimensões: D. 20 mm; altura da mesa 4 mm; altura do aro 2,5 mm;

espessura da mesa 0,1 mm; espessura do aro 1,1 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: completo, mas muito torcido (1).

- 50 — Anel de mesa oval e de asas salientes com decoração linear: 3 linhas verticais ladeando a mesa. Esta apresenta também uma ornamentação constituída por 3 linhas, formando entre si ângulos. O aro fecha pela sobreposição das extremidades, arredondadas.

(1) René Louis, «Informations — XIX^e circonscription historique», *Gallia*, XIV (1956), p. 312, fig. 7. A mesa deste anel é quase rectangular e tem mais sulcos verticais a ornamentá-la. Pertence a um túmulo merovíngio.

Dimensões: D. 20 mm; altura da mesa 5 mm; altura do aro 3 mm (máxima); espessura: 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas muito carcomido (1).

- 51 — Anel de mesa quadrangular com ornamentação linear; dois sulcos contornam a mesa e, no centro, duas diagonais duplas. As asas têm um ornamento em forma de aspas.

Dimensões: D. 20 mm (provável); altura de mesa: 10 mm; altura do aro: 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois bocados.

- 52 — Anel de mesa elíptica soldada ao aro e com decoração linear: 9 incisões dispostas oblíqua e irregularmente (umas rectas e outras curvas).

Dimensões: D. 16 mm; altura da mesa 8 mm; altura do aro 2 mm; espessura 1 mm.

Secção do aro em D quase imperceptível.

Estado de conservação: completo.

- 53 — Anel de mesa oval, plana, com decoração figurativa esquemática duvidosa aberta a cinzel: uma figura que nos parece uma ave, no centro da mesa contornada por um pontilhado. Esta ornamentação está pouco perceptível. O aro, boleado, diminui para a parte posterior.

Dimensões: D. 22 mm; altura da mesa 8 mm; altura do aro 5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto, carcomido e de extremidades fracturadas (2).

- 54 — Anel de aro boleado, fechado, e mesa oval com decoração figurativa esquemática, aberta a cinzel, de interpretação muito duvidosa: um pontilhado contorna a mesa e, no interior deste, a figura do que nos parece ser uma ave, cuja cabeça é formada por um círculo com uma espécie de resplendor e o corpo por traços ramificados. As asas da mesa estão ornamentadas por dois traços verticais e aspas. O aro adelgaça para a parte posterior.

Dimensões: D. 24 mm; altura da mesa 10 mm; espessura 2 mm (máxima).

(1) O anel apresentado por Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 59, tem um formato semelhante ao deste anel, porém a mesa possui uma cruz a ornamentá-la. Está incluído no grupo de anéis visigóticos procedentes de necrópoles de Espanha.

(2) Mendes Correia, «A necrópole de Parada Todeia», *O Archeologo Português*, XXVI (1923-24), p. 9, fig. 7. Há aqui um anel ornamentado com uma ave cujos contornos se aproximam da do n.º 53. Segundo o autor, esta ave lembra os palmípedes estampados na cerâmica pré-romana de Sabroso, os motivos zoomórficos das fíbulas de La Tène I e as pinturas de aves na cerâmica ibérica da 2.ª idade do ferro do SE espanhol.

Secção em D.

Estado de conservação: completo

Número do inventário geral: A 409.

- 55— Anel de mesa oval, plana, cuja ornamentação é constituída por um motivo de interpretação duvidosa no qual pretendemos ver um peixe muito esquematizado; duas linhas curvas formam o corpo; duas linhas em X, a cabeça e um ponto, o olho. Um pontilhado contorna a parte superior e inferior da mesa. O aro em forma de fita apresenta, posteriormente, um enfeite em aspas.

Dimensões: D. 16 mm; (provável); altura da mesa 6,5 mm; altura do aro 2 mm; espessura 0,9 mm.

Estado de conservação: incompleto.

Parece ser um anel visigótico (1).

- 56 — Anel de mesa circular decorada com cinco S, dispostos em cruz, sendo três deles separados por dois pontos. As asas, separadas do resto do aro, revestem a forma de uma folha, contornada por um sulco. O aro está fechado.

Dimensões: D. 23 mm; altura da mesa 11 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1,5 mm.

Estado de conservação: completo, mas fragmentado numa das asas. Secção rectangular.

Anel típico do Baixo Império Romano e época visigótica (2).

(1) Um anel publicado por D. Fernando de Almeida, «Arte visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, IV (1962), est. LXI, fig. 336, apresenta na mesa 3 peixes bem definidos.

(2) John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76 N e O. Estes dois anéis apresentam um formato idêntico ao de Conímbriga, porém a mesa é elíptica e os ornamentos são diferentes. O autor não delimita com precisão a data destes achados. Sabemos só que pertencem à época romana imperial. *Antiquities of Roman Britain*, Londres, British Museum (1958), p. 25, fig. 13, n.º 3. O aro, de formato idêntico ao deste anel, apresenta uma secção circular e a mesa, octogonal, possui uma incrustação. Está integrado no grupo C da classificação de anéis aqui inserida e é considerado como sendo do século III e IV d.C.. M. Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 10. Embora não seja exactamente igual ao de Conímbriga apresenta semelhanças flagrantes. É um anel do século III e começo do século IV d.C.. D. Fernando de Almeida, «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, IV (1962), est. LXI, fig. 337. Embora apresente o mesmo tipo de ornamento é diferente do nosso anel. W. M. Reinhardt, *art. cit.* p. 76, fig. 3, n.º 50. Este anel possui uma decoração em S, decoração essa característica de algumas fíbulas godas dos séculos V e VI d.C..

- 57 — Anel fitiforme, cujo aro, fechado por soldadura, apresenta letras gravadas, rodeadas por alguns pontos, formando dois grupos distintos separados por duas palmas. É possível que estas letras não façam sentido. Num dos grupos parecem ver-se as seguintes letras: NXIIN — e no outro XN (ou H) XHX. A letra II tanto pode ser um H, como um E, pois que o E cursivo representava-se, precisamente, por dois traços verticais (1). Se voltamos o aro ao contrário, a ordem destas letras passa a ser a inversa.

Dimensões: D. 20 mm; d. 17,5 mm; altura 5 mm; espessura 0,6 mm.

Estado de conservação: completo, mas aberto.

- 58 — Anel de mesa elíptica, saliente em relação ao aro boleado (2,5 mm) e com a seguinte inscrição: AVE. O aro vai diminuindo para a sua parte posterior.

Dimensões: D. 25 mm; altura da mesa 10 mm; altura do aro (máxima)

8 mm; espessura 4 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto.

- 59 — Anel de mesa circular, saliente em relação ao aro, formando como que um tronco de cone invertido e partindo duma base losagonal. Apresenta uma inscrição, constituída pelas seguintes letras — A M A O N —, que talvez representasse o nome da sua proprietária. Esta leitura poderá fazer-se a partir de qualquer das letras.

Dimensões: D. 22 mm; altura da saliência 7,5 mm; altura do aro 3 mm; espessura 2,2 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: incompleto.

- 60 — Anel de mesa rectangular, muito pouco perceptível em relação ao aro, fitiforme e de extremidades sobrepostas. O aro vai diminuindo de altura para as extremidades. A decoração da mesa é constituída por um losango e, no interior deste, uma cruz simples, incisos. Uma espécie de quadriculado ornamenta as asas da mesa.

Dimensões: D. 21 mm; d. 20 mm; altura da mesa 5 mm; altura mínima do aro 2,5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

- 61 — Este anel de mesa oval e achatada apresenta igualmente uma decoração cruciforme: cruz simples com um ponto em cada extremidade. Encontram-se mais dois pontos, um de cada lado do aro, junto da mesa. Este é aberto e vai estreitando levemente para as extremidades arredondadas.

Dimensões: D. 20 mm; d. 18 mm; altura da mesa 8 mm; altura máxima do aro 5 mm; espessura da mesa 1,1 mm; espessura do aro 1 mm a 0,5 mm.

(1) René Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, (1914), pp. 3 e ss.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: incompleto, pois tem uma das extremidades partidas (1).

62 — Anel de mesa oval, com incrustação que já não existe. O aro, boleado, vai adelgaçando progressivamente para a parte posterior.

Dimensões: D. 18 mm; altura da mesa 7 mm; altura do aro 1,5 mm; espessura do aro 1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e partido.

Há mais um fragmento de outro anel deste tipo.

63 — Tal como o anel anterior, apresenta uma mesa elíptica com incrustação, que desapareceu. O aro fechado vai diminuindo de altura para a sua parte posterior.

Dimensões: D. 16 mm; altura mínima do aro 2 mm; espessura máxima 1,8 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: incompleto, pois falta-lhe a pedra.

A forma destes dois últimos anéis é frequente e encontra-se, pelo menos, do século i ao m d.C. (2).

64 — A mesa circular deste anel, com incrustação, encontra-se 7 mm saliente do aro, apresentando a forma de um tronco de cone, com nítida separação daquele. O orifício de incrustação atinge a parte interna do anel. O aro possui uma maior espessura na parte central e tem, aí, uma ranhura.

Dimensões: D. 14 mm; espessura do aro 4,5 mm.

Secção do aro quase circular.

Estado de conservação: incompleto, pois falta-lhe a pedra e um pequeno fragmento no interior (3).

(1) Wolfgang Hübener, «Schildförmige gurtelhaften der Merowingerzeit in Spanien und Mitteleuropae», *Madriider Mitteilungen*, 3 (1962), p. 155, fig. 2. A mesa deste anel não nos dá a ideia de estar saliente e parece ter um pontado a contornar a cruz, sem pontos nos extremos. O aro é fechado. Trata-se dum anel merovíngio.

(2) Wemer Krámer, *Cambodunumforschungen* 1953 — /, 1957, est. 16, n.º 7. Esta estação arqueológica estende-se dos inícios do século i a meados do século m d.C. Hans-Günther Simon, «Die römischen Funde aus der Grabung in Gross-Gerau, 1962-63», *Saalburg-Jahrbuch*, XXII (1965), p. 52, fig. 6, n.º 19. Este anel, de mesa todavia oval, está datado dos começos do século n d.C.

(3) Georges C. Boon, *Roman Silchester*, London, p. III, fig. 16, n.º 4. O formato deste anel é muito semelhante ao do anel citado anteriormente.

65 — Anel com remate em forma de folha de hera. Provavelmente, pertencia à categoria dos anéis serpentiformes muito usados na época romana.

Dimensões: D. 17 mm; comprimento da folha 10 mm; espessura da folha 1,5 mm; espessura do aro 2 mm.

Secção do aro: circular.

Estado de conservação: incompleto (1).

Há ainda um fragmento de um anel que parece ser deste tipo, porém, sem as duas extremidades.

66 — Anel com remate em forma de lira e aro fítiliforme. Faz-nos lembrar pelo seu formato os anéis de chave romanos.

Dimensões: D. 20 mm; altura do aro 1,9 mm; espessura 1,2 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto e em decomposição (2).

Anel de latão

67 — Anel de mesa elíptica levemente pronunciada em relação ao aro onde se insere.

Este vai estreitando progressivamente para a sua parte posterior.

Dimensões: D. 14 mm; altura da mesa 10 mm; altura mínima do aro 4,5 mm; espessura 3 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: completo, mas em decomposição.

É o único anel neste metal procedente das escavações anteriores a 1962.

(1) Anita Büttner, «Figürlich verzierte Bronzen von Kastell Zugmantel», *Saalburg-Jahrbuch*, XX (1962), est. 3, n.º 3. O formato deste anel aproxima-se do anel n.º 65, o que nos leva a supor que este anel seja do mesmo tipo, mas mais imperfeito. Sabemos que o castelo foi destruído entre 120 e 130 d.C. Wemer Krämer, *ob. cit.*, est. 16, n.º 11. O formato deste anel serpentiniforme aproxima-se do de Conímbriga. A estação arqueológica a que pertence estende-se dos inícios do século i a meados do século m d.C.

(2) J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, II, 1914, p. 12, fig. 5, n.º 20. Pertence ao tipo de anéis de chave muito em voga na época romana e aproxima-se do de Conímbriga. Esta estação arqueológica vai dos fins do século i e princípios do n.º aos fins do século iv d.C. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.ºs 24 e 25. Os dois anéis de bronze, com chave, fazem-nos lembrar o anel citado acima. O último destes anéis está datado do século ni ou iv d.C.

Anéis de cobre ou bronze

- 68 — Fita de cobre dobrada circularmente e de extremidades sobrepostas, uma arredondada e outra não, de dimensões diferentes. A sua decoração linear é constituída por uma mesa rectangular, central, ornamentada por sulcos duplos, que seguem as diagonais e descrevem quatro triângulos. Dois outros sulcos marcam os lados do rectângulo e separam-no do aro. Dois trifólios decoram as asas da mesa.

Dimensões: D. 20 mm; altura 7,5 mm a 4 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 410.

- 69 — Anel de aro fitiforme aberto, com decoração floral aberta a cinzel: malmequeres separados por aspas pontilhadas; de cada lado do malmequer, 4 pontos formam uma espécie de losango; duas folhas losangonais compridas contornam as aspas, ora no interior ora no exterior destas; entre as aspas, vários pontos descrevem dois losangos com um ponto central.

Dimensões: D. 20 mm; altura 7 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 407.

Anel de prata

- 70 — Anel de aro fitiforme, simples e fechado, cuja altura não se mantém uniforme.

É do mesmo tipo do anel de bronze n.º 9.

Dimensões: D. 20 mm; altura máxima 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 413.

- 71 — O aro poligonal deste anel apresenta o formato de um trapézio isósceles (na parte média anterior) e de um semi-círculo (na parte média posterior). A parte central do anel (base menor do trapézio) tem um orifício arredondado, que atravessa toda a sua espessura.

Dimensões: D. 22 mm; d. 18 mm; altura 4,5 mm a 2,5 mm; espessura 4 mm a 2 mm.

Secção quase quadrangular.

Estado de conservação: parece estar completo.

Anel característico dos séculos m e iv d.C. (1).

(1) Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 5. Embora não seja igual ao anel considerado aqui, apresenta todavia

- 72 — Anel de prata com pedra vítrea convexa, verde-gelo, incrustada numa caixa da forma elíptica, com fundo horizontal e paredes convergentes. O aro de espessura laminar encontra-se decorado por dois sulcos incisos, longitudinais, rodeados por uma espécie de espinhos.

Dimensões: D. 20 mm; d. 18 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1 mm.
Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas partido. A pedra encontra-se em mau estado de conservação: fragmentada e com crateras, picado miúdo e intenso e irisão prateada incipiente.

Este anel parece datar dos fins da época imperial romana ou da época visigótica (1).

Anéis de ouro

- 73 — Anel de mesa losangonal decorada com uma palmeta muito estilizada e de aro fino e boleado, que vai estreitando progressivamente para a sua parte posterior.

Dimensões: d. 17 mm; altura da mesa 4 mm. Peso: 1.500 mg.

Secção de aro em D.

Estado de conservação: completo, mas ligeiramente amolado.

Número de inventário geral: A 277.

Este tipo de anel é característico da época imperial romana (2).

um formato análogo. Cita-se nesta obra que o aro angular é típico do século n e iv d.C. Na p. 101, fig. 30, n.º 12 fala-se doutro anel de bronze, de aro angular, porém de mesa hexagonal furada, com o topo circular. Está datado como sendo do romano final. *British Museum, Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 25, fig. 13, n.º 2. O aro deste anel assemelha-se ao de Conímbriga mas possui mesá com incrustação. Está datado do século m ou iv d.C. e incluído no grupo B da classificação de anéis desta obra.

(1) R. A. Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, Londres, est. 63, G. A mesa deste anel é todavia rectangular. O autor não delimita com exactidão a época a que pertence e dá-lo como sendo da época imperial. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 9. Embora seja exactamente igual ao de Conímbriga, a mesa é contudo igual, bem como o processo de a inserir no aro. É de bronze e, provavelmente, do século m d.C. H. Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Brugge, 1962, est. VI, n.º 7. Difere do anel n.º 72 no formato do aro e pertence ao romano final. W. M. Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 56. Este anel visigótico é de bronze.

(2) Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 2. A mesa deste anel é oval. É provavelmente do século i d.C. Gisela

- 74 — Fita de ouro, dobrada certamente em círculo, cuja decoração é constituída por fios de ouro formando SS espiralados e por um estreito cordão contornando os dois bordos do anel, ornamentado com sulcos verticais.

Estado de conservação: partido, torcido e amolado (daí a impossibilidade de determinar o seu diâmetro exacto).

Dimensões: comprimento total da fita 50 mm. Peso: 1585 mg.

Este anel, pela sua decoração, parece ser da época bizantina (1).

- 75 — Anel de mesa oval com incrustação rodeada, exteriormente, por pequenas pérolas. O aro encontra-se decorado por uma fila de pérolas na sua parte média, ladeadas por sulcos longitudinais. O interior apresenta também dois sulcos longitudinais.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; altura do aro 5 mm; espessura 1 mm.

Peso: 1.600 mg.

Estado de conservação: incompleto, pois falta-lhe a pedra; partido em três pedaços e um deles fendido.

Os anéis deste tipo parecem ser bizantinos (2).

- 76 — O aro deste anel apresenta-se recortado e formando uma espécie de losangos e hexágonos alternados. Tem duas pestanas bastante prolongadas, entre as quais se passou um eixo, e onde roda uma pedra de coral, barrilóide, rosa-claro.

Dimensões: D. 20 mm; comprimento da pedra 8 mm; altura máxima do aro 3,5 mm; espessura 1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 414.

M. A. Richter, *Catalogue of engraved gems*, est. LXIV, n.^o 574, 575. Estes dois anéis apresentam palmas gravadas na mesa, embora não sejam exactamente iguais ao de Conímbriga. A autora não precisa com exactidão a sua cronologia e considera, para eles, um período muito extenso — século i a.C. a iv d.C.

(1) Samuel dos Santos Gener, «Museo Arqueológico de Córdoba» — II — Un anillo relicario bizantino», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, V (1944), p. 90. O autor diz-nos que os bordos dos anéis semelhantes aos de Conímbriga são frequentes na decoração bizantina. Na p. 12 citam-se anéis do mesmo tipo do de Conímbriga mas não exactamente iguais e todos possuem mesa.

(2) Alejandro Ramos Folques, «Museo Municipal de Elche (Alicante)», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, est. XLVII, 1-6. Surgem aqui anéis ornamentados por pequenas pérolas, porém de formato muito mais simplificado que o do anel n.^o 75. São tipicamente bizantinos e datados dos séculos iv a x d.C.

Anel dos fins do século n ao século iv d.C. (1).

Anel de osso

77 — Anel de aro boleado e bordos de espessuras diferentes.

Dimensões: D. 20 mm; altura 5 mm; espessura máxima 3 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois bocados.

É o único anel neste material existente em Conímbriga e proveniente das escavações anteriores a 1962.

Anéis de vidro

78 — Anel de vidro preto, imitando azeviche, com forma lisa no interior e o exterior com aspecto de gomos verticais estreitos e salientes. É de tipo idêntico ao do bracelete n.º 30.

Dimensões: D. 20 mm; altura 6 mm; espessura máxima 2 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto.

79 — Anel de vidro preto e opaco com mesa oval, plana.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; altura 6,6 mm; espessura máxima 4 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro apresenta picado intenso em toda a sua superfície e algumas crateras.

80 — Anel de vidro negro e fosco, em forma de fita, mas cuja superfície externa se apresenta ligeiramente côncava.

Dimensões: D. 16 mm; altura 4 mm; espessura 1,2 mm.

Secção levemente em C.

Estado de conservação: incompleto. O vidro mostra picado em toda a sua superfície.

(1) R. A. Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, est. 62-E e 63-D. Estes anéis não são exactamente iguais ao anel citado anteriormente. O autor considera para a sua datação o período de fins do século n ao século iv d.C. Manuel Heleno, «O tesouro da Borralheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português*, nova série, II (1953), fig. 2, n.º 1. Difere do anel n.º 76 no formato do aro, que não se apresenta recortado. Pertence à época imperial, como o demonstra a existência de moedas do princípio do século m d.C.

- 81 — Anel de vidro, negro e opaco, de aro liso no interior e cujo exterior se apresenta ornamentado por protuberâncias salientes (3 ordens de saliências) de forma losangonal.

Dimensões: D. 20 mm; altura 7,2 mm; espessura 3,5 mm.

Estado de conservação: incompleto. O vidro apresenta picado miúdo e algumas crateras.

- 82 — Anel de vidro, negro e fosco, com mesa oval quase redonda, saliente e de aro boleado.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; altura do aro 4 mm; espessura 3,5 mm.

Secção do aro oval.

Estado de conservação: incompleto. O vidro mostra picado incipiente, além do desgaste causado pelo uso.

Número do inventário geral: A 441 (1).

- 83 — Fita de vidro incolor, dobrada em círculo e cujas extremidades ovais se sobre põem. Faz-nos lembrar os anéis serpentiformes de metal.

Dimensões: D. 20 mm; altura 4 mm; espessura 1,8 mm.

Estado de conservação: uma das pontas está incompleta e apresenta leve irrisão multicolor, estrias e picado incipiente.

Número do inventário geral: A 412.

Pedras de anel

Provenientes das antigas escavações existem, em Conímbriga, 7 pedras de anel gravadas com motivos diversos.

- 1 — Pedra de anel oval, em ónix castanho-escuro com veio branco no centro, de mesa plana e lados talhados em bisel. Tem gravado um javali correndo para a esquerda e um cão entre as patas daquele animal, voltado igualmente para a esquerda.

Dimensões: D. 13,5 mm; d. 9,8 mm; espessura 3,1 mm.

Estado de conservação: completa.

Número do inventário geral: A 425 (2).

(1) François Eygun, «Circonscription de Poitiers», *Gallia*, XXI (1963), p. 460, fig. 32. Apresenta formato semelhante ao de Conímbriga e pertence à época romana imperial.

(2) Este mesmo motivo aparece em Gisela Richter, *Catalogue of engraved gems*, Roma, 1956, est. XXXVI, n.º 243, numa pedra que a autora data do século III ou II a.C. — o que, certamente, é uma data demasiadamente recuada para a pedra do anel de Conímbriga.

- 2 — Pedra de anel em vidro, oval, cor de vinho (quase lilás). A face superior, levemente convexa, tem entalhada uma figura ambígua, um grifo ou, menos provavelmente, esfinge ou capricórnio.
Dimensões: D. 15 mm; d. 11 mm; espessura 2 mm.
Estado de conservação: completa, mas ligeiramente fragmentada num dos bordos. Apresenta picado miúdo em toda a sua superfície.
Número do inventário geral: A 427(1).
- 3 — Pedra de anel, oval, em cornalina, alaranjada, de bordos talhados em bisel e face superior levemente convexa. Tem gravada uma figura da Marte, de pé, voltada para a direita, com o escudo na mão direita, a lança na esquerda e a cabeça coberta com um capacete.
Dimensões: D. 17 mm; d. 11 mm; espessura 4,5 mm.
Estado de conservação: completa.
Número do inventário geral: A 424.
Mário Cardozo publicou já esta pedra (2).
- 4 — Pedra de anel oval, em vidro. Sobre uma mesa de vidro preto surge uma segunda camada de vidro azul-cobalto claro com um peixe gravado, que nada para a direita, muito mal impresso.
Dimensões: D. 13 mm; d. 11 mm; espessura 2,5 mm.
Estado de conservação: completo. O vidro apresenta picado miúdo em toda a superfície e algumas crateras.
Número do inventário geral: A 423.
Mário Cardozo publicou já esta pedra, cuja figura interpretou como um golfinho, atributo de Apoio, de Cibebe, ou até de Neptuno (3).

Há outra pedra deste tipo embora o desenho não seja perceptível.

(1) Gisela M. A. Richter, *ob cit.*, est. XLIX, n.^{os} 390 e 391. A esfinge aqui representada apresenta semelhanças com a figura de Conímbriga pois possui asas, mas tem cabeça humana e corpo de leão. Na est. L, n.^{os} 400 e 403, surge-nos gravado o capricórnio com certa semelhança com a pedra de anel de Conímbriga. Na est. L, n.^{os} 397 e 398 surge o grifo que se mostra muito mais parecido com a figura gravada na pedra n.^o 2. Todos estes anéis não possuem uma datação precisa pois são considerados como sendo da época imperial.

(?) Mário Cardozo, «Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXII, 1962, fig. 1. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. XLI, n.^{os} 294 e 298. Representa-se aqui Ares (Marte) ora vestido, ora não, porém não exactamente igual ao da pedra n.^o 3. Pertencem estas pedras de anel à época imperial.

(3) Mário Cardozo, *art. cit.*, p. 160-161, fig. 5. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. LXII, n.^{os} 537 e 538. Não são exactamente iguais às de Conímbriga. Pertencem à época romana imperial.

- 5 — Pedra de anel oval, em ónix, castanho-âmbar, de face superior muito convexa. Tem entalhada a figura de um pequeno quadrúpede a correr para a esquerda.
Dimensões: D. 11,5 mm; d. 9 mm; espessura 4 mm.
Estado de conservação: completa.
Número do inventário geral: A 426.
Foi publicada também já por Mário Cardozo, que considera esta figura como um cavalo e põe a hipótese dela figurar como um atributo do Sol ou da Aurora (1).
- 6 — Pedra de anel em ónix, oval, com dois tons de azul: azul-escuro (quase negro) e azul-acinzentado. Esta é a cor da face superior, onde se encontra gravada uma figura masculina, de frente, com bastão na mão esquerda e túnica caindo do ombro direito.
Dimensões: D. 12 mm; d. 12 mm; espessura 2 mm.
Estado de conservação: incompleta e fragmentada, faltando a cabeça e o ombro direito da figura.
Número do inventário geral: A 428.
Mário Cardozo publicou esta pedra, cuja figura interpretou como Hércules, empunhando a clava na mão direita e a pele de leão na esquerda (2).
- 7 — Pedra de anel em cornalina circular, vermelha, de lados talhados em bisel; tem gravada a cabeça de um velho barbado voltado para a esquerda.
Dimensões: D. 13,5 mm; espessura 2,2 mm.
Estado de conservação: partida em dois pedaços e colada.
Número do inventário geral: A 422.

(1) Mário Cardozo, *art. cit.*, pp. 160-161, fig. 4. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. LXI. Citam-se aqui pedras de anel da época imperial figurando animais, mas nenhuma exactamente igual à de Conímbriga.

(2) Mário Cardozo, *art. cit.*, pp. 160-161, fig. 3. H. Gallet de Santerre, «Circonscription de Languedoc-Roussillon», *Gallia*, XXIV (1966), p. 458, fig. 16. A figura aqui representada de um velho barbado não é exactamente igual à de Conímbriga. Foi encontrada perto de uma vila romana em Aiguefer. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. LXI, n.ºs 459 a 461. Todas estas pedras representam a figura de um velho barbado, porém a do n.º 461 é a mais parecida com a citada. Pertencem à época imperial romana. Na estampa XXXIV, n.º 241 encontra-se igualmente a figura de um velho barbado gravada numa pedra, datada do século m a n a.C.. Esta peça de Conímbriga, aparecida sob os mosaicos do peristilo da casa dos repuxos, não pode ser anterior aos inícios do século m, data que parece dever atribuir-se a esses mosaicos.

BRINCOS

INTRODUÇÃO

Para bem compreendermos a evolução dos brincos (*inaures* na denominação latina) temos de remontar à sua origem (1).

O costume de furar as orelhas e de aí colocar um aro de metal veio do Oriente. Assim, egípcios e asiáticos usavam já os brincos nas suas duas modalidades: o brinco rígido, de uma só peça, geralmente curta, e o brinco de pingentes. Em Chipre, todavia, nota-se o aparecimento de uma nova modalidade de brinco — guarnição metálica ricamente ornamentada, cinzelada ou decorada, seguindo os contornos da orelha sobre a cartilagem. Tinha, por vezes, pingentes que desciam até ao pescoço.

Do Oriente, os brincos transitam para a Grécia e Roma. Os gregos, com o seu gosto muito requintado, permaneceram fiéis, durante muito tempo, ao brinco rígido de proporções modestas: uma simples rodela (ou escudo) ou um pingente. Porém, na época helenística e greco-romana vemos surgir as formas plásticas e complicadas, os conjuntos de rosáceas e correntes e figuras de todos os géneros: animais, pássaros, Eros, etc. Ao mesmo tempo, aplicam-se também na sua confecção as pérolas e as pedras preciosas. No Baixo-Império Romano e no tempo dos imperadores de Constantinopla os brincos tornam-se exagerados no seu formato, fazendo-nos lembrar, assim, a barbárie das primeiras idades.

É de assinalar, todavia, que os homens não usavam brincos, quer entre gregos, quer entre romanos, o que não sucedia nas civilizações orientais. Igualmente gregos e romanos não se deixaram cair inteiramente nos exageros orientais, conservando sempre um gosto sóbrio.

Pelos autores latinos temos conhecimento do excessivo gosto que as damas romanas tiveram pelas jóias, apesar das proibições da Lex Oppia e da política de morigeração dos costumes, de Catão.

(1) Vide Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris, 1920, Tomo II, pp. 400 ss. e Saglio e Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *inaures*

Há uma característica essencial do brinco romano que o distingue dos precedentes: a importância dada às pérolas e pedras preciosas. Embora os gregos já as tivessem usado, visavam, porém, uma finalidade diferente ao servirem-se delas: valorizar a beleza do ouro e das cinzeladuras pelo contraste das cores. Mas, com os romanos, a pérola e a pedra preciosa tornam-se a parte essencial do brinco. No Império, esta paixão pelas pérolas tornou-se grande loucura e causa de profundas rivalidades.

Podemos considerar várias modalidades de brincos: *uniones*, pérolas unidas num engaste; *elenchi*, pendentes em forma de pequenas peras ou alabastros; *crotalia*, dois ou três conjuntos suspensos de cada orelha e que, ao entrechocarem-se, faziam um certo barulho, o que deu o nome a este conjunto. Os brincos com o aro em forma de cabeça humana, ou de animal, ou com contas, aparecem ainda no Egito e Oriente no século n a.C. Porém, em Pompeia e Tebas, no período de Augusto, sobrevive uma versão degenerada do brinco com cabeça de animal. Nos séculos i e n d.C. era muito comum o brinco composto, basicamente, por um pendente maçudo e aro em forma de S. O tipo de forma esférica aparece súbitamente no século i d.C. e acaba no século ii. É constituído por um hemisfério de ouro e aro em forma de S, no dorso. Deriva dos brincos do período final da civilização etrusca (1). No Baixo Império, os pendentes atingem enormes proporções e são formados por várias correntes.

Os brincos foram, sem dúvida, das jóias mais procuradas pelas damas romanas, nas suas diversas modalidades: simples pérola presa por um fio, *uniones*, *crotalia* ou o modelo anular dos gregos, terminado em cabeça de animal. A combinação mais complicada é o crescente-lunar do qual pende uma ânfora rodeada de correntes de natureza diversa. Estes variados formatos de brincos podem ser observados quer directamente nos exemplares provenientes de Pompeia, quer, indirectamente, através das pinturas desta cidade.

(1) Reynold Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, pp. 40 ss.

DESCRIÇÃO

Brincos de bronze

- 1 — (Fig. 85) Fio de bronze, possivelmente dobrado em círculo e de extremidades ponteagudas. Deveria ter provavelmente um ornamento numa das extremidades.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; espessura 1,5 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: incompleto e torcido.

Há outro filamento deste tipo, mas mais pequeno (1).

- 2 — (Fig. 86) Brinco de bronze, de aro fitiforme, adelgaçando para as extremidades. A extremidade mais larga tem uma pequena argola, formada pelo enganchamento do aro e que, possivelmente, sustentaria um pendente.

Dimensões: D. 14 mm; d. 12 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois bocados.

Parece ser uma forma de brinco comum às épocas romana e merovíngia (2).

- 3 — (Fig. 87) Fio de bronze, de aro fino e secção circular, dobrado em círculo e com as extremidades enganchadas e entrelaçando-se mutuamente.

Dimensões: D. 17 mm; espessura 1,1 mm.

Secção circular.

(1) M. de Boiiard, «Circonscription de Haute et Basse Normandie», *Gallia*, XXIV (1966), p. 264, fig. 10. Este brinco possui, como ornamento, uma espécie de cubo. J. P. Bushe-Fox, *Third report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, Oxford, 1916, est. XXI, fig. I, n.º 8. Este achado da época romana imperial possui um ornamento.

(2) J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard», *Gallia*, XIX (1961), p. 246, fig. 3. Este brinco romano datado do século I ou II d.C. tem um pendente como adorno. Wolfgang Hübener, «Schildförmige gurtelhalften der Merowingerzeit in Spanien und Mitteleuropa», *Madriider Mitteilungen*, 3 (1962), p. 156, fig. 3. O aro deste brinco merovíngio apresenta-se fechado e mostra uma pequena argola nele introduzida.

Estado de conservação: completo, mas com um dos ganchos partidos.
Número do inventário geral: A 408(1).

- 4 — (Fig. 88) Aro de bronze de uma extremidade mais larga e estreitando, progressivamente, para a extremidade oposta. As extremidades sobrepõem-se.
Dimensões: D. 27 mm; d. 25 mm; espessura 2 mm a 1 mm.
Secção circular transformando-se gradualmente em D, que é a secção da extremidade maior.
Estado de conservação: completo.
- 5 — (Fig. 89) Este brinco apresenta um formato idêntico ao do anterior, mas menores dimensões. Está decorado com sulcos verticais, que parecem ter revestido todo o aro, mas de que só são visíveis dois na extremidade mais larga. Os extremos sobrepõem-se levemente. Parece ser oco.
Dimensões: D. 17 mm; d. 15 mm; espessura 2 a 1 mm.
Secção circular.
Estado de conservação: completo, mas com a extremidade afuselada fragmentada.

Os brincos 4 e 5 são, possivelmente, da Idade do Ferro (2).

- 6 — (Fig. 91) Brinco de aro em forma de fio e cujas extremidades, de espessuras diferentes, são menos grossas do que a parte central. Uma delas termina num bico que parece encaixar no extremo da maior, que se apresenta ornamentada por uma série de sulcos formando 3 gomos pouco salientes.
Dimensões: D. 26 mm; d. 24 mm; espessura máxima 2 mm.
Secção circular.
Estado de conservação: completo, mas ligeiramente torcido.

Este tipo de brinco parece ser comum às épocas romana e visigótica (3).

(1) Gratiano Nieto Gallo, «Los fondos visigodos del Museo Arqueológico de Valladolid», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, III (1942), est. LXXVI, n.º 2. É proveniente de urna necrópole visigótica com muitas reminiscências romanas e apresenta um pendente formado de contas enfiadas.

(2) Fernando Collantes de Terán, «La colección arqueológica municipal de Sevilla», *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, III (1942), est. LV, n.º 2. É considerado como um achado pre-histórico. L. Lerat, «Circonscription de Franche-Conté», *Gallia*, XXIV (1966), p. 353, fig. 10, n.º 26. É considerado como sendo da Idade do Ferro. Margat e Cannus, «La nécropole de Bonia au Tafilalet», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, III (1958-59), p. 367, est. VII. É considerado como pertencente às populações berberes dos primeiros séculos.

(3) César Pires, «Sepulturas romanas de Bencafede», *O Archeólogo Português*, II (1896), p. 278. O fecho deste brinco romano apresenta maiores propor-

Brinco de Ouro

- 7 — (Fig. 90) Brinco fitiforme de ouro apresentando uma pequena argolinha na parte exterior do círculo. O seu formato aproxima-se do do brinco n.º 2.

Dimensões: D. 18 mm; d. 17,2 mm; espessura 1,2 mm. Peso: 1010 mg.
Secção circular.

Estado de conservação: incompleto e partido no aro e na argolinha.

Este brinco é de época romana (1).

OS BRACELETES

INTRODUÇÃO

Os braceletes e, duma maneira geral, os anéis usados nos braços e pernas são numerosos e encontram-se entre os povos mais antigos (2).

Na época neolítica usavam-se já braceletes de pectúnculo; todavia a pouco e pouco, no Eneolítico e Bronze Inicial, vão-se utilizando os metais, e, em plena Idade do Ferro, usa-se também o vidro (3).

ções do que o de Conímbriga. D. Fernando de Almeida, «Arte visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série IV, est. LX, fig. 332. Embora estes dois brincos sejam do mesmo tipo do do brinco n.º 6, têm enfeites diferentes: uma saliência cúbica, num, uma esfera ladeada por dois toros, no outro. Fernando Jiménez de Gregorio, art. cit., p. 217, fig. 32. É considerado como um pendente visigótico.

(1) Alejandro Ramos Folques, «Museo Municipal de Elche», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, IX-X, (1948-49), est. XLVII, n.ºs 10 e 16. Dois destes brincos têm pendentes e os outros dois não. São achados do Baixo Império. Diz-nos o autor que o aro destes brincos se assemelha ao dos brincos do Museu Nacional de Nápoles que Breglia classifica como sendo da época greco-romana.

(2) O leitor que desejar informar-se melhor sobre este assunto poderá consultar Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris, 1920, Tomo II, p. 400 ss. e Saglio e Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *anulus*.

(3) Mário Cardozo, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXI (1961), pp. 50 e ss.

O mundo nórdico europeu (danubiano, renano e escandinavo) deu uma notabilíssima civilização do bronze, onde é digna de nota a ourivesaria geométrica nórdica e hallstática. Notas importantes desta civilização são a falta do elemento figurativo e o comum elemento geométrico (1).

O gosto pelos braceletes passou das gentes orientais para os gregos, etruscos e romanos, cujas mulheres os usavam em todos os tempos e condições. Foram também objecto de adorno masculino, embora em menor proporção, já que constituíam sinal de efeminação e de luxo exagerado. Houve, inclusivamente, imperadores que os usaram, como Calígula, Nero, Heliogábalo, etc.

Várias foram as denominações dadas, tanto pelos gregos como pelos romanos, aos braceletes, quer no respeitante às formas dos seus ornamentos, quer à maneira como eram usados. Foquemos, particularmente, os nomes latinos; *armilla* era o termo mais usual; *brachiale* ou *torques brachiales et spinter* eram braceletes usadas no antebraço; porém a partir de Festus, passou a aplicar-se este nome ao bracelete que se usava no braço esquerdo; *dextrocherium* ou *dextrale* era bracelete usado no braço direito; *spatialium*, o bracelete usado no braço e no punho; *periscelides*, os braceletes que rodeavam as pernas, acima do tornozelo. Em pinturas de Pompeia pode ver-se esta modalidade de braceletes.

A maior parte das mulheres gregas usavam os braceletes quase sempre nos dois braços e, por vezes, dois no mesmo braço; um no punho e outro entre a espádua e o cotovelo. Traziam-nos também nas pernas.

Várias foram as modalidades e os formatos que os braceletes revestiam. Houve, todavia, formas muito simples, comuns aos gregos, etruscos e romanos. É o caso dos braceletes serpentiformes, enrolados em espiral, com uma ou mais voltas, bem como dos que consistiam num simples círculo plano, ou cilíndrico, ou num fio mais ou menos extenso de metal. Alguns são abertos e aderem ao braço por simples pressão; outros apresentam dois segmentos ociosos cujas extremidades, de grossura desigual, penetram uma na outra.

Na época romana, o tipo de bracelete serpentiforme difunde-se rapidamente no século I a.C. na Itália meridional e está em ligação

(1) Giovanni Beccatti, *Oreficerie Antiche dalle Minoiche alie Bar baric he*, 1955, pp. 13 e 58.

com os braceletes serpentiformes egípcios, relacionados com o culto de Isis e Serápis (1). Afirma-se, porém, a tendência a reduzir as circunvoluções e acontece, às vezes, que a cauda da serpente é substituída por urna segunda cabeça, que vem defrontar-se com a primeira, deixando entre elas um pequeno intervalo. O aro podia ter, por vezes, pingentes ou bulas.

No fim do Alto Império nota-se uma predilecção especial pelos grossos fios de metal que se enrolavam juntos, em hélice, em volta de um fio central (como no nosso bracelete n.º 9).

O ajustamento das duas extremidades fazia-se de muitas maneiras: por anéis, ganchos, discos, cabeças de animais, ou por uma grande gema.

Era notável também no Império o gosto que os Romanos tinham pelos braceletes de medalhas geralmente com a effigie dos imperadores. Outras vezes eram ornamentados com pedras preciosas.

No século iv surge um novo tipo de bracelete, depois muito em voga na época bizantina — bracelete de trabalho manual (2).

Plínio fala-nos ainda de braceletes ocos onde se guardava uma substância que servia de remédio, de amuleto ou veneno.

O *calbeus* ou *galbeus*, bracelete dado como recompensa aos militares, recebiam-no os soldados romanos, como prémio, das mãos do seu general e, mais tarde, do imperador. Revestia a forma de três espirais enroladas em volta do punho direito. No século n as *armillae* eram reservados aos soldados e centuriões. É provável que os romanos fossem buscar este costume aos Sabinos.

Os *periscelides*, braceletes que se usavam nas coxas ou nas pernas, junto dos tornozelos, são bastante antigos, tão antigos como as mais antigas civilizações orientais, e o seu uso passou para os gregos, etruscos e romanos. Além de servirem de ornamento, eram também profiláticos contra a infelicidade. A sua forma mais simples era a de um fio ou fita, tendo, acidentalmente, uma pérola ou fila de pérolas ou bolas na extremidade. Podia revestir o formato de um simples ou duplo rosário de pérolas, mais ou menos grandes, ou ainda o de uma serpente. Parece que os romanos restringiram o uso do *periscelides* às mulheres e muito especialmente às cortesãs. Plínio designa-os por *compedes*.

(1) Giovanni Becatti, *ob. cit.*, pp. 113 a 118.

(2) Reynold Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, pp. 40 e ss.

Os braceletes faziam-se de ouro, prata, bronze, ferro, marfim, âmbar, coral, vidro, pasta vítrea, etc. Estes últimos materiais eram enfiados, por vezes, em forma de pérolas ou de cilindros. O vidro, muito usado na confecção dos braceletes bem como nas outras jóias (contas de colar e anéis) passou a usar-se no Ocidente, em larga escala, em plena Idade do Ferro, apesar do seu aparecimento a partir de meados da Idade do Bronze (1).

Classificação tipológica dos braceletes.

Confrontando os braceletes existentes em Conímbriga podemos considerar a existência de alguns grupos. Assim, nos braceletes de bronze, formámos os seguintes grupos:

- I — Braceletes de fecho em gancho (1 e 2)
- II — Braceletes de fecho por torção (3-6 e 9)
- III — Braceletes de aro com decoração linear (12-14)
- IV — Braceletes de remate serpentiforme (18 e 19)

Quanto aos braceletes de vidro, podemos distinguir três formas fundamentais:

- I — Braceletes de aro liso e secção em D (24 e 25)
- II — Braceletes de aro canelado (26-30)
- III — Bracelete de aro torcido (31)

DESCRIÇÃO

Braceletes de bronze

- 1 — Bracelete de bronze de aro filiforme e fechando por meio de enganchamento das extremidades, que penetram uma na outra.
Dimensões: D. 62 mm; d. 55 mm; espessura 2 mm.

(1) Mário Cardozo, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXI (1961), pp. 50 e ss.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas torcido.

- 2 — Formato idêntico ao anterior, mas de dimensões mais reduzidas.

Dimensões: D. 45 mm; d. 40 mm; espessura 1,6 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo.

Este tipo de bracelete de aro filiforme e extremidades em forma de gancho é comum a várias épocas: fim de Hallstatt, época de La Tène, época galo-romana, época visigótica e época carolíngia (1).

- 3 — Bracelete de aro cilíndrico e fecho por torção, que ocupa um quarto da superfície de aro. Este estreita progressivamente para as extremidades.

Dimensões: D. 44 mm; d. 40 mm; espessura 2 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo.

- 4 — O fecho deste bracelete filiforme apresenta as extremidades sobrepostas e de pontas enroladas no aro. Ocupa cerca de um quarto da superfície total do aro.

Dimensões: D. 37 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo mas muito decomposto.

- 5 — Bracelete de aro em forma de fio e fecho por torção, de extremidade em espiral.

Este ocupa uma pequena porção do aro, que adelgaça para as extremidades.

Dimensões: D. 55 mm; espessura 2 mm.

(1) René Joffroy, «La tombe à char de Pemant», *Gallia*, XXI (1963), p. 7, fig. 8. É de ouro. Estes achados arqueológicos pertencem ao fim da época de Hallstatt ou à de La Tène I. L. Lerat, «Circonscription de Besançon», *Gallia*, XXII (1964), p. 387, fig. 16, n.º 8. Apresenta todavia ornamentos. Pertence a uma sepultura da época de La Tène, a ou b. G. Farenc e A. Soutou, «Documents inédits d'E. Cabié sur le Champ d'umes de Gabor», *Ogam*, XII (1960), p. 147, fig. 6, n.º BB 26. Este bracelete pertence a um cemitério gaulês. François Eygun, «Circonscription de Poitiers», *Gallia*, XIX (1961), p. 419, fig. 38. O autor considera-o como um brinco. É de ouro e pertence a uma sepultura galo-romana. Fernando Jimenez de Gregorio, «Hallazgos en La Vega de Santa Maria en el término de Mese-gar», *Archivo Español de Arqueología*, XXXVIII, (1965), p. 184, fig. 17. O fecho deste bracelete não é exactamente igual ao de Conímbriga. É um achado visigótico. A. Roes, *Vondsten Van Dorestad*, 1965, est. III, n.º 19. Esta estação arqueológica teve o seu apogeu na época carolíngia (séculos viii e ix) e parece ter deixado de existir em 860 d.C.

Secção circular.

Estado de conservação: completo mas em decomposição incipiente.

Número do inventário geral: A 404.

Este tipo de bracelete de aro filiforme e fecho por torção encontra-se na época de La Tène III e por todo o período romano (1).

Há outra pulseira deste tipo.

- 6 — Este bracelete apresenta, igualmente, um fecho por torção e de extremidades em espiral que ocupa pequena parte do aro. Este mostra decoração denticulada aberta a cinzel, motivo este que se repete por três vezes intervaladas. Esta ornamentação é idêntica à dos anéis n.ºs 43 e 44. O aro estreita para junto do fecho.

Dimensões: D. 65 mm; d. 62 mm; espessura máxima 2,6 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

Bracelete romano dos séculos ii a iv d.C. (2).

- 7 — Bracelete de aro filiforme com uma protuberância afunilada junto de uma das extremidades.

Dimensões: D. 60 mm; d. 55 mm; espessura 2 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: incompleto (3).

(1) A. Beltran, *Arqueologia Clásica*, p. 85, fig. 38, n.º 17. É datado da época de La Tène III. Tomás Gómez Infante, «Museo Arqueológico de Badajoz», *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, Madrid, 1942, est. VIII, n.º 1. É considerado uma jóia pré-romana. G. S., «Objects recueillis dans le collecteur», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, II, 1957. A maior parte dos objectos aqui encontrados é romana. P. F. Fournier, «Circonscription de Clermont-Ferrand», *Gallia*, XXI (1963), p. 491, fig. 12. John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76B. Não há uma delimitação exacta para a datação destes achados. São considerados como sendo da época romana imperial. M. Adrien Bruhl, «Informations— XIV^e circonscription historique», *Gallia*, XIV (1956), p. 264, fig. 5. Este bracelete é galo-romano.

(2) Julian Grey, «Circonscription de Lyon», *Gallia*, XVI (1958), p. 357, fig. 11. É de ouro o brinco aqui apresentado semelhante a este bracelete de Conímbriga e datado do século n a iv d.C. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XL, n.º 4. Este bracelete pertence à época romana imperial. *British Museum, Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 15, fig. 7, n.º 10. A secção deste bracelete de ouro, datado do século ui d.C., é circular.

(3) J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard (Savoie)», *Gallia*, XIX (1961), p. 247, diz-nos que os

- 8 — Pequeno fragmento dum bracelete, semelhante à cauda de uma serpente e, daí, pertencer, possivelmente, à categoria dos braceletes serpentiformes. Falta-lhe, contudo, a outra extremidade, onde deveria estar a cabeça do animal. Apresenta uma decoração linear, dividida em duas partes por três sulcos centrais: uma junto da cauda, formando um ornamento em espinha; e outra, ornamento em X.

Estado de conservação: muito incompleto; e daí a impossibilidade de determinar o seu diâmetro.

- 9 — Bracelete de bronze de fecho por torção, de extremos em espiral, e cujo aro se apresenta igualmente torcido. O fecho ocupa cerca de um quinto da superfície do aro.

Dimensões: D. 80 mm; espessura máxima 21 mm.

Estado de conservação: completo, mas muito decomposto.

Forma de bracelete comum ao final da Idade do Bronze, à do Ferro e à época romana (1).

- 10 — Bracelete de aro boleado e aberto e de extremidades formadas por dois troncos de pirâmide unidos por um cordão, na parte mais estreita, com os cantos ligeiramente boleados. Faz lembrar, pelo seu formato, um torques. A decoração do aro é feita por um motivo que se repete por três vezes, de espaço a espaço: sulcos paralelos e inclinados ladeados de outros em forma de ângulos agudos.

Dimensões: 65 mm; espessura 4 mm e 3 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo.

Número do Inventário Geral: A 398.

Há outro bracelete igual a este. Este tipo de bracelete manteve

braceletes filiformes são considerados como do fim da época de La Tène e começo da época galo-romana.

(1) Pierre Durvin, «Le village protohistorique de Thiverny et son milieu archéologique», *Ogam*, XIII (1961), p. 553, fig. 7. Este bracelete considerado como sendo da época de Bronze, provavelmente do Bronze Recente, não possui fecho igual ao de Conimbriga. Odette et Jean Taffaneï, «La nécropole hallstattienne de Las Fados», *Gallia*, VI (1948), p. 7, fig. 9, n.º 62, Achado da época de Hallstatt. Ernest Will, «Circonscription de Lille», *Gallia*, XXI (1963), p. 327, fig. 7. Este bracelete encontrado num cemitério gaulês de Pemant, do período de La Tène I, difere do de Conimbriga pelo seu fecho. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres 1946, est. XL, n.º 6. O fecho difere do de Conimbriga e o fio interior do aro é de ferro. É um achado da época romana imperial. W. Whiting, W. Hawley e Thomas May, *ob. cit.*, est. LVIII. O fecho é diferente. É um achado da época romana imperial.

a mesma forma durante várias épocas: fim da Idade do Bronze e Idade do Ferro (1).

- 11 — Bracelete de aro laminar e de extremidades sobrepostas, uma mais estreita do que a outra.

Dimensões: D. 50 mm; d. 48 mm; espessura 1,1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas torcido e carcomido.

Há mais um fragmento dum bracelete deste tipo. Esta forma de bracelete parece ser comum a várias épocas: pré-romana, romana e visigótica (2).

- 12 — Bracelete de aro laminar e extremidades sobrepostas com decoração linear: sulcos verticais e oblíquos, que por vezes se cruzam. A altura diminui para as extremidades.

(1) François Eygun, «Une cachette de fondeur de la fin de l'Age du Bronze à Challons (Vendée)», *Gallia*, XV (1957), pp. 82 e 83, ests. 6 e 7. Assemelham-se ao bracelete de Conímbriga e pertencem ao fim da Idade do Bronze. Jean Jacques Hatt, «Informations — XVIII^e Circonscription» *Gallia*, XII (1954), p. 488, fig. 4. Há aqui alguns braceletes deste tipo, da época de La Tène I, porém não são ornamentados. Ernest Will, «Circonscription de Lille», *Gallia*, XXI (1963), p. 327, fig. 6. É do mesmo tipo do de Conímbriga, embora não seja exactamente igual a este. Pertence a um cemitério gaulês do período de La Tène I. L. Lerat, «Circonscription de Besançon», *Gallia*, XXII (1964), p. 387, fig. 16, n.º 6 e 7. Não são ornamentados e as extremidades, do mesmo tipo do bracelete n.º 10, não são exactamente iguais. Estes braceletes foram encontrados numa sepultura do período de La Tène I, a ou b. A. Beltran, *Arqueologia Clássica*, p. 82, fig. 35, n.º 7, 10 e 11, cita alguns braceletes da época de La Tène I, porém não totalmente iguais ao de Conímbriga, embora do mesmo tipo. Paul Wemert, «III^e Circonscription», *Gallia*, XI (1953), p. 314, fig. 5, n.º 3. O autor considera este achado da época de La Tène como um brinco, cujo formato se assemelha ao de Conímbriga, porém com ornamentos e extremos diferentes. Jerzy Potocki e Zenon Wozmak, «Les Celtes en Pylogne», *Ogam*, XIII (1961), est. XXVI, fig. 2, n.ºs 1, 2 e 3. São datados do ano 300 a.C. ou da 1.^a metade do século em a.C. mas não são exactamente iguais a este.

(2) Tomás Gómez Infante, «Museo Arqueológico de Badajoz», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, 1942, est. VIII, 1. É uma jóia hispânica pré-romana. Heli Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Brugge, 1962, est. III, n.º 9. As extremidades deste bracelete, dos fins da época romana, são ornamentadas por círculos. Fernando Jiménez de Gregorio, *art. cit.*, p. 184, fig. 17. Este bracelete está incluído entre os achados visigóticos.

Dimensões: D. 38 mm; d. 35 mm; altura 5 mm e 4 mm, espessura 21 mm.
Secção rectangular.
Estado de conservação: completo mas em decomposição.

- 13—Bracelete de aro fitiforme com decoração linear: linhas oblíquas quase perpendiculares e paralelas entre si.

Dimensões: D. 44 mm; d. 38 mm; altura 3,5 mm; espessura 1,5 mm.
Secção rectangular.
Estado de conservação: incompleto.

- 14—Bracelete de aro em forma de fita e decoração linear: sulcos paralelos no sentido da vertical, separados por um ornamento em forma de X ladeado por quatro pequenos sulcos triangulares (2 de cada lado) abertos a cinzel.

Dimensões: D. 57 mm; d. 54 mm; altura entre 1,5 e 4,5 mm.
Secção rectangular.
Estado de conservação: incompleto e ligeiramente corroído.

Os braceletes de aro laminar com decoração linear parecem datar da Idade do Ferro (1).

- 15—Pequeno fragmento de bracelete de espessura laminar e aro recortado e com círculos incisos no seu interior. Um sulco envolve a parte média do aro.

Dimensões: D. 60 mm; altura 5,8 mm; espessura 1,1 mm.
Secção rectangular.
Estado de conservação: muito incompleto e em decomposição.

- 16—Pequeno fragmento da extremidade de um bracelete, de espessura laminar, com decoração linear denticulada. O aro vai adelgaçando para a extremidade onde parece formar um pequeno gancho.

Dimensões: D. 6 mm (provável); altura 4 mm (máxima); espessura 1 mm.

(1) Bernhard Stumpel, «Bodendenkmalpflege-Bericht 1957/58», *Mainzer-zeitschrift* 54 (1959), p. 67, fig. 13. A secção do aro deste bracelete apresenta-se em D, porém a sua ornamentação é idêntica à do bracelete n.º 14. O autor considera-o como da época de Hallstatt. M. Le Glay, «Circonscription de Grenoble», *Gallia*, XXII (1964), p. 541, fig. 49. Estes braceletes de aro fechado pertencem a uma necrópole da época de La Tène. J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard (Savoie)», *Gallia*, XIX (1961), p. 247, fig. 5. Estes braceletes pertencem ao mobiliário funerário dum cemitério do fim da época de La Tène e começo da época galo-romana. Jacques Gourvest, «Les tumules du quartier de Beauregard», *Ogam*, XI (1959), p. 252, est. XXXI, n.º 12. A necrópole a que pertence este bracelete estende-se desde a I.ª Idade do Ferro até à época merovíngia.

Secção rectangular.

Estado de conservação: muito incompleto, torcido e em decomposição inicial (1).

- 17— Este anel de aro laminar apresenta um fecho curioso, onde as duas extremidades do aro se podem mover uma sobre a outra.

Dimensões: D. 46 mm; d. 42 mm; altura 5 mm; espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

Trata-se de um achado romano, possivelmente do Baixo Império (2).

- 18 — Pedaço de bracelete serpentiforme de aro laminar. Este apresenta, na extremidade, os contornos de uma cabeça de serpente, achatada, vista de perfil com um orifício circular (o olho) rodeado por sulcos angulares. Desta cabeça sai o aro, mais saliente, ornamentado por pequenos sulcos, abertos a cinzel, formando uma espécie de espinha.

Dimensões: D. 75 ou 80 mm; altura 3,5 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: muito incompleto.

- 19 — Bracelete serpentiforme e de aro em forma de fita. A extremidade mostra-nos também a cabeça achatada de uma serpente, mas vista de frente, e parte do corpo: um sulco marca-lhe a parte média e, de cada lado deste, um orifício indica o olho. Seguem-se-lhe sulcos triangulares abertos a cinzel descrevendo uma espécie de espinha. Seguidamente, vê-se o aro do bracelete decorado, de onde a onde, por sulcos verticais e paralelos; na ligação deste com a serpente vemos porém um ornamento em X, entre duas estrias verticais, e dois sulcos angulares, abertos a cinzel, ladeando o aro e dentro do mesmo X.

Dimensões: D. 60 mm; altura 6 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

(1) James Laver, *Costume in Antiquity*, p. 17, n.º 1. Este bracelete da Idade do Bronze, embora apresente as extremidades análogas à do bracelete n.º 16, possui, todavia, o aro cilíndrico. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 102, fig. 31, n.º 2. Embora não seja exactamente igual ao bracelete citado anteriormente, o seu processo de fechar parece idêntico. É um achado romano.

(2) J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavation of the Roman Fort at Richborough, Kent*, 1928, est. XXII, n.º 63. O seu aro apresenta-se todavia decorado. É um achado romano. Giinter Ulbert, «Spätromische Skelettgräber aus Wessling... Vilshofen», *Germania*, 41 (1963), est. 23. Parece ser idêntico ao bracelete de Conímbriga. Está datado como sendo do Baixo Império Romano.

Estes braceletes serpentiformes são muito comuns na época imperial romana (1).

- 20 — Fragmentos de uma cadeia de bronze com pedras a ornamentá-la que deveria ser do tipo do bracelete n.º 22. Há somente dois pedaços desta corrente: um deles, que deveria fazer parte do aro, apresenta duas pedras de vidro, cilíndricas, sobrepostas, sendo uma preta e uma verde; o outro, que pertenceria, possivelmente, a uma das extremidades, tem uma pedra vítrea, preta, troncocónica e maior do que as outras já citadas. Deveria ser um pingente que cairia junto do fecho.

Estado de conservação: muito incompleto.

Bracelete de Prata

- 21 — Este bracelete de aro cilíndrico apresenta a extremidade em forma de dois segmentos esféricos sobrepostos e encimados por um toro. O último destes segmentos tem num orifício central onde penetraria, certamente, a outra extremidade aguçada do bracelete, que não existe.

Dimensões: D. 45 a 50 mm; d. 35 mm; espessura 1,5 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: muito incompleto e partido em três pedaços.

Há mais dois fragmentos de fio de prata, circulares, talvez pertencentes a braceletes do mesmo tipo.

Parece tratar-se de um achado do Baixo Império Romano ou da época visigótica (2).

Bracelete de Ouro e Pedras

- 22 — Cadeia de elos de ouro decorada, de onde a onde, por contas discóides de vidro, de cor verde sombria. Uma das extremidades termina num gancho, e a outra, num pingente troncocónico, de cor vermelho-sombria.

(1) Cagnat et Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, 1920, p. 401, fig. 592, n.º 2. É um achado romano. Anita Biittner, «Figurlich verzierte Bronzen vom Kastell Zugmantel», *Saalburg-Jahrbuch*, XX (1962), est. 3, n.º 2. Esta estação arqueológica estende-se dos fins do século I ao século III d.C. J. Coupry, «Circonscription de Bordeaux», *Gallia*, XXIII (1965), p. 419, fig. 13. É um achado do Baixo Império Romano.

(2) Giinther Ulbert, *art. cit.*, est. 23. É de bronze este bracelete e datado do Baixo Império Romano. Fernando Jiménez de Gregório, *art. cit.*, p. 184, fig. 17. Este bracelete visigótico, de tipo semelhante ao bracelete n.º 21, é de bronze.

Dimensões: comprimento 155 mm.

Estado de conservação: falta a maior parte das contas.

Número do inventário geral: A 399.

Há ainda dois fragmentos de um bracelete de ouro, deste mesmo tipo; possivelmente, um deles corresponde a uma extremidade. Têm de comprimento 22 e 11 mm. No fragmento maior vemos uma pedra de vidro, branca, mas muito desvitrificada. Pode datar-se da época romana imperial (1).

Bracelete de Osso

- 23 — Pequeno fragmento de bracelete de osso, fitiforme, cuja decoração consiste num profundo sulco central a envolver o aro e linhas oblíquas e paralelas, de cada lado deste, formando num enfeite espiniforme.

Dimensões: D. 80 mm; altura 6 mm; espessura 2,5 mm.

Cor castanho-acinzentada.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

Deve tratar-se dum bracelete do século n d.C. (2).

Braceletes de Vidro

- 24 — Bracelete de vidro negro e opaco, liso, convexo exteriormente e plano do interior.

Dimensões: D. 70 mm; altura 8 mm; espessura máxima 5 mm.

Secção em D.

(1) J. L. de Vasconcellos, «Apêndice —II — Sepultura de Santa Menina (Fundão)», *O Archeologo Português*, XXII, (1917), p. 338, fig. 34. As pedras e o fecho deste bracelete romano são diferentes dos do n.º 22. Manuel Heleno, «O tesouro da Borralheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português*, nova série, II (1953), pp. 226-227, fig. 1, n.º 1. Trata-se de um colar da época imperial romana, de tipo semelhante ao deste bracelete. Giovanni Becatti, *Oreficerie antiche dalle minoiche alie barbariche*, 1955, est. CXLVII, n.º 523. O colar aqui citado apresenta-se do mesmo tipo do bracelete considerado anteriormente. Está datado do século i a.C. ao século ii d.C..

(2) Nino Lamboglia e Anna Siccardi, «Nuovi scavi nelle necropoli romana del Marte ad Albenga», *Rivista Ingauna e Intemelica*, XIV, (1959), p. 68, fig. 10, n.º 5. Embora de bronze, este bracelete, datado do século n d.C., apresenta-se semelhante ao de Conímbriga.

tstado de conservação: incompleto e fragmentado. O vidro apresenta algumas crateras, picado incipiente e um começo de irisão dourada. Número do inventário geral: A 402.

Existem ainda fragmentos de mais cinco braceletes deste tipo e cujas alturas variam entre 9 e 7 mm, os diâmetros entre 50 e 70 mm e a espessura entre 5 e 6 mm.

25 — Bracelete de vidro negro e opaco de formato idêntico ao n.º 24 mas de maiores dimensões. Uma das bases é mais espessa do que a outra.

Dimensões: D. 60 mm; altura 14,5 mm; espessura 6,2 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro está bem conservado.

Há mais dois fragmentos de braceletes de vidro deste tipo cujas alturas são de 12,6 e 13 mm, os diâmetros de 50 e 60 mm e as espessuras máximas de 5,2 mm e 4 mm.

Este tipo de bracelete de aro em D e liso é romano. Pertence ao grupo 21 de Haevermick (1).

26 — Bracelete de vidro negro e opaco, de aro canelado e cujos gomos se apresentam muito fundos e pouco inclinados.

Dimensões: D. 60 mm; altura 11,5 mm; espessura máxima 6,5 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro mostra irisão multicolor, predominantemente dourada, além do desgaste causado pelo uso.

Há mais dois braceletes deste tipo incompletos com 9 mm e 11 mm de altura, 60 mm de diâmetro e 3 mm de espessura máxima.

27 — Os gomos deste bracelete de vidro negro e fosco e aro canelado apresentam-se pouco salientes e muito inclinados, e o sulco que os separa, muito aberto. O interior do aro é levemente côncavo.

Dimensões: D. 60 mm; altura 10 mm; espessura máxima 6 mm.

(1) Otto Kuntel, «Zur Frage Keltischer Glasindustrie», *Germania*, 39 (1961), est. 44, n.º 9 e 13 a 16. O autor coloca estas pulseiras no grupo 21 da classificação de Haevermick. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XL, n.º 3. O bracelete romano aqui citado é de piçarra ou azeviche. Mário Cardozo, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXI (1961), est. III. Trata-se de um achado lusitano-romano.

Secção quase em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro apresenta picado incipiente e irisão multicolor, predominantemente dourada.

- 28 — Bracelete de vidro negro opaco, de aro canelado e cujos gomos não apresentam disposição uniforme, chegando uma das partes do aro a ser quase lisa.

Dimensões: D. 50 mm; altura 11 e 11,5 mm; espessura máxima 7,2 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro possui irisão multicolor, predominantemente dourada, e picado incipiente.

- 29 — Bracelete de vidro negro opaco, de aro canelado e cujos gomos se apresentam muito profusos e verticais. São pouco pronunciados.

Dimensões: D. 60 mm; altura 11 mm; espessura máxima 5,1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e com crateras e picado miúdo intenso em toda a superfície.

- 30 — Este bracelete de vidro negro e opaco mosttfa-se profusamente coberto de gomos estreitos e salientes, dispersos verticalmente. A parte média deste fragmento é mais larga do que as extremidades.

Dimensões: D. 50 mm; altura 11 mm a 9,5 mm.; espessura 6 mm.

Secção plano-convexa.

Estado de conservação: incompleto e com picado variado em toda a superfície.

Os braceletes de vidro, de aro canelado, são romanos e estão incluídos no grupo II da classificação de Haevernick (1).

- 31 — Bracelete de vidro negro fosco de aro torcido.

Dimensões: D. 60 mm; altura 9 mm; espessura 4,8 mm.

Secção plano-convexa.

Estado de conservação: incompleto; o vidro apresenta estrias superficiais e picado miúdo incipiente.

Parece ser do final da Idade do Ferro (2).

(1) Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XL, n.º 2. Este achado romano é de piçarra. W. Whiting, W. Hawley e Thomas May, *ob. cit.*, est. LV; não se encontra datado com exactidão este achado arqueológico; os autores citam-no como sendo da época romana imperial. Mário Cardozo, *art. cit.*, est. I e IV. São achados lusitano-romanos. Werner Kramer, «Fremder Frauenschmuck aus Manching», *Germania*, 39 (1961), est. 39, fig. 2. Pertence ao grupo II da classificação de Haevernick.

(2) A. Beltran, *Arqueologia Clásica*, p. 84, fig. 37, n.º 13. Este bracelete está datado da época de La Tène II.

OBJECTOS DE INTERPRETAÇÃO DUVIDOSA

- 1 — (Fig. 84) Pendente ornamental de bronze em forma de chouriço que, possivelmente, deveria fazer parte duma xorca.

Dimensões: D. 16 mm; espessura 8 a 4 mm.

Secção quase circular.

Estado de conservação: incompleto.

Há dúvidas sobre a possível datação das xorcas, pois não se sabe se serão de Idade do Bronze, se da Idade do Ferro (1).

- 2 — (Fig. 92) Não sabemos ao certo se se trata propriamente de um brinco ou de um pendente de um brinco, colar ou bracelete. É em ouro e com forma de chouriço.

Dimensões: D. 14 mm; espessura máxima 3,5 mm. Peso: 1950 mg.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e partido nas extremidades.

Número do inventário geral: A 279(2).

- 3 — (Fig. 93) Pedra de vidro translúcido, azul ultramarino, em forma de gota e que deveria estar incrustada nalgum pendente de brinco (ou colar).

Dimensões: comprimento 15 mm; largura 9,5 mm; espessura máxima 4,8 mm.

Secção em D.

(1) José Leite de Vasconcellos, *O Archeólogo Português*, XXIV, (1919), p. 100, fig. *a* e *b*. O autor diz-nos que estes pendentes de bronze, datados da época do Ferro, se colocavam nas xorcas e não eram arrecadas, como pretendia Santos Rocha, *Portugalia*, I (1898-1903), p. 593, fig. 2. Cita igualmente na p. 106, est. XXVIII fig. 1, dois pendentes deste tipo, da Idade do Ferro, actualmente no Museu Etnológico e sendo um deles de Conímbriga. J. L. de Vasconcellos, «Antiguidades do Alentejo», *O Archeólogo Português*, XXVIII (1929), p. 177, fig. 41. Existe aqui uma xorca de bronze, da Idade do Ferro, com pendentes semelhantes a este. Segundo o autor, as xorcas deste tipo datam dos fins da Idade do Ferro. Fernando Nunes Ribeiro, *O bronze meridional português*, Beja, 1965, contesta a ideia de Leite de Vasconcellos atribuindo a xorca de bronze não à Idade do Ferro II, mas sim à Idade do Bronze. Diz ainda que o próprio Vasconcellos se contradiz dentro do mesmo volume XXIV de *O Archeólogo Português*, pois na p. 193 e segs. considera-as como sendo da época do Ferro.

(2) John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76 T. O brinco apresentado aqui pelo autor assemelha-se ao de Conímbriga. É de prata. Só depois de estar enfiado na orelha é que se apertava e era, então, usado permanentemente.

Estado de conservação: completa mas com crateras e picado miúdo intenso (1).

- 4 — (Fig. 94) Pingente de ouro formando duas volutas afrontadas, encimadas por uma argola oval. Um sulco fundo descreve a parte média desta argola.

Dimensões: comprimento 12 mm; largura 8 mm; espessura 0,9 mm; comprimento da argola 5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo e intacto, mas de extremidades levemente torcidas (2).

(1) James Laver, *Costume in Antiquity*, p. 108, n.º 3. Encontramos aqui um brinco com pingentes onde se nota a existência de pedras com o feitio desta.

(2) Joaquina Eguaras, «Museo Arqueológico de Granada», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, III-IV (1942), est. XXXVII, n.º 2. É considerado como um pendente de colar visigótico de formato semelhante ao de Conímbriga.

DISTRIBUIÇÃO DOS ACHADOS POR ZONAS

Anéis

Casa dos repuxos (palácio extramuros): 9, 73

Zona B: 4

Grandes Termas do Sul: 1-3, 10, 16, 19-21, 24, 29, 30, 33, 35, 38, 39, 41, 46,
49-51, 54, 58, 63, 70, 83.

Zona E: 23, 32, 44, 82.

Colector: 42

Bico ocidental da muralha: 43.

Pedras de anel

Casa dos repuxos: 2, 7

Grandes Termas do Sul: 1

Brincos

Grandes Termas do Sul: 3, 5

Zona B: 4

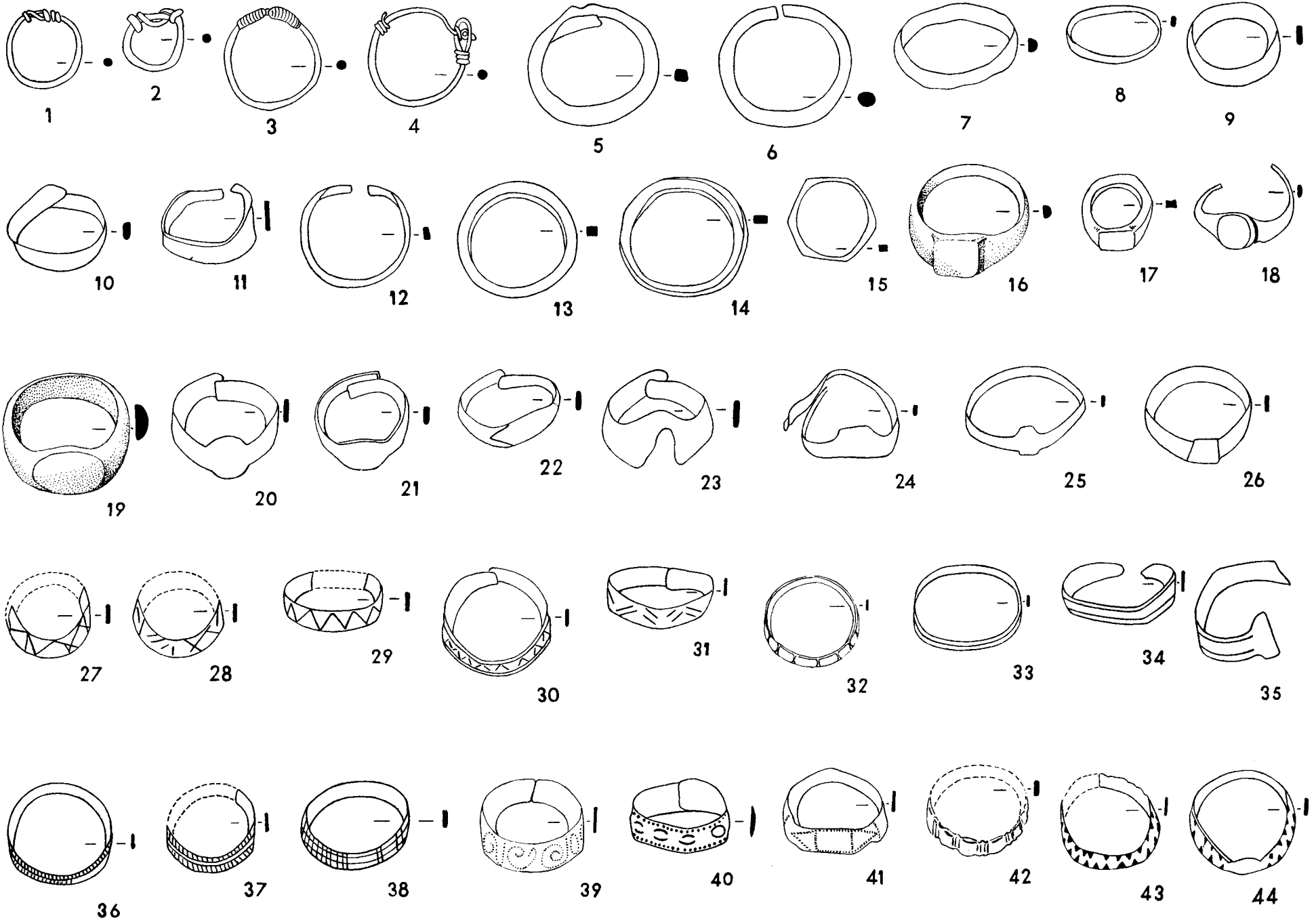
Braceletes

Casa dos repuxos: 4, 12

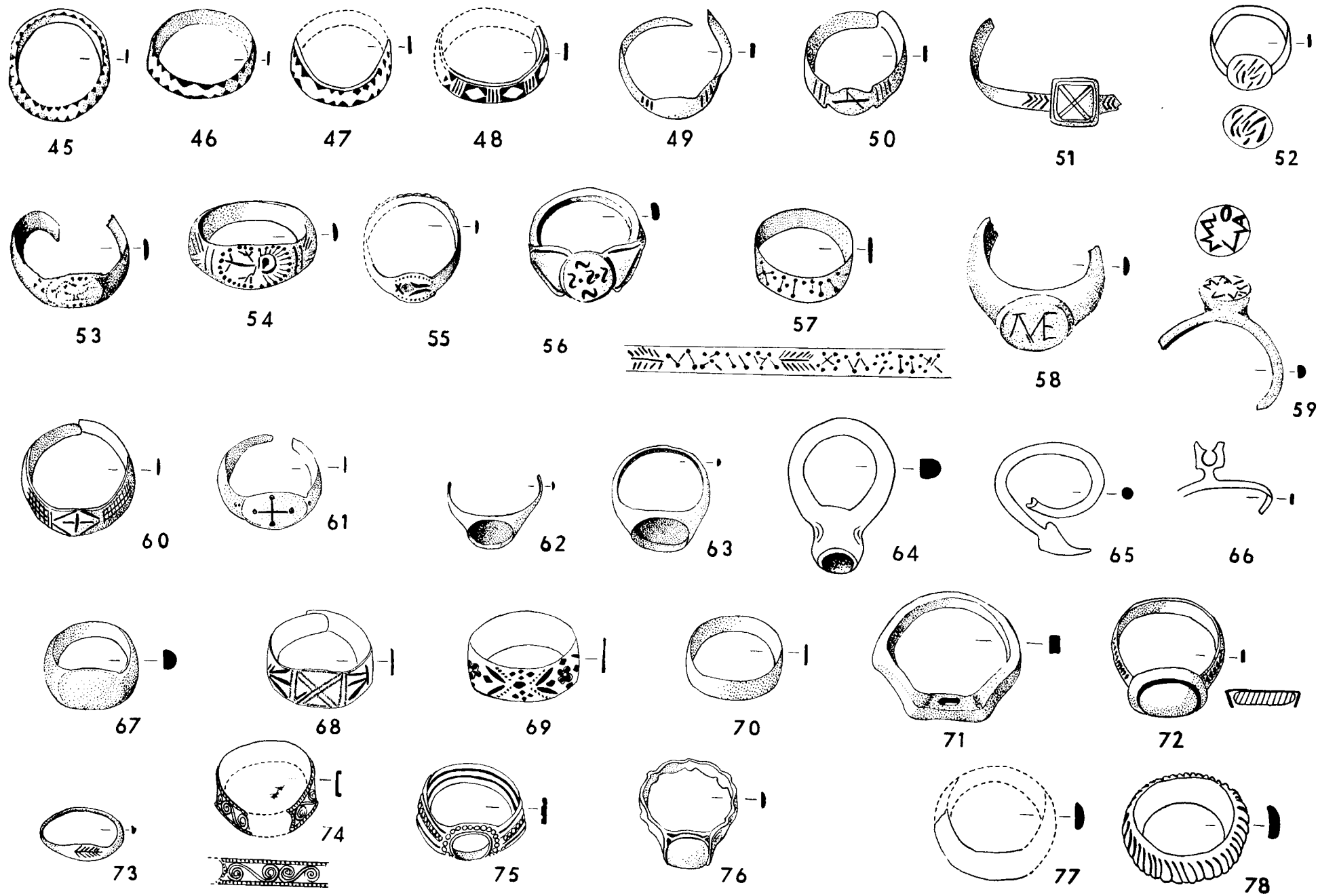
Grandes Termas do Sul: 3, 7, 11, 16, 18, 23, 27, 28, 31.

Zona E: 9, 24, 26, 29.

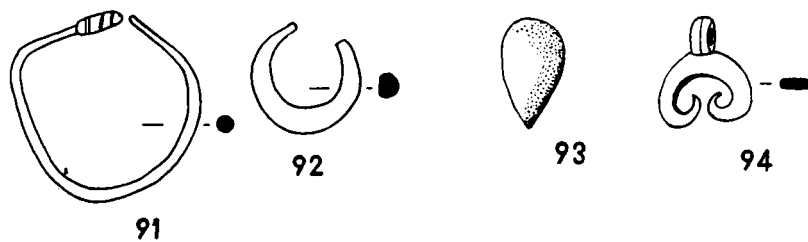
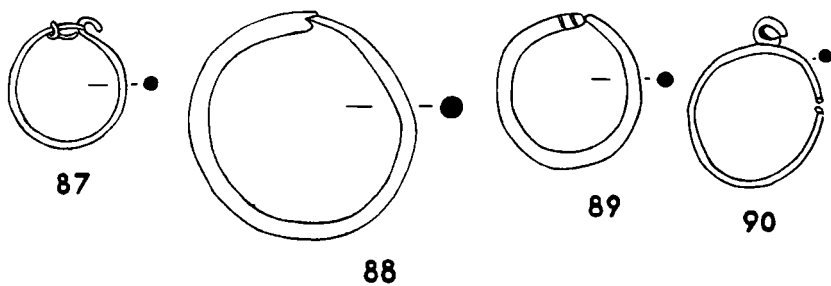
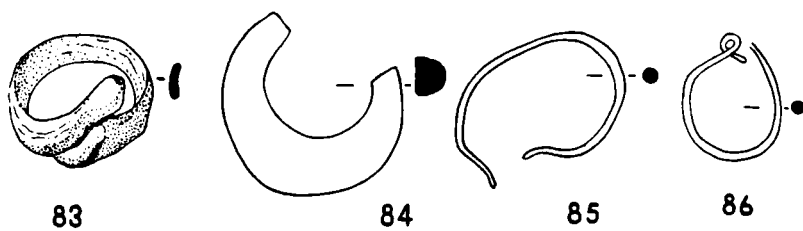
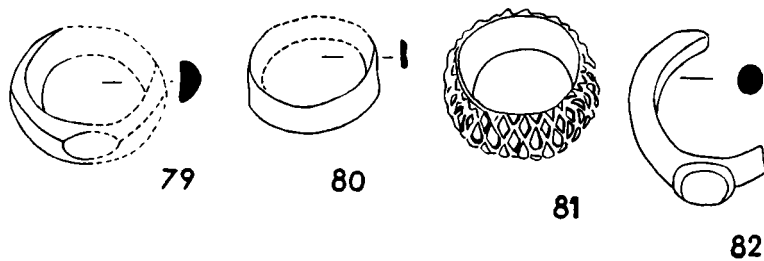
ELSA ÁVILA FRANÇA



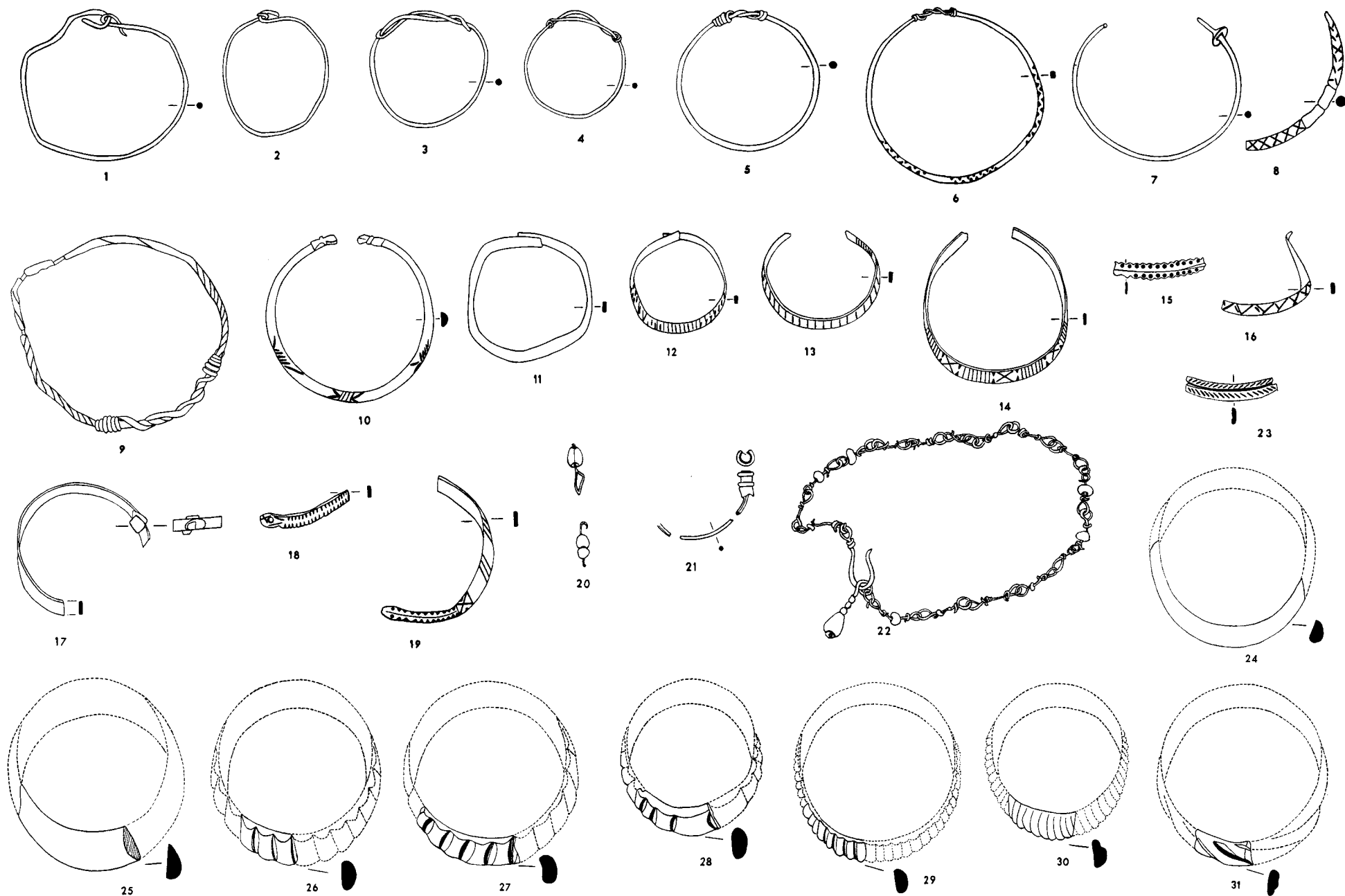
(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)

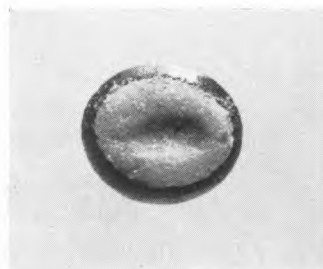


Escala: 1:2
Os n.ºs 20-22 estão representados a 1:1

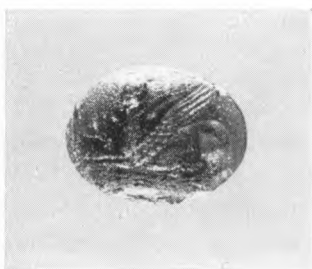
(Página deixada propositadamente em branco)



1



4



2



5



7



6



3

(Página deixada propositadamente em branco)

O POÇO DA ESTAÇÃO ROMANA DA TORRE DOS NAMORADOS (FUNDÃO)

INTRODUÇÃO

No dia 16 de Maio de 1969, o Rev.^o P.^e Antonio G. Morão, prior da freguesia da Orea (Fundão) e meu particular amigo, durante urna breve estadia em Lisboa, informou-me que adquirira um conjunto de vasos metálicos, que haviam sido recentemente achados «na escavação dumas construções soterradas encontradas na Quinta da Torre, da freguesia de Vale de Prazeres» (*).

Pelo exame duma fotografia que teve a amabilidade de me oferecer na altura, e pela descrição resumida que fez do local e circunstâncias do achado, fiquei com a convicção de que se tratava dum importante e muito raro conjunto de vasilhas de bronze — «parecem doiradas» — que nessa ocasião, apressadamente, julguei único no nosso país (1).

(*) Este trabalho deve muito à acção e ajuda desinteressada das seguintes pessoas e entidades:

Rev.^o Padre António G. Morão e sr. José Teodósio Canarias, pela parte importante que lhes coube no achado, salvação e revelação desta estação arqueológica;

Adília M. Alarcão, Jorge Alarcão e Maria Isabel Sousa Pereira, a amabilíssima e activa equipa de trabalho do Museu Monográfico de Conímbriga, com quem sempre tive diálogo proveitoso, e a quem se fica devendo uma parte das informações contidas neste estudo;

Serviço de Fomento Mineiro, pela espontânea franqueza com que me recebeu e autorizou a publicação das fotos da est. X.

A todos, sinceramente agradeço.

(1) L. de Albuquerque e Castro, «Achados romanos na Mina do Fojo das Pombas (Valongo)», separata de *Estudos, Notas e Trabalhos* do Serviço de Fomento Mineiro, Porto, 1961.

Combinou-se uma visita à Orea para ver os materiais e local do achado, visita essa que efectuei nos dias 24 e 25 do mesmo mês, na companhia desse meu amigo, e do proprietário sr. José Teodósio Canarias.

O local do achado situa-se numa horta que o referido senhor possui no Vale do Cortiço, próximo do Chão da Torre — onde as lendas locais situam a famosa Torre dos Namorados (1). De facto, não só aí, como numa vasta zona à sua volta, constatei a existência de inúmeros grandes blocos de cuidada cantaria de granito (que em alguns casos excedem três metros de comprimento), reutilizados na construção dos casais. Nas terras de sementeira, hortas e olivais circundantes, observamos muitos fragmentos de tijolo maciço, telha de rebordo e «dolia». Da alvenaria de pedra irregular dos referidos casais destacava-se, por vezes, uma pedra moldurada, um pedaço de fuste de coluna e até um grande peso de lagar.

Tudo isto, que ia sendo registado e fotografado à medida do percurso, pareceu-nos indicar uma importante «villa» rústica que se estendia por vasta área.

Durante a visita à estação, o sr. Teodósio Canarias foi-nos contando que, ao pretender fazer um poço de rega num ponto previamente demarcado por um «vedor», encontrara, cinquenta centímetros abaixo, algumas pedras regularmente dispostas em quadrado, que lhe alertaram a atenção e o levaram a demorar a escavação. Tratava-se, como em breve verificou, dum poço «muito antigo», soterrado, por coincidência curiosa, no local onde pretendia fazer o novo.

E efectuou a escavação do poço que encontrara, com um bom senso tanto mais de louvar, quanto conseguiu, não o destruindo, incorporá-lo na parede do grande poço circular que fez construir ao lado. A este invulgar cuidado (2), se deve o podermos apresentar a fotografia da estampa VI o termos podido realizar com toda a facilidade o levantamento que apresentamos na estampa III e as inúmeras e preciosas informações estratigráficas que espontaneamente nos deu e foram mais tarde

(1) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. IX, 58 e ss., Lisboa, 1963.

(2) Podemos incluir, com vantagens várias, esta escavação realizada por um *amador* sem qualquer preparação, ao lado de muitas escavações que conheço de certos *profissionais*, ou que se dizem sê-lo.

inteiramente confirmadas por outras pessoas que assistiram ao trabalho de escavação.

Deste modo, desmontando a parede Este do poço, foi baixando a escavação até atingir a rocha base e verificar que o poço ainda se afundava cerca de um metro na bancada de xisto. Durante este trabalho, recolheu o jarro de barro, as três vasilhas metálicas que «estavam como que deitadas no centro do poço» e algumas pequenas peças metálicas que descreveremos adiante.

No decorrer desta visita, fui informado da existência de «uma pedra com letras» num casal próximo, cerca de 150 metros. Para lá nos dirigimos e verifiquei tratar-se não de uma, mas de duas ámulas, uma das quais e a mais perfeita de forma, tinha a inscrição apagada por ter «servido a afiar os machados». A outra, embora fracturada inferiormente, apresentava uma inscrição que me pareceu de grande interesse. Consegui que me fossem cedidas (1).

Assim, e um pouco inesperadamente, estávamos perante uma estação e um grupo de materiais arqueológicos de rara importância, que se caracterizavam facilmente como sendo romanos.

Mais tarde, verifiquei que a estação já era referida nas «Memorias Parochiaes de 1758» (2) e que havia em exposição no pequeno mas valioso Museu Arqueológico do Fundão alguns materiais, obtidos por acção do sr. Conselheiro José Alves Monteiro.

Deste conjunto de factos, se fez em sessão de 26 de Junho de 1969 da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, uma resumida comunicação.

Dada a importância e a variedade do contexto desta vasta estação, limitar-nos-emos por enquanto, ao estudo do poço romano e respectivo espólio.

(1) O seu estudo está a ser feito pelo sr. dr. Fernando Bandeira Ferreira.

(2) «Extractos Archeologicos das memorias parochiaes de 1758», in *Arch. Português*, III, 183: 118. Castelleiro (Beira). Trabalhos antigos. IV, 108: 373. Penamacor (Beira). Cidade de Asiriavaca.

LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO E DADOS GEOMORFOLÓGICOS (EST. I-II)

O poço situa-se muito aproximadamente no ponto de coordenadas (referidas ao Observatorio do Castelo): M = I° 50' E e P = 40° 8' N, a 1.600 metros na horizontal e 120° E do marco geodésico da RAPOULA. A altitude do local é de 425 m.

Próximo, a 1.200 metros para Este, corre o Rib.° do Taveiró.

O terreno é pouco acidentado, com ligeiros outeiros espaçados e situa-se exactamente por cima da linha de contacto entre os granitos e granodioritos hercínicos e o complexo xisto grauváquico (1), facto este que pude verificar pela colheita de algumas placas de xisto retiradas do fundo do novo poço, tendo estampados fósseis com a forma de foliculas de acácia, e pela proximidade de grandes penhascos graníticos que afloram as terras. A camada de terras neste ponto deverá ter cerca de 8 metros de possança (sondagem do poço), o que se explica se dissermos que se localiza na zona fundeira dum talvegue.

O POÇO E O SEU PREENCHIMENTO (EST. III E VI)

Foi aberto numa camada de terras de 8 metros, tendo para esse efeito, como era costume da época (2), sido realizada uma escavação em tronco de pirâmide invertida, até se atingir a camada aquífera, ao nível dos xistos. Abriram uma caixa para recepção das águas na própria bancada de xisto, com uma capacidade de 1 metro cúbico, e elevaram uma construção quadrada de 1 metro por 1 metro, em fiadas horizontais de blocos de granito muito regulares, com as dimensões aparentes de 0,50 X 0,30 metros em média, até à altura de 8 metros, ou seja presumivelmente, um pouco acima do chão, à época da edificação.

(1) Elementos obtidos da Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:1.000.000, editada pelos Serviços Geológicos de Portugal, em 1968.

(2) Sigfried J. De Laet, «Les Fouilles Destelbergen, origines de la ville gallo-romaine de Gand», in *Archeologia*, n.º 30, p. 57, Paris, 1969.

O espaço entre a cantaria das paredes, onde não notei vestígios de argamassa, e os taludes de terra, era preenchido à medida do avanço da construção, por terras e pedras batidas.

A protecção da boca do poço, só por conjecturas poderá ser avançada. No entanto, como ainda hoje se fazem e conservam na região poços e fontes com uma estrutura e construções semelhantes, não será muito despropositado imaginar que fôsse constituída por quatro lajes postas a cutelo, com 15 m/m de espessura e uma altura de peito de 0,80 m.

O material que o preenchia (1) poderá, grosso modo, ser dividido em três zonas. A primeira, a superior, seria formada por terras de entulho superficiais, onde se encontravam (verificação a que tivemos ocasião de proceder no monte de terras retiradas da escavação) fragmentos de tijolo macisso e telha de rebordo. Teria uma altura aproximada de 4,5 m., incluindo a camada de terra arável que o tapava.

A segunda camada seria constituída por terras muito arenosas de cor cinzenta clara (onde conseguimos rastrear a mesma lama ou lodo fino que cobria a cerâmica), ocuparia uma altura de 3 metros sensivelmente, e incluía: quase à superfície, um jarro quase inteiro de cerâmica parda; a seguir, vários fragmentos de «olla» e algumas peças metálicas de difícil caracterização.

A terceira e última camada seria constituída por areias e lodo, de cor cinzenta clara. Seria à superfície desta camada que estavam depositados os três vasos metálicos e talvez as duas asas (2). Logo por baixo, aquilo que ao escavador pareceu ser uma grade ou escada de madeira (3). Quase no fundo, e portanto dentro da caixa aberta no xisto, achava-se uma canga de madeira, que o sr. Teodósio Canarias disse ser igual «às que ainda hoje se fazem na região».

(1) Para estes elementos, que evidentemente não podemos controlar, utilizámos o método de inquérito de repetição e pesquisa de contradições, em uso na etnografia. De todos os relatos elaborámos um mais provável.

(2) As asas das vasilhas metálicas foram recuperadas por inquérito directo ao achador, sr. Teodósio Canarias, que ainda as guardava em casa e a que não dera qualquer importância especial, motivo porque não as cedeu com os vasos.

(3) Ainda conseguimos recolher no monte de terras retiradas dos poços, um bom fragmento de madeira desta grade, que fizemos guardar para futura análise.

As térras que saíram da escavação dos poços deverão ser necessariamente crivadas, para se tentar encontrar alguns elementos de menores dimensões que escaparam. Obtivemos autorização para o fazermos, em devida ocasião.

DESCRIÇÃO DOS ACHADOS

I — CERÂMICA

Se abstrairmos os numerosos fragmentos de telha de rebordo, tijolo maciço e tijoleira, que por insuficientemente característicos não interessa descrever, temos:

1 — Jarro («oinochoe»).

Est. VI; est. VII.

N.º de registo: 69.10.06.

Recolhido a cerca de 4,5 metros de profundidade.

Fabrico e pasta grosseiros — muitos grãos de saibro e areia grossa.

Cozedura deficiente.

Raros vestígios do engobe primitivo, acastanhado, e sinais nítidos de fogo.

Boca trilobada, de que só restam indícios por ter uma ampla fractura nesta zona.

Dimensões:

Diâmetro da boca.....	46mm
Diâmetro máximo do bojo.....	113mm
Diâmetro do fundo.....	59mm
Altura.....	135mm
Espessura média.....	6mm

Considerando a sua tipologia (1), podemos situar o fabrico deste vaso no século m d.C..

(1) Vimos dois vasos deste tipo nas vitrinas da vila romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), no Museu Nacional de Arqueologia, que são consideradas por L. Chaves como sendo do século m.

No espólio do cemitério de S. Sebastião (Setúbal) há um vaso semelhante, datado do século iv.

No espólio do cemitério romano de Monte de Penouço (Rio Tinto), havia um outro vaso parecido (Ricardo Severo, *Portugália*, II, 111).

2 — «Olla».

Desta vasilha, conseguimos recolher bastantes fragmentos, que aguardam reconstituição com os que se recolherem na peneiração das terras de escavação. No entanto, o que já existe e que inclui um bom fragmento de bordo, permite uma hipótese de forma que conduz a um tipo de vaso muito frequente na louça considerada doméstica romana, do nosso território: veja-se a colecção de vasos exposta no pequeno Museu de Idanha-a-Velha. O barro é bem cozido, fino, com uma espessura média de 5 mm, cor beje e vestígios de mica prateada.

Por si só, não nos parece que possa designar qualquer época bem determinada.

II — VASILHAS METÁLICAS E PEÇAS ACESSÓRIAS.

Este grupo de objectos, o mais notável de todo o achado, não só pela raridade como pelo óptimo estado de conservação com que chegou felizmente até nós (1), é constituído por:

1 — Balde de bronze (2)

Est. IV, 1; est. V, 1; est. XII, 1.

N.º de registo: 69.11.03

(1) Todas as peças metálicas foram tratadas convenientemente. Parte nos laboratórios do Museu Monográfico de Conímbriga (pés e asas dos baldes) sob a direcção da dr.^a Adília Alarcão, onde foram classificados pela dr.^a Maria Isabel Sousa Pereira, e outra parte (três vasos metálicos), posteriormente, no laboratório do Centro de Estudos Etnológicos de Sesimbra, pelo autor deste trabalho e M. Eugénia Dias.

(2) As matérias de que são constituídas as peças metálicas são dadas como mera hipótese, aguardando as necessárias análises rigorosas, para comprovação.

Esta peça foi executada por martelagem, numa única chapa de metal e estirada ao torno (1), seguida de alisamento exterior, também ao torno. O bordo foi martelado e revirado no final, bem como o recorte das duas argolas de suspensão, perfuradas a punção, de dentro para fora.

A peça algo amolgada, pelo intenso uso de que mostra nítidos vestígios, não apresenta qualquer decoração, apenas mostrando exteriormente os sulcos ténues do rodado de torno.

Tem dois remendos feitos com chapa igual ao vaso, convenientemente rebitados a cobre. Recortados em chapa, faziam dois pequenos remendos, um por dentro, outro por fora, que eram seguidamente cravados. Um terceiro remendo existe, que por ser no bordo do vaso, foi realizado numa só chapa que segue a forma do mesmo, e vira para dentro, sendo depois rebitada. Um dos primeiros remendos descritos quase coincide com o ponto do torno, e perdeu parte do rebite e chapa exteriores.

A superfície do vaso apresenta algumas fendas, que me parecem ter sido provocadas por impacto de queda somado à pressão das terras de entulho. O vaso encontrava-se de lado, no centro do poço, a cerca de 7 metros de profundidade, conjuntamente com os vasos descritos a seguir, com os números 2- e 3-.

Parece ser a peça mais antiga do grupo, tanto pela forma como pelo uso que mostra.

Peso..... 224 g

Valores médios

Diâmetro pelo exterior do rebordo	160 mm
Diâmetro da boca.....	139 mm
Diâmetro máximo do bojo.....	137 mm
Diâmetro do fundo.....	42 mm
Altura.....	118 mm
Espessura da chapa.....	1,2 mm

(1) As características de fabrico são idênticas às que pude observar na esplêndida oficina de caldeiraria do sr. Faria da Cunha, de Oliveira do Hospital, a quem devo alguns esclarecimentos técnicos, e onde a tradição deste trabalho se mantém, sem adulterações sensíveis, conservando uma rara qualidade.

2 — Balde de bronze ou latão

Est. IV, 2; est. V, 2; est. XII, 2; est. IX, 3; est. XI.

N.º de registo: 69.11.04.

Peça muito semelhante em características de forma e fabrico à anterior, pelo que nos dispensaremos de repetir o que então dissemos. Acrescentaremos que o seu estado de conservação é quase perfeito, sem corrosão aparente, sem remendos, com algumas pequenas amolgadelas e fendas possivelmente devidas ao impacto de queda. Exteriormente, e interiormente junto ao bordo, notam-se as estrias muito vivas do trabalho de torno.

Ausência de pés.

A grande singularidade desta peça, relativamente à anterior, consiste na decoração superior do bordo, que apresenta a espaços, e em todo o perímetro, uma série de riscos paralelos e entrecruzados feitos a cinzel. Estudaremos esta decoração adiante.

Encontrava-se de boca para baixo, junto às peças 1- e 3-, a 7 m de profundidade.

Peso..... 498 g

Valores médios

Diâmetro pelo exterior do rebordo . .	227 mm
Diâmetro da boca.....	206 mm
Diâmetro máximo do bojo.....	205 mm
Diâmetro do fundo.....	55 mm
Altura.....	182 mm
Espessura da chapa.....	1,6 mm

3 — Balde de bronze ou latão.

Est. IV, 3; est. V, 3; est. XII, 3; est. IX, 1 e 2.

N.º de registo: 69.11.05

Peça obtida a partir duma só chapa, o que bem demonstra a extrema perícia de quem a trabalhou. A sua forma é muito diferente das anteriores, e não tivesse sido achada junta com elas, fácil teria sido atribuí-la a uma outra época. No entanto, certas particularidades de fabrico são as mesmas numa e outras peças: o efeito da martelagem reconhece-se

por indícios iguais, o mesmo sucedendo com as estrias do trabalho do torno e diâmetro do *ponto* do fundo, que é o mesmo.

A matéria deste balde é semelhante, senão a mesma, do anterior.

No fundo apresenta marcas evidentes de soldadura, a todo o seu perímetro, dum anel que lhe serviria de pé, e que não foi encontrado.

No entanto, para além da bem marcada carena que apresenta, diferente modelo de bordo, que é vincado duas vezes em ângulo recto, a característica que mais ajuda a individualizar esta peça é a presença, em pontos opostos do bordo, de duas peças fundidas de cobre, soldadas a estanho e não rebitadas, representando uma máscara. São precisamente estas argolas — neste caso *maskardes* — que lhe conferem a sua especial importância. Adiante veremos porquê.

Foi encontrada como já se disse a 7 metros de profundidade, deitada de lado, agrupada com as peças 1- e 2-.

O seu estado de conservação é o melhor possível. Não fora as ligeiras amolgadelas que apresenta, uma pequena fenda na carena soldada a estanho, outra recente, e a argola dum dos mascarões partida, dir-se-ia ter sido abandonada praticamente sem uso.

Para este balde, baseados em raros elementos de difícil consulta (1), e na época atribuída a um vaso semelhante recolhido na Mina do Fojo das Pombas (2), damos uma datação que oscilará prudentemente dentro dos séculos i e n d.C..

Peso..... 1075 g

Valores médios

Diâmetro pelo exterior do rebordo . .	242 mm
Diâmetro da boca.....	218 mm
Diâmetro máximo do bojo.....	298 mm
Diâmetro do fundo.....	103 mm
Altura.....	285 mm
Espessura da chapa.....	0,7 mm

(1) L. Chaves, «Estudos lusitano-romanos. I. — A «villa» de Santa Vitória do Ameixial (concelho de Estremoz). Escavações de 1915-1916», in *O Arch. Português*, XXX, 103.

(2) Vid. nota 1 da pág. 65 deste artigo.

4 — Asa de balde, de cobre. (?)

Est. IV, 2; est. V, 1.

N.º de registo: 69.11.04.

É constituída por urna fina chapa de cobre ou bronze, com a espessura de 1,5 mm, que parece ter sido repuxada e martelada por caldeamento, de modo a obter-se a forma arqueada que apresenta. Uma das suas extremidades em curva acha-se estirada, o que poderá ser atribuído a excesso de peso do vaso que suportava.

Por hipótese razoável, parece-me que pertenceria precisamente ao vaso 2, porque apresenta um afastamento entre ansas, igual à distância entre as argolas do vaso.

Em toda a bibliografia e colecções que percorri, não encontrei paralelo para esta peça. As asas que mais se lhe aproximam, são quase sempre rematadas por cabeças de cisne ou cobra.

5 — Asa de balde, de ferro.

Est. IV, 3; est. V, 2.

N.º de registo: 69.11.05.

É formada por um varão octogonal de ferro, que parece ter sido repuxado e recurvado ao fogo. Tem uma secção média de 6 X 6 mm. As duas extremidades são recurvadas para cima e apresentam, como remate, duas cabeças de cisne ou cobra, que ilustram perfeitamente o que dissemos no anterior parágrafo (1). Este tipo de asa é bastante vulgar, quando em cobre ou bronze; em ferro, e com a secção que apresentamos, não conheço similar. No entanto, podemos explicar a sua raridade, em grande parte, pela relativa efemeridade do material constituinte, que, neste caso, se apresenta muito corroído, embora as excepcionais condições de jazida a que ficaram sujeitas todas estas peças tenha contribuído para que este objecto apresente ainda um bom núcleo metálico.

A sua curvatura seria quase circular, se não fosse uma ligeira dobra na parte superior do arco, que uma vez desfeita permitiria fazer atribuir esta asa ao vaso 3, hipótese esta que propomos.

(1) A dr.^a M. Isabel Sousa Pereira é do parecer que se trata de *cabeças de cobra*, reservando o termo «cabeça de cisne» para um outro tipo de remate que se caracteriza por terminar num botão espalhado.

6 — Pé de balde, de cobre.

Est. VIII, 1; est. V, 4.

N.º de registo: 69.11.01.

A determinação da serventia desta peça e da que se segue apresentava-se muito problemática, uma vez que a bibliografia e colecções consultadas não incluíam nada de comparável. Em Outubro de 1969, obtive finalmente a decifração da função destes objectos: tratava-se de pés de baldes, que eram soldados por 3 ou 4, no fundo desses recipientes.

A peça considerada, tem de comprimento 50 mm e uma espessura média de 6 mm.

Por comparação com as peças representadas na est. VIII, 2 e 3, que estão datadas, podemos atribuí-la ao século i d.C..

7 — Pé de balde, de bronze.

Est. VIII, 4; est. V, 3.

N.º de registo: 69.11.02.

De igual modo, a utilidade desta peça, bastante diferente da anterior, ficou resolvida na mesma ocasião. Tratava-se também dum pé de balde. A peça parece fundida num bronze em que entra uma forte dose de chumbo — facto este verificado durante os trabalhos de limpeza, — e tem de comprimento 70 mm, uma largura média de 21 mm e a espessura média de 11 mm.

Por comparação com as peças ilustradas na est. VIII, 6, podemos atribuir este artefacto ao século i d.C. (1).

A peça ilustrada na est. VIII, 5, encontra-se no Museu Santos

(1) Devo esta identificação à dr.^a M. Isabel S. Pereira, que me deu as referências bibliográficas que a seguir seguem, e donde copiei as figuras VIII, 2, 3 e 6.

Para a peça 6:

Gunther Ulbert, *Die römischen donau-kastelle Aislingen und Burghöfe*, p. 95, est. 23, n.ºs 14 e 15. Berlin 1959.

Para a peça 7:

Maria H. P. Den Boesterd, *The bronze vessels in the Rijksmuseum G. M. at Nijmegen*, p. 39, figs. 113 e 114, 1956.

Rocha da Figueira da Foz, onde tem o n.º de catálogo 7970, e é igualmente de bronze. A sua proveniência é desconhecida.

Há uma peça idêntica nas colecções do Museu Monográfico de Conímbriga.

Até à data, são as únicas peças comparáveis existentes em Portugal, de que tivemos conhecimento.

CONCLUSÕES

Resta-nos, portanto, integrar este achado no contexto da arqueologia do nosso país.

Para esse efeito, os únicos termos de comparação que considero válidos para o caso em estudo são, em primeiro lugar, o trabalho já várias vezes referido sobre os materiais de Mina do Fojo das Pombas, outro importante conjunto de vasilhas de metal romanas (1) e o breve mas muito útil estudo sobre o poço romano de Egitânia (2).

os VASOS

Tenhamos presentes a est. XII e, se possível, o estudo sobre os achados do Fojo das Pombas. Sem esforço, poderemos dividir tipologicamente o conjunto de vasos representados, em três núcleos bem definidos quanto à forma, fabrico e elementos decorativos.

O primeiro grupo, será constituído pelos vasos n.ºs 4 e 5, que apresentam os seguintes valores constantes:

Execução por junção de várias chapas.

Material: cobre.

Ligação das placas por rebites de cobre.

Forma obtida por simples martelagem e recozimento.

Argolas perfuradas numa chapa separada e rebitadas no vaso.

(1) Devo o conhecimento deste trabalho ao sr. dr. Jorge Alarcão. Mais tarde, procedi ao estudo directo destas peças no pequeno museu do Serviço de Fomento Mineiro do Porto, onde obtive autorização para os fotografar.

(2) Fernando de Almeida e O. V. Ferreira, «Um poço lusitano-romano encontrado em Idanha-a-Velha», in *O Arqueólogo Português*, I, série III, 57, Lisboa, 1967.

Remendos de chapa de cobre cravada.

Ausência de pés.

Ausência de decoração.

Deste grupo conhecem-se vários exemplares, incluindo mais um da série Valongo, que não vai figurado.

O exemplar designado pelo número 5, de Valongo, (est. X), tem uma argola de tipo mais recente (fundida) soldada por cima da primitiva argola de folha rebitada, que se poderá perceber por baixo; do mesmo modo, os vestígios de pés que apresenta, por serem soldados a estanho, terão de ser considerados posteriores, talvez da época da aposição da argola fundida.

Ao segundo grupo, pertencem os vasos 1 e 2, que são dum tipo completamente inédito até à data. Têm como características constantes:

Execução numa chapa única de metal.

Material: bronze ou latão.

Forma obtida por recozimento e estiramento ao torno.

Argolas de suspensão recortadas na própria folha do balde e perfuradas.

Remendos rebitados com a mesma chapa do vaso e rebites de cobre.

Ausência de soldadura a estanho.

Ausência de pés.

Decoração riscada a cinzel, com motivos que lembram sugestivamente certa decoração típica da época La Tène 11(1) (Est. IX, 3; est. XI).

(1) A. Viana, *Museu regional de Beja — Alguns objectos da Idade do Bronze*, Beja, 1946. J. Leite de Vasconcelos, «Analecta archeologica», in *O Arch. Port.*, VIII, 162.

Por curiosidade, apresentamos a seguir um pequeno quadro com as repetições dos motivos decorativos usados neste vaso:

a	b	c	d	e
4 ×	1 ×	2 ×	1 ×	2 ×

O terceiro e último grupo, ilustrado pelos vasos 3, 6 e 7, apresenta as seguintes características constantes:

Execução numa só chapa de metal.

Material: bronze ou latão.

Forma obtida por martelagem e repuxamento, com estiramento ao torno e recozimento.

Argolas de suspensão fundidas e soldadas a estanho.

Remendos por simples soldadura a estanho.

Pés de bronze soldados a estanho.

Ausência de decoração, a não ser a que se apresenta nas argolas.

Conhecem-se vários tipos de argolas fundidas (1). O vaso 6 vai fotografado na est. X. Deste grupo é um outro vaso da Mina do Fojo das Pombas que se não representa fotograficamente, mas que vai designado com o n.º 7 na est. XII, e que é o mais semelhante ao vaso 3- da Tôrre.

E temos assim esboçados três tipos bem definidos, a que será tentador atribuir uma cronologia relativa. Pensamos que o tipo primeiro deverá ser o mais antigo, já que estamos relativamente convencidos de que os tipos 2.º e 3.º poderão ser quase contemporâneos.

É objecção muito razoável, poder atribuir-se tais diferenças a fenómenos de diferenças locais, officinais, a diferentes tradições artesanais contemporâneas ou até à corrente razão que explica estas diferenças por simples fenómenos de importação, aliás verificados noutros produtos da mesma época. De tudo o que expusemos, concluímos ser melhor esperar, e deixar o estudo nesta fase embrionária de análise.

No entanto e independentemente das conclusões expendidas acima, parece-nos que o tipo mais comum de argolas fundidas que se conhece no nosso país, o tipo mascarão, cujo «protótipo é o dos

(1) Manuela Delgado prepara uma tipologia de argolas de situlas encontradas em Conímbriga, que publicará no próximo volume desta revista.

selos de bronze itálicos», nos dizeres de L. Chaves (1), se poderá sem grande risco, associar mais ou menos definitivamente aos baldes que constituem o grupo 3.º (Est. XII, 3, 6 e 7).

Podemos afirmar também, sem grandes riscos de desmentido, que o grupo de vasilhas descoberto no poço da Torre serviria para o transporte de água — simples baldes, e que devem ter sido abandonados por terem caído no poço (fractura de asas, argolas?), sendo a sua recuperação impossibilitada felizmente, pela pequenez e profundidade do poço.

0 POÇO

Se excluirmos o estudo sobre o poço de Egitânia, pouco ou nada se conhece no nosso país sobre este assunto. Encontrei uma única magra referência noutro trabalho (2) onde se diz que na «Tapada de Chaminé (freguesia de Vila Fernando)...há um poço, possivelmente romano, cujo paramento interno é de alvenaria». E mais nada.

Resta-nos portanto, comparar o caso em estudo, com o poço descoberto em 1964 por baixo da muralha romana (séc. m/iv) da cidade de Egitânia. Entre um e outro há flagrantes pontos de semelhança. (Não esquecer que as suas regiões formam sob o ponto de vista de geografia humana, um todo). Assim, verificamos:

a) —o mesmo dimensionamento e forma: um quadrado de 1 m x 1 m.

b) —preenchimento com uma estratigrafia muito parecida.

Não referimos a igualdade de alturas, porque ela depende necessariamente da situação dos lençóis de água, e poderia muito bem ser diferente. O acaso, proporciona-nos deste modo uma igualdade natural, que nos irá permitir uma comparação muito facilitada.

(1) Luís Chaves, *art. cit.*

(2) A. D. Deus, H. S. Louro e A. Viana, *Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Eivas*, p. 569, Saragoça, 1955.

Observemos o quadro seguinte:

ALTURA DAS CAMADAS (METROS)	POÇO DA TORRE DOS NAMORADOS		POÇO DE EGITÂNIA	
	<i>Época</i>	<i>Conteúdo</i>	<i>Conteúdo</i>	<i>Época</i>
Sup. «0»	Séc. xx		Construção da muralha	Séc. III/IV
1		Entulho de terras su- perficiais com:	Entulho de terras com:	
2		<i>tijolos</i>	<i>tijolos</i>	
3		<i>telhas</i>	<i>telhas</i>	
4		<i>tijoleiras</i>	<i>tijoleiras</i>	
5	Séc. III	Terras arenosas e lódo	Terras finas anegradadas	Séc. II
6		<i>Jarro</i> <i>Fragts. «Olla»</i>	<i>Cerâmica doméstica</i> <i>Vaso da época de</i> <i>Augusto</i>	
7	Séc. I/II	<i>Baldes de metal</i>	<i>«Terra sigilata» dos</i> <i>sécs. I e II</i>	Séc. I
8		<i>Grade de madeira</i>	Terra negra carbonosa com:	
9 ^m		<i>Canga de madeira</i>	<i>estatueta, anéis, alfine-</i> <i>tes, ossos, sementes,</i> <i>roda de madeira...</i>	
		XISTO	XISTO	

O quadro parece-nos esclarecedor porque demonstra a relativa contemporaneidade dos níveis das duas estações e poderá fornecer para o estudo das vastas estações, um marco importante de referência cronológica, que se irá enriquecendo por interpolações. Os dados duma estação confirmam os da outra, e dão uma visão mais ampla da história duma vasta região do país, na época considerada.

E para finalizar, diremos que da análise dos numerosos elementos a que este simples estudo nos obrigou, do exame atento de certos indícios comuns à região do Fundão e à região da Idanha: antroponímia, toponímia, nomes de deuses, somados aos indícios que se revelam por uma intensa ocupação na época do ferro, muito bem testemunhada nas duas regiões, conduzem-nos insensivelmente, a pensar que a romanização vitoriosa, encontrou um ambiente culturalmente muito evoluído,

ao contrário do que estamos habituados a pensar. E, que esse ambiente cultural teria umas raízes tais que, sobrevivendo a diversas comoções históricas, algumas muito graves, parecendo irreparáveis, ainda hoje mantém certas singularidades culturais que surpreendem pela sua riqueza. Refiro-me ao povo e folclore da Cova da Beira e Campanha da Idanha.

Apraz-me neste instante citar uma curta passagem que a muitos poderá parecer descabida, mas que eu acho carregada de boa significação :

..... «Le dieu Lug en effet était dans l'épopée celtique le bon ouvrier, à la fois charpentier, forgeron et poète, capable d'exécuter de ses mains, avec ses outils, n'importe quel ouvrage. Dans le panthéon des Celtes, ce n'était pas le dieu de la guerre qui se trouvait le plus honoré, mais ce dieu Lug, celui des techniciens. » R. P. (1).

RÉSUMÉ

Dans un puit romain fouillé à Tôrre dos Namorados, près de la petite-ville de Fundão, Beira Baixa, on a trouvé un group important de trois pièces métalliques, trois «situlae», qui par leurs formes et leurs décors donnent des précieux renseignements pour l'étude de la colonisation romaine à cet endroit. L'auteur présente aussi la stratigraphie comparée de cette station archéologique et du puit de la ville romaine d'Egitânia, dans la même région.

GUSTAVO MARQUES

NOTAS FINAIS — Os objectos estudados no presente trabalho serão brevemente expostos no Museu do Centro de Estudos Etnológicos de Sesimbra, onde se encontram em estudo. Os n.^{os} de registo são os do Arquivo do Centro.

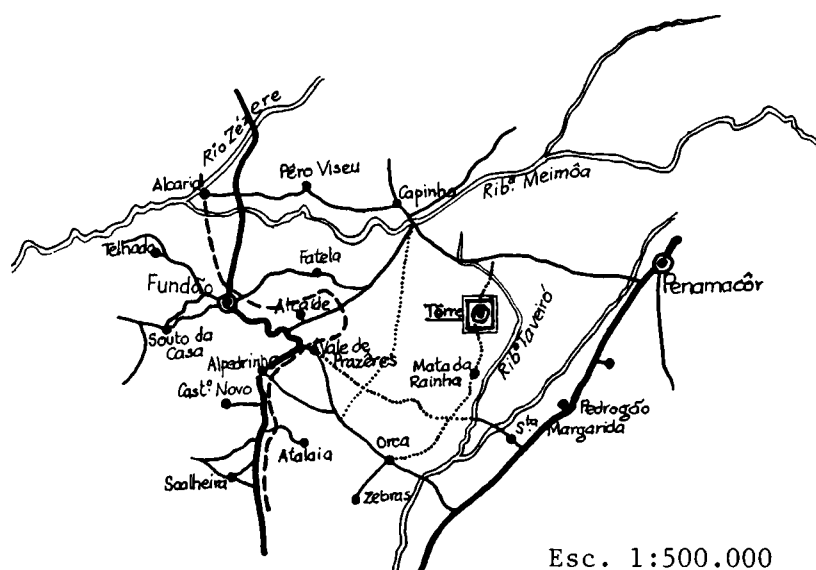
Estando já este estudo em impressão, numa visita realizada em Maio de 1970 ao Museu Arqueológico Municipal da Figueira

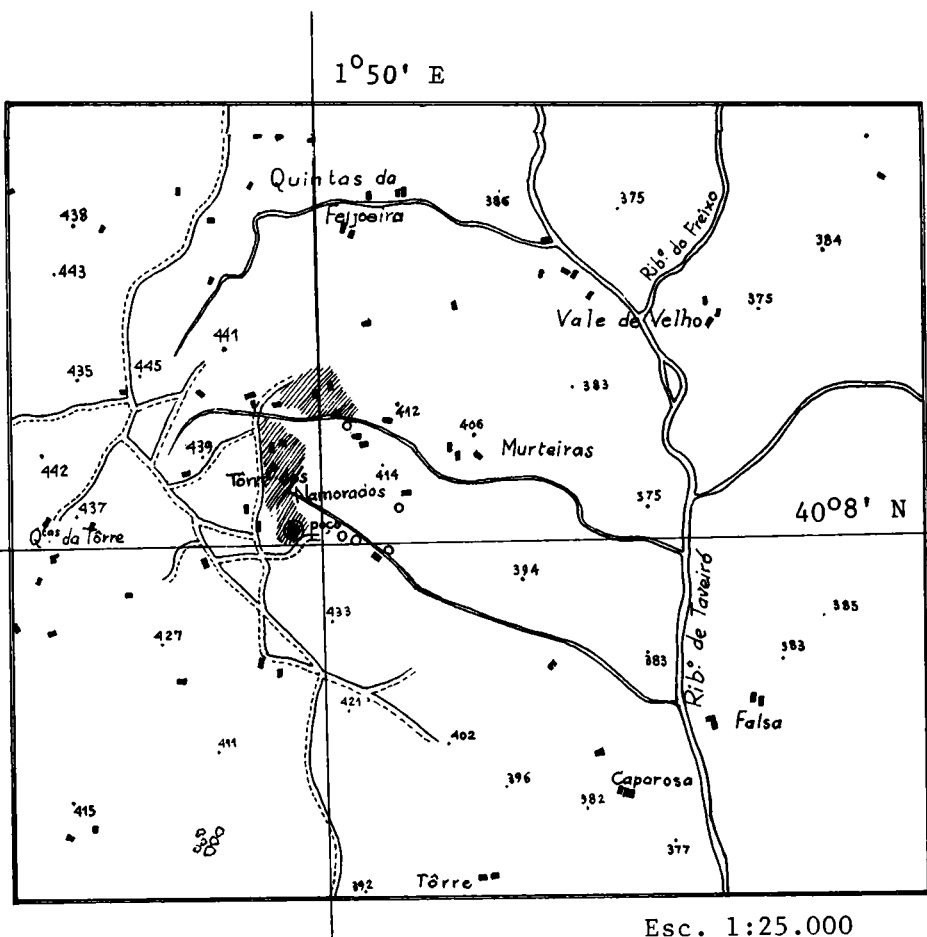
(1) Régine Pemoud, «Le Gaulois ce technicien genial», in *Archeologia*, n.º 7, 22. Paris, 1965.

da Foz, esclareceu-se a proveniência da peça n.º 7970, atrás referida (p. 77); vem inscrita no livro de Registo de Entradas desse museu, com o n.º 376, pelo punho de Santos Rocha. Foi encontrada em Portunhos (Cantanhede).

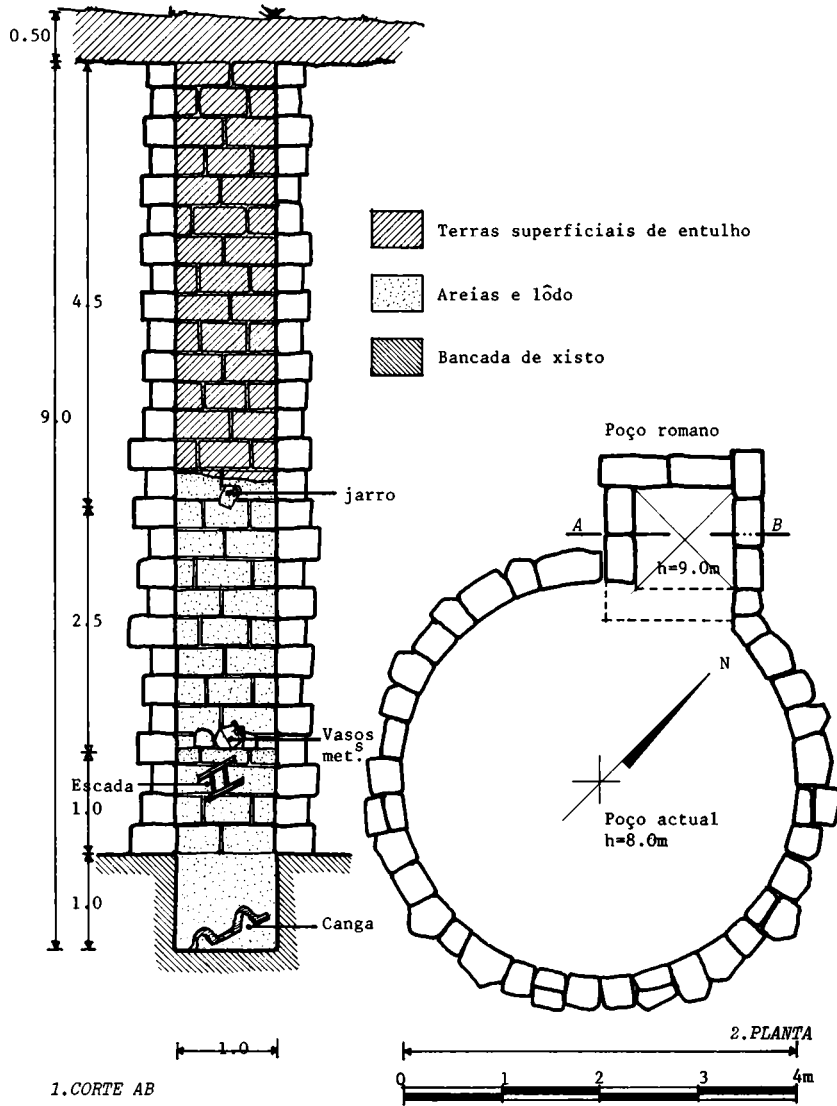
Aproveito a ocasião para agradecer à direcção do referido museu, na pessoa do sr. dr. Victor Guerra, todas as atenções e facilidades concedidas para o estudo e referenciação dos materiais ali expostos.

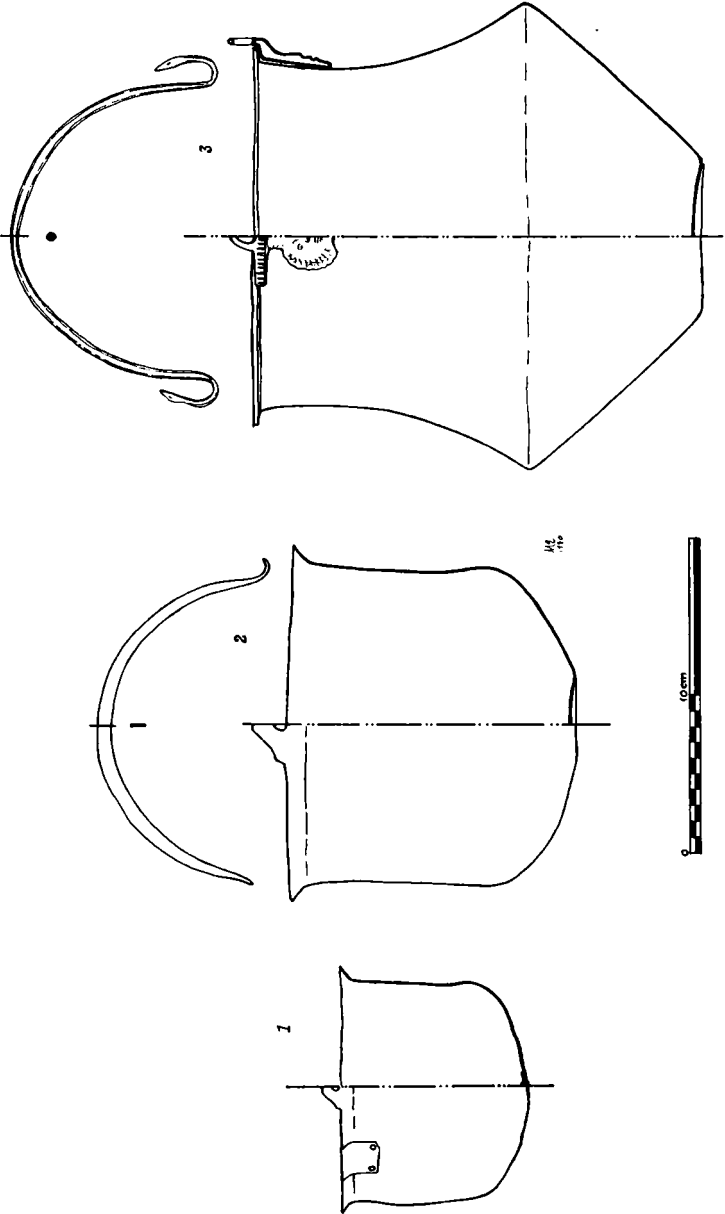
(Página deixada propositadamente em branco)



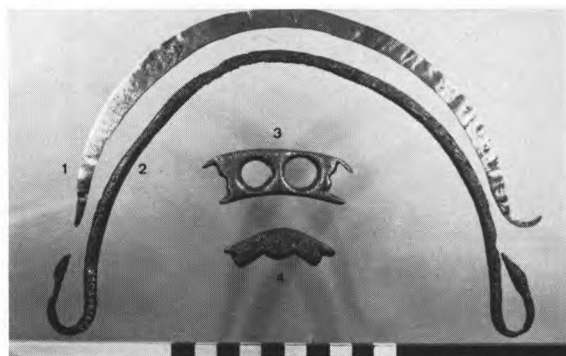
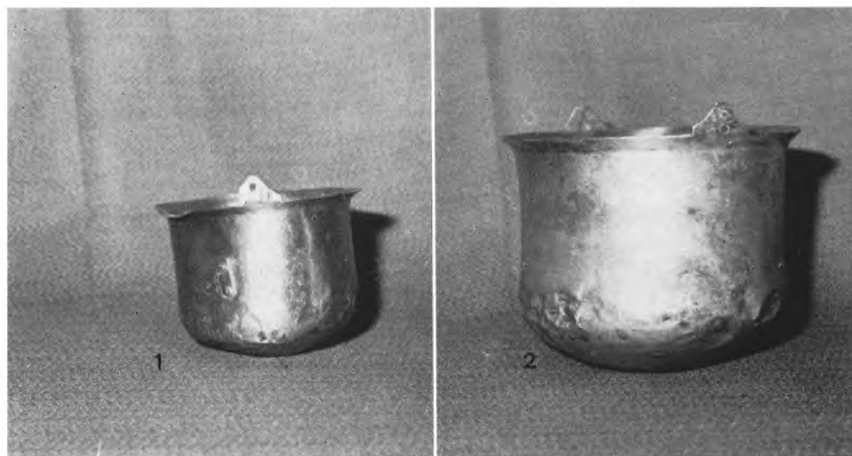


ESQUEMA DO POÇO E RESPECTIVO PREENCHIMENTO





Esquema dos baldes e prováveis asas



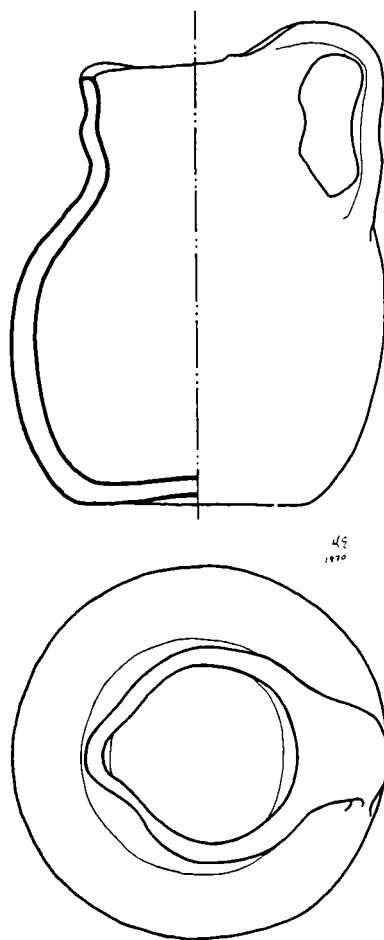
Baldes, asas e pés metálicos



Poço actual e poço romano



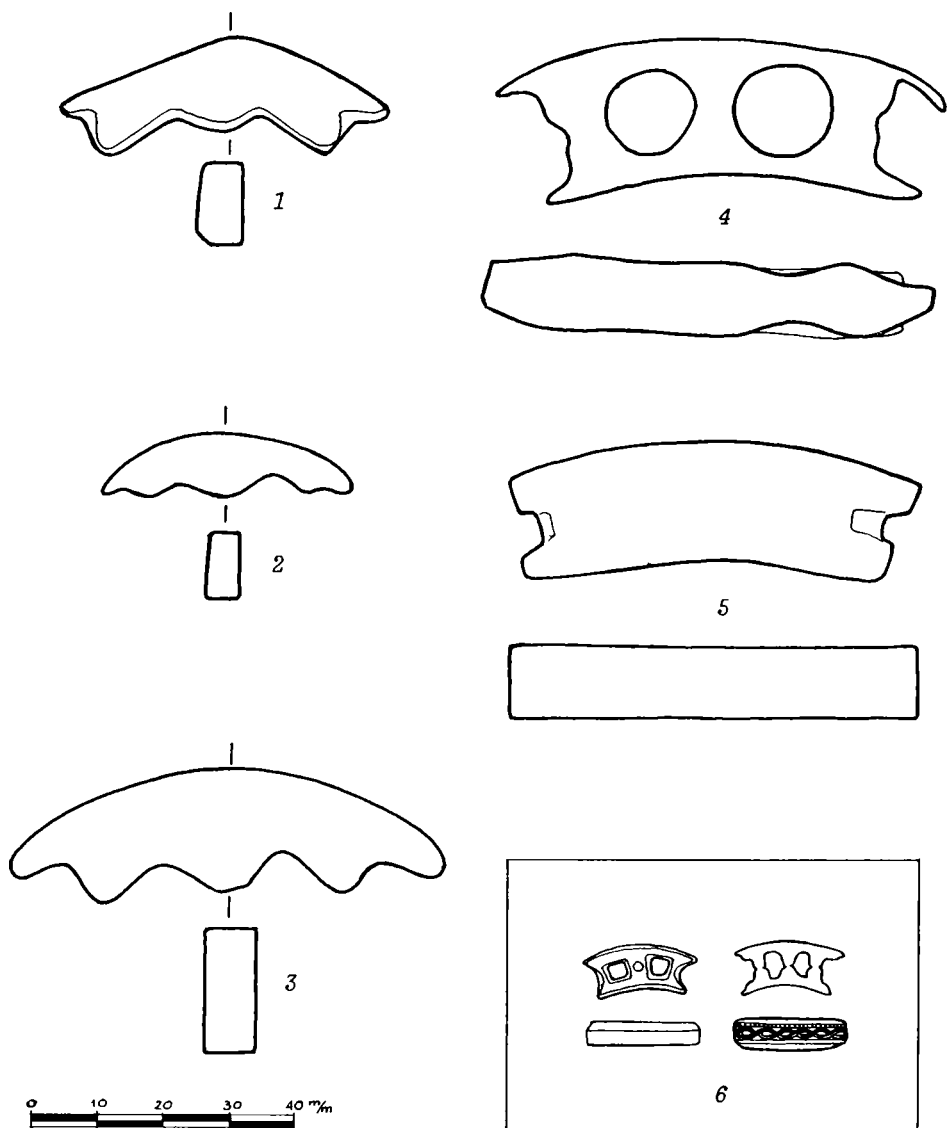
Jarro



4/5
1970



Jarro



Pès de *situlae*

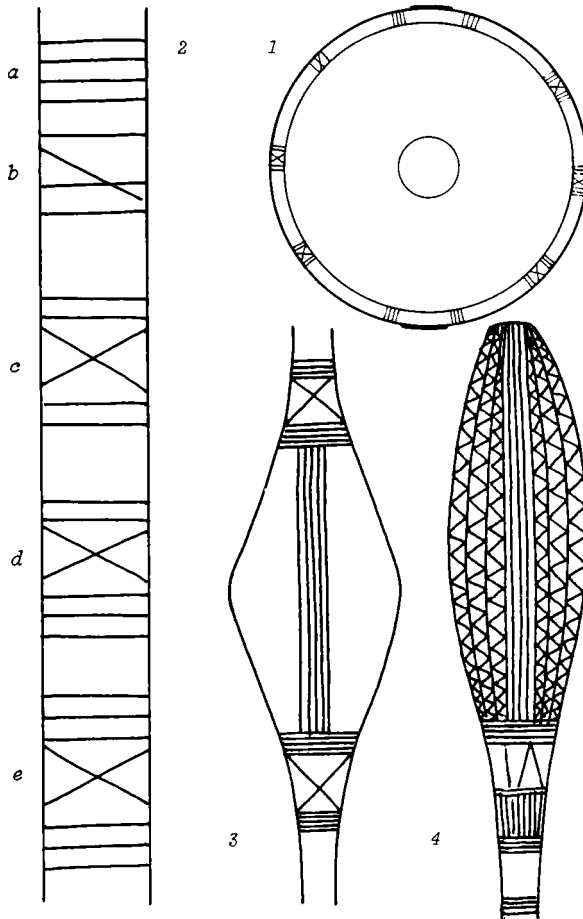


Argolas do vaso 3 e decoração do vaso 2

Est. X

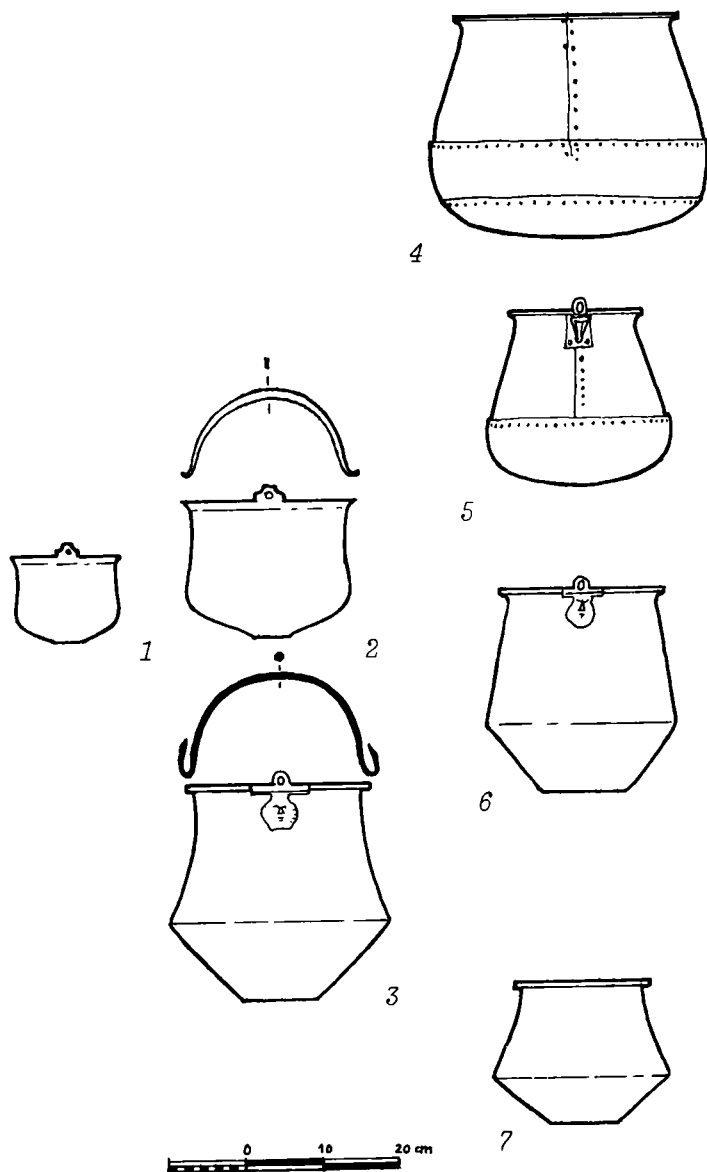


Vasos de mina do Fojo das Pombas



1-2. Decoração do vaso 2.

3-4. Decoração de duas fíbulas de Quintos (Serpa).



Esquema de comparação formal entre a série de vasos metálicos da Torre dos Namorados (1, 2, 3) e alguns vasos da Mina do Fojo das Pombas (4, 5, 6, 7).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abauzit, Pierre, 23, 29.
Aemilia, família, 6.
Aemilius Scaurus, M., 6.
Aeminium, 1.
Aguiló, Juan Cabré — Vide: *Cabré*
Aguiló, Juan.
Aiguefer, 43.
Aislingen, castelo, 76.
Aitken, M. J., 8, 9.
Alarcão, Adília, 65, 71.
 ———, Jorge, 13, 65, 77.
Albenga, 59.
Alentejo, 62.
 ——— Vide também: BaÉXe *Alentejo*.
Alicante — Espanha, 39.
*zì//çre</i>, J. C., 9.
Almeida, Femando de, 33, 48, 77.
 ———, Justino Mendes de, 2.
Alqueidão da Serra, lugar, 3.
/i/ves, Francisco Manuel, 24.
Ameixial—Estremoz, 70, 74.
Andreus, lugar — Batalha, 3, 4, 13.
Apolo, deus, 42.
Aquitânia (Aquitaine), 29.
Arábia Petreia, 6.
/4res — Vide: *Marte*.
Aretas, rei da Arábia Petreia, 6.
/lr/itf/ ou *Arneiro* — Leiria, 2.
Asiriavaca, cidade, 67.
/Issas, M., 2.
Atalaia — Baixo Alentejo, 23.
Atenas, 18.*

Augusto, imperador romano, 10, 15,
 45, 81.

Aurora, deusa, 43.

Azoia, freguesia — Batalha, 3.

B

Badajoz, 53, 55.
Baixo Alentejo, 23.
Barreiros, Gaspar, 3.
Batalha, concelho, 1, 3, 5, 13.
Beauregard, bairro, 56.
Becatti, Giovanni, 18, 49, 50, 59.
Behrens, 10.
2?e/ra, 66, 67, 82.
 ———, Cova da — Vide: Cova çfo *Beira*.
 ——— Baixa, 82.
Beja, 62, 78.
Bellido, A. Garcia y — Vide: *Garcia*
 y *Bellido*, A.
Beltran, A., 53, 55, 61.
Bencafede, 47.
Berlim, 76.
Besançon, 52, 55.
1?/C0 Sacho, lugar — Batalha, 3, 4.
Boesterd, Maria H. P. Den, 76.
Boiiard, M. de, 46.
Bohena, 11.
Berna, necrópole — Tafilalt, 47.
Beeç, Georges C., 35.
Bordéus (Bordeaux), 58.
Borrallheira — Teixoso, 40, 59.
Braemer, F., 14.

Brandão y Domingos de Pinho, 4.

BregliOy 48.

Brézillon, Michel, 24.

Britain — Vide: *Inglaterra*.

British Museum, 26, 33, 38, 53.

Bruges (Brugge), 38, 55.

Bruhly M. Adrien, 53.

Burghôfe, castelo, 76.

Busche-Fox, J. P., 25, 26, 36, 46, 57.

Biittner, Anita, 36, 58.

C

Cabié, E., 52.

Cabré Aguiló, Juan, 23.

Cagnaty René, 17, 34, 44, 48, 58.

Calado, José, 4.

Caligula, imperador romano, 49.

Callipo ou *Callippo* — Vide: *Collippo*.

Cambodunum, estação arqueológica, 24, 35.

Campanha da Idanha, 82.

Canarias, José Teodósio, 65, 66, 69.

Cannus, 47.

Cantanhede, 83.

Cardoso, Mário, 19, 42, 43, 48, 51, 60, 61.

Carino, 19.

Casteleiro — Beira Alta, 67.

Castelo Branco, 5.

Castro, L. de Albuquerque e, 65.

Catão, 44.

Centro de Estudos Etnológicos de Sesimbra, 71, 82.

Challons — Vendaia, 55.

Chaminé, herdade — Eivas, 80.

Chão da Torre — Fundão, 66.

Chapot, 17, 44, 48, 58.

Chaves, Luís, 70, 74, 80.

Chipre, 44.

Cibele, deusa, 42.

Cláudio, imperador romano, 8, 19.

Clermont-Ferrand — França, 53.

Coimbra, 8.

Coliantes de Terán, Fernando, 47.

Collippo, *Callipo* ou *Callippo*, 1-5, 7, 12.

Comissão Regional de Turismo de Leiria, 4-7, 12-14.

Conimbriga, 1, 2, 8, 17, 21, 23, 24, 27, 33, 36, 38-43, 48, 51-55, 57, 59, 62, 65, 71, 77, 79.

Constantinopla, 44.

Córdova (Córdoba), 39.

Correia, Mendes, 32.

Cortiço, Vale do — Vide: *Vale do Cortiço*.

Costa, A. I. Marques da, 2.

Coupry, J., 58.

Courtois, J. Cl., 25, 46, 53, 56.

Cova da Beira, 82.

Crispino, 19.

Cristo, Jesus, 3.

Cunha, Faria da, 72.

D

Daremberg, 17, 44, 48.

De Laet, Sigfried J., 68.

Debarbas, lugar — Leiria, 4.

Delgado, Manuela, 79.

Destelbergen, 68.

Deus, António Dias de, 80.

Diana, deusa, 5.

Dias, José Lopes, 66.

——, M. Eugénia, 71.

Domiciano, imperador romano, 6.

Douguédroit, Maria Cristina Moreira de Sá, 2.

Dragertdorf, 8.

Durvin, Pierre, 54.

E

École Française de Rome, 11.

Egipto, 20, 45.

Egitânia, cidade, 77, 80-82.

Eguaras, Joaquina, 63.
Eketorp's Borg — Suécia, 22.
El Palomar, 24.
Elche — Alicante, 39, 48.
Eivas, 80.
Emmerita — Vide: Mérida.
Eros, deus, 44.
Escolives — Yonne, 27.
Espanha (Espagne, España, Spanien),
 15, 32, 35, 46.
Espérandieu, Émile, 15.
Estremadura, 13.
Estremoz, 70, 74.
Europa Central (Mitteleurope), 35, 46.
Eygun, François, 41, 52, 55.

F

Faculdade de Ciências do Porto, 9.
 — *Letras de Coimbra*, 8.
FarenCy G., 52.
Fernando, Vila — Vide: F/Va *Fernando*.
Ferreira, Fernando Bandeira, 2, 67.
 —, Octávio da Veiga, 77.
Festus y 49.
Fetaly Reguengo do — Vide: *Reguengo do Fetal*.
Figueira da Foz, 77, 82.
Fojo das Pombas — Valongo, 65, 74, 77, 79.
FolqueSy Alejandro Ramos — Vide: *Ramos Folques*, Alejandro.
Fouety Georges, 29.
Fournier, P. F., 53.
França (France), 15, 38, 55.
Franco-Condado (Franche-Conté) — França, 47.
Freixo y S. Sebastião do — Vide: 5. *Sebastião do Freixo*.
Fundação Calouste Gulbenkian, 8, 9.
Fundão y 25, 59, 65, 67, 81, 82.

G

Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria, 4-6, 8, 12-14.
Gabor y 52.
Gália (Gaule) *Romana*, 15.
Gtff/<?, Gratiano Nieto — Vide: Nieto Gallo, Gratiano.
Gandy 68.
Garda y Bellido, A., 15.
Garruchas, lugar — Leiria, 4.
Gener y Samuel de los Santos — Vide: *Santos Gener* y Samuel de los.
Gómez Infantey Tomás, 53, 55.
Gonçalves y A., 2.
GoudineaUy 11.
Gourvesty Jacques, 56.
Goury, Georges, 22.
Granada — Espanha, 63.
Grécia y 44.
Gregorio y Fernando Giménez de — Vide: *Giménez de Gregorio*, Fernando.
Grenier, Albert, 14.
Grenoble, 56.
Grey, Julian, 53.
Gross-Gerau, 35.
Guerra, Vítor, 83.
Gulbenkian, Calouste, 8, 9.

H

Haevernicky 60, 61.
Hallstatt, 25, 52, 54, 56.
Hatty Jean Jacques, 55.
Hawley y W., 25, 54, 61.
Heleno, Manuel, 40, 59.
Heliogábaly imperador romano, 49.
Hércules, herói, 43.
Heurgony Jacques, 22, 27.
Higgins y Reynold A., 19, 38, 40, 45, 50.
Hospitaly Oliveira do — Vide: *Oliveira do Hospital*.

Hübener, Wolfgang, 35,46.

Hubner, 4.

Hypsaeus, P. Plautius, 6.

Idanha-a-Velha, 71, 77, 81, 82.

*Infante*_y Tomás Gómez — Vide: Gómez *Infante* y Tomás.

Inglaterra (Britain), 25.

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, 8.

Zy/5, deusa, 19, 50.

Itáliay 18, 49.

Leiria y 1-8, 12-14.

Leraty L., 47, 52, 55.

LeriOy primitivo nome de Leiria, 1.

Lille — França, 54, 55.

Lisboa, 1, 65, 66, 77.

Londres (London), 6, 25, 33, 35-38, 53, 54, 57, 60-62.

Lopes y Bento, 3-7, 9, 12.

——, Manuel, 11.

Louis y René, 27, 31.

Louro y H. S., 80.

Lugy deus céltico, 82.

Lusitânia, 1.

Luz y Rui Acácio da Silva, 7.

Lyon — França, 53.

J

*Jiménez de Gregório*_y Fernando, 22, 24, 48, 52, 55, 58.

Joffroy, René, 52.

Juvenaly 19.

K

Kent — Inglaterra, 25, 57.

Kramer, Werner, 24, 35, 36, 61.

Kuntely Otto, 60.

L

La Logaste y oppidum, 23.

La Teñe, 22, 32, 52-56, 61, 78.

LaberiOy Galla, 1.

Lacerda y Aarão de, 2.

LambogliOy Niño, 59.

Languedoc — França, 23, 29, 43.

Lanslevillard—Sabóia, 25, 46, 53.

Las Fados, necrópole, 23, 25, 54.

Laver, James, 57, 63.

Le Glavy M., 56.

Leaty Pinho, 1, 3.

M

Maceirüy freguesia — Leiria, 4.

Madrid, 53.

Mainz y 10.

Marcial y 19.

Margaty 47.

Margidunum, 8.

MariZy Pedro de, 1.

Marte ou *Ares*_y deus, 42, 59.

Martim Gil y lugar — Leiria, 2.

*Martin*_y John, 2, 3.

Mato y Salir do — Vide: *Salir do Mato*.

Maximiano y imperador romano, 19.

May y Thomas, 25, 54, 61.

Memorias Paroquiais de 1758, 67.

Mérida (Emmerita), 6, 13.

Mesegar — Espanha, 22, 24, 52.

Mina do Fojo das Pombas — Valongo, 65, 74, 77, 79.

Mittleeuropa — Vide: *Europa Central*.

Moita y Irisalva Nóbrega, 2.

Monte de Penouço, cemitério romano — Rio Tinto, 70.

MonteirOy José Alves, 67.

Momo y António G., 65.

Mosciniy Poggio — Vide: *Poggio Moscini*.

Museo Arqueológico de Badajoz, 53, 55.
 ----- *Córdoba*, 39.
 ----- *Granada* y 63.
 ----- *Sevilla* y 23.
 ----- *Valladolid*, 47.
 ----- *Municipal de Elche*, 39, 48.
 ----- *Prehistórico* — *Roma*, 23.
Museu Arqueológico do Fundão, 67.
 ----- *Municipal «Santos Rocha» da Figueira da Foz*, 76-77, 82.
 ----- *do Centro de Estudos Etnológicos de Sesimbra*, 82.
 ----- *Monográfico de Conimbriga*, 65, 71, 77.
 ----- *Municipal de Castelo Branco*, 5.
 ----- *Nacional de Arqueologia e Etnologia* — *Lisboa*, 62, 70.
 ----- *Nápoles*, 48.
 ----- *Regional de Beja*, 78.
 ----- «*Santos Rocha*» *da Figueira da Foz* — Vide: *Museu Arqueológico Municipal «Santos Rocha» da Figueira da Foz*.
 ----- *do Serviço de Fomento Mineiro* — *Porto*, 77.
Museus — Vide também: *British Museum*, *Rijksmuseum G. M.-Nijmegen*.

N

Namorados, *Torre dos* — Vide: *Torre dos Namorados*.
Nápoles, 48.
Neptuno, deus, 42.
Nero, imperador romano, 8, 49.
Nieto Gallo, Gratiano, 47.
Nijmegen — *Holanda*, 76.
Ni try — *Yonne*, 24.
Normandia (*Normandie*), 46.

O

Olanda — *Suécia*, 22.
Oleiro, J. M. *Bairrão*, 13.
Oliveira, José de, prior de Reguengo do Fetal, 4, 5, 7.

Oliveira do Hospital, 72.
Oppia, lei, 44.
Orca, freguesia — *Fundão*, 65, 66.
O springe — *Kent*, 25.
Oswald, 8.
Oxford, 8, 25, 26, 46.

P

Padrão, Joaquim, 5.
Palheirinhos, lugar — *Batalha*, 3.
Palm, Jonas, 23.
Parada Todeia, necrópole, 32.
Paris, 17, 34, 44, 48, 68, 82.
Penamacor — *Beira Baixa*, 67.
Penouço, Monte de — Vide: *Monte de Penouço*.
Pereira, Maria Isabel Sousa, 65, 71, 75, 76.
Pernant, cemitério gaulês, 52, 54.
Pernoud, Régine, 82.
Pires, César, 47.
Pirinéus (*Pyrénées*), 14.
Plautius Hypsaesus, P., 6.
Plínio, 1, 18, 50.
Poggio Moscini — *Bolsena*, 11.
Poitiers, 41, 52.
Polónia (*Pologne*), 23, 55.
Pombas, Fojo das — Vide: *Fojo das Pombas*.
Pompeia, 20, 45, 49.
Porto, 2, 9, 65, 77.
Portugal, 1, 2, 8, 15, 19, 33, 42, 48, 51, 60, 68, 77.
Portunhos — *Cantanhede*, 83.
Potocki, Jerzy, 23, 55.
Prazeres, Vale de — Vide: *Vale de Prazeres*.
Proença Júnior, F. Tavares de, 4, 5.
Pyrénées — Vide: *Pirinéus*.

Q

Quinta de S. Sebastião — *Batalha*, 4.
 ----- *da Torre* — *Vale de Prazeres*, 65, 79, 80.
Quintiliano, 19.

R

Ramos Folques, Alejandro, 39, 48.
Rancoule, G., 23.
Rapoula — Fundão, 68.
Reguengo do Fetal — Batalha, 4, 5, 7.
Reinhart, W. N., 20, 27-29, 32, 33, 38.
Research Laboratory for Archaeology and the History of Art — Oxford, 8.
Ribeiro, Fernando Nunes, 62.
Richborough — Kent, 57.
Richter, Gisela M. A., 30, 38-39, 41-43.
Rijksmuseum G. M. — Nijmegen, 76.
Rio Tinto, 70.
Ritter ling, 10.
Rocha, Santos, 62, 76-77, 83.
Jtoej, A., 52.
Ro/na (Rome), 5, 11, 18, 23, 30, 41.
Roosens, Heli, 38, 55.
Roussillon — Vide: *Russilhão*.
Russel, D. B., 2, 3.
Russia, 20.
Russilhão (Roussillon), 43.

S

5., G., 53.
Sabóia (Savoie), 25, 53.
Sabroso, citânia, 32.
Sacho, Bico — Vide: *iftco Sacho*.
Saco ias, castro, 24.
Saglio, 17, 44, 48.
Saint-Roch, 22.
Sfl//r do Mato — Leiria, 4.
Sanches, Margarida, 12.
SíWfta Maria, Vega de — Vide: *Fe^z de Santa Maria*.
 — *Menina* — Fundão, 25, 59.
Vitória do Ameixial — Estremoz, 70, 74.
Santerre, H. Gallet de, 43.
S. Estêvão, igreja — Leiria, 4.
Santos Gener, Samuel de los, 39.

5. *Sebastião*, cemitério — Setúbal, 70.
 — , monte — Batalha, 3, 13.
 — , Quinta de — Vide: *Quinta de S. Sebastião*.
 — *do Freixo*, igreja — Batalha, 1-7, 9, 12, 13.
Saragoça, 80.
Sargel, gruta, 23.
Savoie — Vide: *Sabóia*.
Scaurus, M. Aemilius, 6.
Schubart, Hermanfrid, 23.
Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, 67.
Seminário do Corpo Santo — Leiria, 2.
Serápis, deus, 19, 50.
Serra, Alqueidão da — Vide: *Alqueidão da Serra*.
Serviço de Fomento Mineiro — Porto, 65, 77.
Serviços Geológicos de Portugal, 68.
Sesimbra, 71, 82.
Setúbal, 70.
Severo, Ricardo, 70.
SmV/za (Sevilla), 23, 47.
Shrospshire — Inglaterra, 25, 26, 36, 46.
Siccardi, Anna, 59.
Silchester, 35.
Simon, Hans-Gunther, 35.
Sociedade de Geografia de Lisboa, 67.
So/, deus, 43.
Soutou, André, 23, 52.
Spanien — Vide: *Espanha*.
Stenberger, Marten, 22.
Stumpel, Bernhard, 56.
Suécia (Sweden), 22.
Sydenham, E. A., 6.

T

Taffanel, Jean, 23, 25, 54.
 — , Odette, 23, 25, 54.
Tafilalt — Marrocos, 47.
Tapada de Chaminé — Vide: *Chaminé*, herdade.

Tarsus, tesouro, 19.
Taveiró, ribeiro, 68.
Tebas, 45.
Teixoso — Covilhã, 40, 59.
 7mí/i, Femando Collantes de — Vide:
 Collantes de Terán, Fernando.
Thiverny, vila, 54.
Tibério, imperador romano, 10.
Tinto, Rio — Vide: /?/<? *Tinto*.
Tite, M. S., 9.
Todeia, Parada — Vide: *Parada To-*
 deia.
Torre, Chão da — Vide: *Chão da*
 Torre.
 —, Quinta da — Vide: *Quinta da*
 Torre.
 — dos Namorados, 66, 81, 82.

U

Ulbert, Giinter, 57, 58, 76.

V

Vaccareccia, túmulos, 23.
Vale do Cortiço — Fundão, 66.
 — de Prazeres — Fundão, 65.
Valenciennes, 27.
Valladolid, 47.
Valongo, 65, 78.

Vasconcelos, Leite de, 2, 3, 6, 25, 59,
 62, 78.
Vega de Santa Maria — Mesegar, 22,
 24, 52.
Vendeia (Vendée) — França, 55.
Viana, Abel, 78, 80.
Vila Fernando, freguesia — Eivas, 80.
Vilshofen — Alemanha, 57.

W

Ward, John, 25, 33, 53, 62.
Wernet, Paul, 55.
Wessling — Alemanha, 57.
Wheeler, Mortimer, 33, 36-38, 53, 54,
 57, 60, 61.
Whiting, W., 25, 54, 61.
Will, Ernest, 54, 55.
Wozniak, Zenon, 23, 55.
Wroxeter — Inglaterra, 25, 26, 36, 46.

Y

Yonne — França, 24, 27.

Z

Zugmantel, castelo, 36, 58.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

	Págs.
J. M. BAIRRÃO OLEIRO e JORGE DE ALARCÃO — <i>Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)</i>	1
MARGARIDA SANCHES — <i>Statue romaine trouvée à S. Sebastião do Freixo (commune de Batalha)</i>	1 3
ELSA ÁVILA FRANÇA — <i>Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga</i>	1 7
GUSTAVO MARQUES — <i>O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)</i>	6 5
<i>índice remissi vo</i>	8 5

Composto e impresso nas oficinas da
IMPrensa DE COIMBRA, L.da
Largo de S. Salvador 1-3 — Coimbra

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:

Casa do Castelo, Editora — Rua da Sofia, 47-49

Coimbra — Portugal

*Solicitamos permuta. On pñe de bien vouloir établir Véchange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkerhr erwünscht.*

